

**A CHAVE DO PODER MÁGICO**



# **QUARTO SEGREDO**

**PREFÁCIO DE  
MARIA EUGÊNIA SEIXAS**



[www.supervirtual.com.br](http://www.supervirtual.com.br)

O Quarto Segredo  
J. R. R. Abrahão  
Capa: Glaucio Esteves  
Prefácio: Maria Eugênia Seixas

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

Fonte Digital  
Documento do Autor

© 2000,2006 J. R. R. Abrahão  
supervirtual@supervirtual.com.br



Uma publicação eletrônica da EDITORA SUPERVIRTUAL  
LTDA.

Colaborando com a preservação do Patrimônio  
Intelectual da Humanidade.

WebSite: <http://www.supervirtual.com.br>

E-Mail: [supervirtual@supervirtual.com.br](mailto:supervirtual@supervirtual.com.br)

(reprodução permitida para fins não-comerciais)

# ÍNDICE

O Autor: 4

Prefácio: 10

Maria Eugênia Santos Seixas

Apresentação: 13

Jânio Quadros

Introdução: 16

PRIMEIRA PARTE: 20

SEGUNDA PARTE: 234

# O AUTOR

**J. R. R. Abrahão**, autor do já consagrado “CURSO DE MAGIA” (prefaciado por Rita Lee), é advogado, jornalista e terapeuta.

Consultor jurídico do Sindicato dos Terapeutas (SINTE), Conselho Federal de Terapia (CFT), Conselhos Regionais de Terapia (CRTs) e Delegacias Regionais do SINTE. Além de diversas outras organizações, é filiado à Ordem dos Advogados do Brasil (São Paulo), Associação dos Advogados de São Paulo, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais e Organização Internacional dos Jornalistas.

Compositor, foi parceiro musical (e “mágico”) de Raul Seixas, com quem compôs “A PEDRA DO GÊNESIS” e “ANGEL”.

Raul Seixas e Marcos Nova, numa prova dos laços de amizade que os uniam (e unem), lhe dedicaram uma de suas mais belas composições: “CARPINTEIRO DO UNIVERSO”.

O Autor tem estudado e pesquisado todas as formas de ocultismo, tendo se associado a diversas entidades regionais, nacionais e internacionais, como o Institute of Noetic Sciences (EUA), American Association of Electronic Voice Phenomena (EUA), Amis de la Radiesthésie (França), The Radionic Association (Inglaterra), Oeunmila (Nigéria), RGS (Suíça), entre

tantas outras.

É o “Frater Superior” e “O.H.O. – Outer Head of the Order – Cabeça Externa da Ordem” para o mundo todo da O.R.C. – Ordo Rosae Celestis – Ordem da Rosa Celeste, uma ordem hermética internacionalmente estabelecida, e de seu “círculo interno”, a O.L.C. – Ordo Lotus Caelestis – Ordem do Lotus Celeste.

J. R. R. Abrahão ministra cursos e workshops sobre os assuntos abordados nesta obra, além de outros temas esotéricos.

Colaborando com a preservação do Patrimônio Intelectual da Humanidade, mantém na internet o website [www.supervirtual.com.br](http://www.supervirtual.com.br)

**J.R.R. ABRAHÃO**

***A CHAVE DO PODER MÁGICO***

# **O QUARTO SÉGREDO**



**(Arcano IV)**

Este livro é dedicado à memória de meu inesquecível  
amigo e parceiro

RAUL (SANTOS) SEIXAS

Possa seu Espírito encontrar a Paz, na Luz que sempre  
perseguiu e que, com certeza, hoje habita.

Este livro não existiria sem a ajuda e a inspiração de

AYRÁ e OYÁ.

KI BA AXÉ!



Deixo patente aqui minha mais profunda gratidão a todos os meus queridos Amigos do Plano Espiritual, todos Inteligências Originais das mais elevadas.

Em especial, desejo manifestar meu amor incondicional, gratidão, respeito e carinho por três dentre esses:

***ASCHMUNADAI, ZADKIEL e SACHIEL.***

Possa eu sempre contar com sua proteção e orientação, aqui e aonde quer que vá.

# **Prefácio**

Ao aceitar o convite para prefaciar este livro, senti-me apreensiva pela importância e responsabilidade da tarefa. Decidi escrevê-lo movida pelo carinho e reconhecimento por essa criatura humana excepcional que é JOSÉ ROBERTO ROMEIRO ABRAHÃO.

Ler o manuscrito deste livro deu-me dupla satisfação. Primeiro, por ter a literatura hermética ganho um novo mestre. Segundo, porque o autor foi grande amigo de meu amado filho Raulzito, que sempre o considerou pessoa de grande inteligência e sensibilidade.

Tive a oportunidade de satisfazer minha sede de conhecimento sobre os temas esotéricos. Descobri que é profunda, em todo ser humano, a busca de um significado para a vida, o propósito individual de cada ser humano em procurar conhecer a si mesmo, não perdendo nenhuma oportunidade para isso.

Através da literatura hermética mesgulhamos no milagre porque sabemos que as coisas existem, que estão plantadas em nossa volta. Para descobri-las precisamos aprimorar nossa sensibilidade, olhar o mundo com olhos de amor, apreciar a simplicidade, ter paciência, respeitar o desconhecido e procurar a graça divina em cada descoberta.

Cada vez mais, o esoterismo conquista seus direitos sob diferentes formas e a literatura é uma delas.

A leitura do livro de J. R. R. ABRAHÃO é uma grande aventura espiritual.

Ninguém desconhece que os conhecimentos esotéricos são o fio condutor do trabalho do autor. Seu livro fala a linguagem do coração, essa linguagem não-lógica, emocional.

Beirando o 3º milênio, a questão maior é o avanço

espiritual.

Temos o poder total, vivemos um momento de muita luz e a civilização só avança quando as pessoas se dispõem, com consciência e responsabilidade, transformá-la para melhor.

As pessoas agora estão se voltando para os novos horizontes do conhecimento.

O momento atual é mágico, é chegada a hora de descobertas e as portas estão se abrindo. A magia não se baseia em conhecimento acadêmico, é um processo de evolução não convencional, é revelação. E são revelações que vamos encontrar em “O QUARTO SEGREDO – ARCANO IV”.

Mesmo sendo uma obra de ficção, este livro deixa-nos a nítida impressão que J.R.R. ABRAHÃO e Franz Bardon “beberam” na mesma fonte.

Vamos todos juntos fazer esta viagem de muitos mistérios e revelações.

MARIA EUGÊNIA SANTOS SEIXAS  
Salvador (BA), outubro de 1995

N.E. – A autora do prefácio contou com a colaboração de sua grande amiga Wanda Maria Salvatti, professora de Literatura na Universidade de Vacaria (RS).

# **Apresentação**

“Jamais tive ensejo de dedicar-me mais amiudamente às elocubrações esotéricas ou aos arcanos profundos, eis que grande parte do tempo com que a vida até hoje me presenteou dediquei aos mistérios mais prosaicos da política e dos efeitos que ela causa na alma e no caráter do *homo sapiens* de Lineu

Sei quem é José Roberto Romeiro Abrahão, atesto sua inteligência, honestidade e sobretudo a dedicação que empresta à causa que abraça e na qual acredita, estudando-a com a máxima seriedade e percepção, vasculhando-a com aquela acuidade só permitida pelo amor.

...José Roberto é um paladino do ignoto, do incognoscível, do incogitado.

...E não lhe anda no encalço senão com o objetivo de praticar o bem, de aplicar novos e ainda não atingidos conhecimentos à saúde e à felicidade do próximo. Por ínvios caminhos, ainda não palmilhados pelo vulgo, ele bebe nas próprias fontes do conhecimento buscando não o próprio sucesso, mas a força verdadeira que permite ao ser desenvolvido e liberto da parte mais negra do véu material que nos cerca, aplicar a máxima maior de todos os grandes credos: amar aos outros como a si mesmo.

E quem ama aos outros só pode produzir bons frutos.

JÂNIO QUADROS

São Paulo, 28 de outubro de 1988

O imortal estadista presidente Jânio Quadros,

quando prefeito de São Paulo, o primeiro de ler o manuscrito esboçado pelo Autor, enviou uma mensagem a J. R. R. Abrahão, da qual foram destacados os trechos acima. Só agora o livro vem a público, pois, nestes anos todos, o original foi atualizado com dados que têm alterado o conhecimento de forma geral.

É, também, uma forma de prestar homenagem àquele exemplo de homem público, orgulho da nossa História, que foi, é e será sempre motivo de saudosa e honrosa lembrança.

Da contra capa da edição em papel:  
Pacific Post  
1995

# **Introdução**



Esta é uma obra de ficção.

Todos os fatos iniciáticos relacionados com os personagens desta obra são fruto de uma fusão dos ensinamentos perenes de Franz Bardon, um dos maiores iniciados a deixar suas pegadas neste Planeta, a qualquer tempo.

Beto e Frank são personagens fictícios; muitos outros personagens são reais, amigos meus, com quem desejo compartilhar esta obra. Graças à riqueza que tem sido nossa convivência, tomando eu a liberdade de mesclar ficção e realidade, encontrei uma forma amena de relatar as mais profundas verdades herméticas, encaixando essas pessoas estimadas em minha estória.

Tudo o que aqui está escrito, em forma de ensinamentos, contém a mais pura verdade. Nada foi feito ao acaso. A ficção limitou-se aos personagens e enredo, não à filosofia e práticas herméticas.

Possa o Espírito de Franz Bardon nos iluminar e nos guiar pelo caminho traçado pela Providência Divina.

Desejo expressar meus sinceros agradecimentos ao Editor das obras de Franz Bardon na Alemanha, Sr. Dieter Rüggeberg, com quem me correspondo faz alguns anos, e que me autorizou, graciosamente e sem ônus de espécie alguma, a fazer uso do material que desejasse, contido nos livros de Franz Bardon, de cujos direitos ele é detentor.

É meu desejo que todos os leitores desta obra conheçam e estudem os livros de Franz Bardon, que são, sem sombra de dúvida, o que de melhor há na literatura hermética.

Esta história se passa, por acaso, na cidade de São Paulo, no Brasil.

Mas bem poderia estar acontecendo em qualquer outro canto deste mundo, cada vez menor.

Quem sabe, está até acontecendo em sua cidade, com algum amigo seu.

Ou até mesmo com você.

O AUTOR

# **PRIMEIRA PARTE**

Eu estava andando pelo mesmo parque.

Dia após dia eu caminhava pelo mesmo parque. Andava por suas alamedas a manhã inteira. Olhava cada árvore, cada arbusto, cada plantinha. Olhava por olhar, é verdade, sem nada enxergar. Olhava por olhar, tentando ocupar minha mente com o caleidoscópio de cores e formas que a natureza moldava dia a dia. Depois, me sentava num dos anônimos e desgastados bancos de pedra, e ficava duas, três horas ali, estático, só me mexendo de vez em quando para espantar um ou outro pombo que insistia em me confundir com uma estátua.

Depois desse tempo de reflexão sobre meu estado atual – nulidade depressiva profunda – eu me levantava e ia, no passo do elefantinho, até o ambulante mais próximo, e enchia o bucho com a primeira porcaria que encontrasse. Só me interessava comer alguma coisa que afogasse minha fome e, quem sabe, sufocasse junto minha depressão. Pipocas, coquinhos fritos, cachorro quente, sorvete, tudo tinha o mesmo gosto. Gosto de estopa, de fel, do amargor em que a vida tinha se transformado.

Ali estava eu de novo, caminhando bem devagar desde o nascer do Sol, até que precisasse sentar-me para descansar a carcaça e ver o tempo passar. Aliás, era só isso que eu fazia. Contava as pétalas das flores, o número de formigas caminhando, as voltas dadas pelas abelhas sobre suas flores prediletas. Agora era, porém, hora de descansar, dar folga aos meus tormentos para que pudessem me fustigar mais um pouco. E essa hora havia chegado. Avistei um dos vários bancos, sujo e abandonado como todos os outros. Nestes tempos modernos, os bancos de jardim são apenas lugar para

vagabundos, mendigos e bêbados. Triste fim, esses belos bancos mereciam melhor destino.

Antes de me sentar, sempre pegava uma das folhas de um jornal velho que trazia comigo para espantar moscas e mosquitos, e limpava o assento e o encosto do banco. Afinal ninguém mesmo ligava para aqueles bancos. Só eu.

Estava lá eu sentado, uma vez mais, exausto de tanto andar em círculos e sem destino.

Como em todos os dias, quando me sentava e relaxava no banco, vinham a minha mente as imagens de tudo que havia feito nos últimos anos, o que me infernizava e desgastava. Era uma mortificação diária. Estou rumando para os quarenta anos, sem nada ter conseguido construir.

Tenho um diploma de faculdade de nenhuma valia, que não me serviu para arrumar emprego algum. Tenho estudado, desde a mais tenra idade, os mais variados assuntos, o que a princípio era uma virtude – mas se transformou num vício.

Iniciei-me no Ocultismo lá pelos dez, onze anos de idade, quando adquiri um conjunto de cartas de Tarô. Havia assistido a um filme aonde o personagem principal se utilizava desse método para conhecer o passado e ver o futuro, manejando o presente a seu bel prazer. E eu me iludira que poderia fazer o mesmo. Então passei os anos seguintes adquirindo os mais variados tipos de jogos de Tarô, bem como todos os livros do assunto sobre os quais minhas mãos pudessem pousar.

Não foram anos fáceis.

Meu pai, um modesto funcionário público, homem de bom coração mas de poucos recursos, fazia o possível para atender meus anseios.

Minha mãe, professora que abdicara da carreira para cuidar do pimpolho – eu –, aceitava meus arroubos de loucura com a resignação que só as mães tem.

Agora, meu pai estava aposentado, e ambos, pai e mãe, viam suas esperanças de um futuro brilhante para seu filhote se esvaindo, dia a dia.

Mas os pais se conformam, e com os meus acontecera o mesmo.

Nesta idade, com a juventude irremediavelmente perdida, continuava eu a ser sustentado pelo meu pai. Isso me deixava muito envergonhado, apesar de já ter perdido a vergonha na cara a muito tempo.

Depois do Tarô, partira rumo à Magia, com a mesma fome de abraçar o mundo com as mãos.

Ficara eu mais de uma década tentando adquirir poderes e faculdades prometidas nos vários tratados do assunto. Dedicara minha vida a verdades mentirosas, a seguir ensinamentos de autores que tiveram suas vidas destruídas pelas drogas, maldades e depravações que viram e praticaram. E, mesmo assim, continuara iludido de que era nas obras deles que eu encontraria a 'saída' que sempre procurava e que, embora não percebesse, estava a cada dia mais distante. Pudera. A saída era por onde eu havia entrado, e eu insistia em me afastar cada vez mais desse ponto de partida. Quanta burrice!

Havia perdido a fé em Deus, havia até tentado fazer um pacto com as Forças das Trevas. O que conseguí? Decepções quase insuportáveis. Quase, pois ainda me encontro aqui, suportando a dor de minha burrice.

Pelo menos havia achado uma definição brilhante para burrice: ignorância em ação. E era isso que me perturbava – sempre fui considerado extremamente inteligente, de uma cultura incomum para minha idade.

De que adiantara isso tudo? Afinal, havia perdido minha mocidade, gasto muito dinheiro, além de ocupado a mente com demônios que tentaram me destruir inúmeras vezes.

Mas havia me decidido a não mais ser um brinquedo nas garras dessas forças terríveis que eu mesmo desencadeara contra mim e meu mundo. Abandonei tudo aquilo, fiquei alheio a tudo que se passava em minha volta. Resolvi caminhar. Caminhar e caminhar. Como estava fazendo nesse dia. Como estava fazendo havia quase dois anos.

Apesar de tudo, os problemas do Universo ainda me afligiam. Não conseguia aceitar a idéia de ter perdido esta encarnação. Acreditava ter ainda uma chance de me encontrar, de ser alguém.

Sentado naquele banco anônimo, com o corpo curvado para a frente e o rosto entre as mãos espalmadas, pensava como seria maravilhoso ter encontrado um Mestre, um Guru de verdade, como nas lendas e contos de fadas.

Esse pensamento me entristecia, pois eu sempre achava que todas as minhas chances haviam passado.

De repente, pela primeira vez em muitos anos, um pensamento positivo invadia minha mente.

"Por que não encontrar um Guru de verdade agora?"

Mas então me entreguei ao abandono, deixando as divagações no espaço.

Percebi que um homem estranho sentara-se no banco logo à frente do meu.

Tentei ignorá-lo, mas não consegui.

Fiquei olhando para ele. Observei que tinha uns cinquenta e poucos anos de idade, vestia-se de forma simples, porém elegante. Nada, enfim, que chamasse



maior atenção.

Fiz um aceno com a cabeça, numa menção de um cumprimento.

Ele respondeu com um "Bom dia."

Eu respondi – "Bom dia!"

Eu não conseguia mais conversar com ninguém, e começar um papo assim "animado" era como que um milagre.

Ele dirigiu-me a palavra, dizendo:

— "Eu sou quem você procurava."

Fiz que não entendí.

Ele continuou:

— "Eu sou Aquele que você tem procurado sua vida inteira."

— "Beto, meu nome é Frank."

— "Como o senhor sabe o meu nome?" perguntei atônito.

— "Seu nome? Ora, sei mais sobre você que sua própria mãe!" disse ele.

Fitei-o por mais alguns momentos, como que duvidando da petulância daquele sujeito que sorria para mim de forma enigmática.

— "Beto, sei que você fez parte de diversos grupos de malucos, sei também que andou evocando Anjos e Demônios de toda espécie – e sei também que você chegou no fim da linha."

— "Cheguei no fim da linha?" indaguei, sabendo a resposta.

— "Sim, chegou. É hora de voltar ao princípio, de voltar a aprender a respirar, a comer, a viver. Como um bebezinho. É hora de recomeçar."

— "Como recomeçar? E tudo que sei? Todos os anos que estudei? Sou um expert, um dos maiores conhecedores de Ocultismo..."

— "Vamos lá, Beto, diga lá. Ou você perdeu a fala? O gato comeu sua língua? Ou você já aprendeu alguma coisa?"

— "É, acho que já aprendi que sou uma m\*\*\*\*."

— "Nada disso! Você é a Imagem do Criador! Você é precioso. Sua vida é preciosa!"

— "Quer dizer que eu sou especial?" perguntei.

— "Todo ser humano é especial, seu presunçoso. Quando me referi a você, me referi a todo e qualquer ser humano. Não seja gabola, Beto."

— "Desculpe; pensei, por um instante, que você tinha vindo em meu auxílio pois eu era merecedor de alguma

deferência especial."

— "E é. Você desejava encontrar um Mestre, um Guru. E aqui estou eu, seu Mestre e seu servidor, para lhe mostrar o caminho da Luz!"

— "Quer dizer que você é um Anjo? Ou um Demônio?"

— "Nem Anjo nem Demônio, meu caro. Sou mais, muito mais."

— "Mais? Você é um Deus ou algo assim?" indaguei.

— "Deus só há um, amigo. Sou um ser humano que se aperfeiçoou ao longo dos anos. Sou alguém que tratou da própria semente divina, aquela que habita dentro de cada ser humano. Sou alguém que fez essa semente germinar e se expandir. Sou um Cabalista, um Teurgo. Sou a perfeita imagem e semelhança de Deus. Sou um ser humano perfeito."

— "E eu é que sou gabola, Frank?"

— "Você se acha alguma coisa, enquanto eu sei quem e o que sou."

— "Mas eu não sou tão chucro quanto você me faz pensar. Eu sei de muita coisa." retruquei.

— "Conhecimento e sabedoria – duas coisas muito distintas. Você conhece isso ou aquilo, mas não sabe de nada. Conhecer, só depende de conhecimento; basta ler, estudar, observar. Saber depende de sabedoria; precisa também ler, estudar e observar. Mas, especialmente, precisa viver isso que se conhece. Quem vive assim vive plenamente. E quem vive plenamente consegue tornar-se um sábio, adquirir sabedoria. E somente com as duas coisas juntas, sabedoria e conhecimento, se consegue enxergar a Luz. E vendo de onde ela brilha é que se pode saber o rumo a tomar. Ou você não desconfia sequer que sempre esteve rumando ao centro da mais profunda

escuridão?"

— "Então sou um Escolhido? Serei salvo das Trevas?" indaguei.

— "Sim, você é um Escolhido. Escolhido para trilhar um caminho árduo, pois tem uma importante missão a completar neste planeta. Mas só dependerá de você conseguir ou não. Se trabalhar duro, for perseverante, se tornará um Mago, um Iniciado. Talvez, quem sabe, até mesmo um Cabalista. Mas isso dependerá só de você."

— "E o que tenho de fazer para isso?" perguntei-lhe.

— "Primeiramente, Beto, você deverá arrumar um emprego."

— "Mas, eu tenho tentado..."

— "Sim, e nada serve, não é? Arrume qualquer emprego, qualquer um, e pare de sentir-se um peso morto, um inútil. Pare de se lamentar. Você tem qualidades, não fuma, só bebe socialmente, não usa drogas, gosta de ler. Mas tem também de vencer seus Demônios, tem de se libertar. Deixe de ser um fardo para a vida. Vá trabalhar que a laborterapia será o primeiro passo para sua iniciação."

— "Está bem, verei como me viro."

— "Vamos nos encontrar neste mesmo lugar daqui a vinte e oito dias, nesta mesma hora. Será domingo, e você estará bem mais animado e receptivo."

— "Frank, você tem telefone?" perguntei enquanto procurava uma caneta nos bolsos.

Levantando-se apressado, Frank afastou-se de mim, sem ao menos dar chance de me despedir.

— "Até outro dia" disse-me ele.

— "Até", falei meio atordoado.

Vinte e oito dias depois ali estava eu, duas horas antes do horário marcado. Fiquei imaginando se tudo não havia sido uma alucinação ou coisa parecida. Mas, mesmo que o fosse, tinha servido para me empurrar rumo a um emprego. Não era bem um emprego. Eu tinha alguma prática em digitação de computadores, e possuía um computador antigo mas usável. Nestes tempos de terceirização, fui contratado por uma empresa de Marketing Direto para digitar dados para etiquetas. Passava na empresa na sexta-feira, aonde recebia um cadastro de clientes com nomes e endereços. Levava isso para casa, digitava no computador, passava para um disquete, e levava de volta para a firma na outra sexta-feira. Lá, eles cuidariam de imprimir as etiquetas. Então, recebia outro cadastro, e assim ia trabalhando, em casa, de uma forma amena e satisfatória. Nunca pensei que trabalhar pudesse ser tão bom e agradável.

Estava ainda absorto em meus pensamentos quando reparei que Frank me fitava. Ele estava naquele mesmo banco, e tinha nos lábios o mesmo sorriso enigmático.

— "Que tal trabalhar, Beto? Está gostando?"

— "Olá, Frank! Sim, está sendo bom, como você havia previsto!" disse.

— "Bem, então você já tem algum dinheiro, não?"

Ora, ora, pensei. Mais um espertalhão querendo tomar meu dinheiro em troca de algum ensinamento mágico bobo. Mas já que tinha o dinheiro mesmo, resolvi topar a investida.

— "Tenho sim, e daí?" perguntei.

— "Tome", ele disse, entregando-me uma folha de papel dobrada.

Levantei-me e apanhei a tal folha.

Virei-me de lado, dando também um passo para frente, buscando um pouco de luz do Sol filtrada por entre os galhos, pois as árvores faziam uma sombra que tornaria difícil ler qualquer coisa, e comecei a desdobrar a folha.

Estava escrito:

"Beto, compre o livro 'INICIAÇÃO AO HERMETISMO', de autoria de FRANZ BARDON. Esse livro é editado em inglês, francês, italiano, alemão e castelhano. Escolha o que melhor lhe convier. FRANZ BARDON foi meu Mestre pessoal. Esse livro é o que há de melhor em todo o mundo. Leia-o desde o princípio, duas vezes. Não procure entender tudo, apenas leia atentamente. Você poderá encontrar essa obra em uma das inúmeras livrarias especializadas na área do Ocultismo. Encontre-me daqui a setenta e dois dias, neste mesmo lugar, no mesmo horário. Fraternalmente, Frank Kaiser."

Olhei para o lado e Frank já havia sumido. Fiquei envergonhado de ter pensado mal dele, ao mesmo tempo em que me irritava com a idéia de ter de ler outro livro mentiroso sobre Ocultismo. Ou este seria diferente? Bem, mas qual opção eu tinha? Jogar fora essa chance? Afinal, Frank mostrava-se coerente, embora estranho. Decidi que leria mais esse livro. Como era domingo, resolvi voltar para casa e aguardar, trabalhando, a segunda-feira chegar, quando todas as livrarias estariam abertas, para que eu pudesse comprar tal livro.

Meu relógio ainda não marcava nove horas e eu já estava na porta de uma das várias livrarias de minha cidade. Ao longo dos anos, havia me tornado um frequentador assíduo desses estabelecimentos. Inicialmente, nos idos de um país aonde ganhar dinheiro era fácil, comprava de tudo, e muito, em termos de literatura esotérica. Depois, com a crise nacional galopando, e o espaço em minha casa para livros diminuindo, começara a escolher melhor. Ultimamente, já nem comprava mais nada. Achava tudo caro, e dizia que já tinha, ou que um amigo me presenteara com um xérox da tal obra. Tudo mentira, mas vale tudo para não ficar por baixo. Afinal, era nesses lugares que eu me encontrava com as pessoas, contava vantagens, repetia as bobagens que lera e que pusera em prática. E que haviam me jogado no poço de onde eu tentava, no momento, me levantar.

Já faziam seis ou mais meses que eu nem passava na porta daquela livraria. Sinceramente, era como se a minha atração por aquele mundo fantasioso, por aquela forma branda de fuga da realidade, tivesse se extinguido. De qualquer forma, era essa a primeira vez em que eu me dirigia a uma livraria com o desejo de adquirir uma obra determinada, e só uma.

Entrei pela porta e logo fui saudado pela proprietária:

— "Olá, Dr. Roberto! Quanto tempo! Seja bem vindo!"

— "Olá, como vai?" respondi sem muita animação.

— "Como estão as coisas? O que o senhor tem feito?"

— "Estou trabalhando em casa. Estou fazendo digitação de cadastros para terceiros. Aliás, se precisar de algo, estou precisando muito de mais clientes!"

— "Claro, assim que precisarmos, lhe avisarei."

— "É, estou precisando muito do apoio dos amigos."

— "Bem, e hoje, no que podemos servi-lo?" perguntou.

— "Estou procurando um livro intitulado 'INICIAÇÃO AO HERMETISMO', de autoria de FRANZ BARDON. Vocês tem algum em estoque?"

— "Sim, sim, é claro. Essa obra está no mercado há muitos anos, vendendo modestamente. De repente, estourou. Começou a vender muito, e em todo o mundo. Até os autores mais conceituados do momento estão recomendando esse livro, citando-o em suas bibliografias."

Isso aguçou muito meu interesse pela obra. Como poderia eu ter deixado de notá-la?

— "Bem, temos as versões em inglês e castelhano" disse após consultar o computador.

— "Posso vê-los?"

— "Sim, sim, é claro."

— "Eu pego, pode deixar" disse um vendedor que acompanhava nossa conversa.

— "Ei-los" disse-me o mesmo vendedor, retirando dois exemplares da estante do canto esquerdo da loja.

'INITIATION INTO HERMETICS', 'INICIACION AL HERMETISMO'. Esses eram os títulos das edições em inglês e castelhano, respectivamente.

Como entendo bem ambas as línguas, resolví optar pelo que fosse mais barato.

— "Quanto é cada um?" indaguei.

— "Trinta Dólares qualquer dos dois. Dólar livro. Isso dá pouco mais que o dobro do câmbio oficial."

É por isso que a cultura neste país está indo para o brejo, pensei.

— "Vou levar a edição em inglês. A capa dura fará o



livro durar mais, espero."

— "À vista, tem vinte por cento de desconto."

— "Sim, à vista e em dinheiro" disse.

Afinal, não tinha mais talão de cheques, nem mesmo tinha conta bancária.

Cartão de crédito, então, nunca tive.

Que pobreza, pensei.

Despedindo-me sem muito alarde, deixei a loja, rumando para casa.

Chegando lá, desembrulhei o livro e comecei a folhear o mesmo.

— "Só uma ilustração? Só uma foto, e do autor?" exclamei desapontado.

Bem, já havia lido tanta coisa bonita e soberbamente ilustrada, que me havia dirigido para o poço do abismo; quem sabe essa 'coisa' de texto compacto possa realmente ser boa.

Comecei a ler o índice, e nada me parecia muito novo. Algumas coisas eu já lera em outras obras. Nunca numa só, é verdade, encontrara tudo isso. Bem, índice é índice. Vou começar a ler o livrinho, pois essas 294 páginas não se lerão sozinhas.

Li e reli a parte teórica do livro. Realmente, tinha muita coisa nova. Muitos conceitos modernos. Nunca lera nada assim: completo, claro, objetivo. Essa obra tem cheiro de verdade. Esse tal de Bardou é realmente muito bom. Um tanto metido, tal qual o Frank. Mas parece saber do que fala.

Comecei a ler a parte prática. Fiquei atônito com a forma do autor explicar as coisas. Imaginem, parece um livro preparatório para algum exame. São dez capítulos que abordam de tudo. Mas "péra aí", não tem rituais, fórmulas mágicas, palavras de poder, nomes de Anjos, não fala de astrologia; que livro de Magia é este? Já que estava gostando, embora estranhando, fui em frente. Mas que era estranho, isso era.

Dias e mais dias se passaram.

Eu lia o livro, as vezes não entendia, daí relia tudo desde o começo do capítulo. Eram dez capítulos, cada um dividido em três partes: desenvolvimento mental ou psíquico, desenvolvimento astral ou emocional, e desenvolvimento físico ou material. Mas não tinha nenhuma fórmula mágica, nem receita alguma para conquistar o amor de ninguém, nem mesmo alguma sugestão de como controlar as pessoas. Muito pelo contrário, só dizia de como se controlar, como se aperfeiçoar e se conhecer a si mesmo.

Mesmo achando seu material tão díspar de quase tudo que já havia lido, ao mesmo tempo percebia uma coerência sem par na literatura hermética.

Gênio, esse Bardou. Frank tinha razão.

Já haviam se passado setenta dias de meu último encontro com Frank. Eu já havia lido o tal livro umas três vezes, mas não conseguia passar do primeiro capítulo da prática. Será que eu não entendi o sistema? Ou será que ainda era imaturo para essas práticas? Bem, pode até ser que eu fosse um burro de quatro costados...

Resolvi dar um tempo, e marcar alguns pontos que não entendi bem na parte teórica do livro, para perguntar sobre os mesmos ao Frank.

Anotei onze pontos numa folha de papel, que então dobrei e coloquei na carteira, para não esquecê-la no dia do aguardado encontro.

Septuagésimo-segundo dia.

Lá estava eu, no mesmo parque, junto aos mesmos bancos.

Como chegara bem adiantado para o encontro, comprei um saquinho de coquinhos fritos para saborear. Pode ser uma porcaria, mas é muito, muito gostoso. E faz o tempo passar mais rápido!

Terminei minha porção de coquinhos e fui jogar o saquinho vazio num cesto de lixo, enorme e vazio. Dei-me conta de que eu era a única pessoa a fazer isso. Que loucura! Sou o único que não ajuda a emporcalhar a cidade! Como é que pode... Lembro-me de uma campanha da década de '70, aonde se dizia "povo desenvolvido é povo limpo". Palavras proféticas.

Virei-me e lá estava Frank, com um ar de quem já me aguardava por horas.

Tinha em seu rosto o mesmo sorriso enigmático, mas, desta vez, seu semblante tinha um tom mais grave.

— "Olá, estudante!"

— "Olá, estudante?" indaguei.

— "Sim, estudante do curso de Magia do Mestre Franz Bardon. Certo?" retrucou ele.

— "Certo, certo. Vou bem, e você, meu mestre?" disse meio em tom de gozação.

— "Estou em paz, Beto."

Alguns instantes de silêncio se fizeram, e ficamos nos entreolhando.

— "Beto, o que você está achando do livro? Pode ser sincero."

— "Estou gostando muito, embora estranhando bastante alguns tópicos. Até tomei nota de alguns pontos que não me ficaram claros."

— "E sua prática, seus exercícios? Muito fácil para alguém com a sua experiência, com seu cabedal?"

Irritei-me por um instante, pensando em responder com uma grosseria. Mas resolvi ser polido, dizendo:

— "Diferente de tudo, estou fazendo pouco progresso."

Frank deu uma sonora gargalhada, debochando de mim.

— "O que foi?" perguntei.

— "Os impropérios que você iria soltar. Conseguiu reprimí-los, certo? Vejo aí algum progresso, mais do que talvez você tenha notado."

Fiquei mudo. Estava atônito com aquilo que ouvia.

Esse cara sabia meu nome, sabia tudo sobre mim, sabia até o que eu pensava! Quem era esse sujeito? Ou o que ele era?

— "Frank, você me disse ser um Cabalista e um Teurgo. Sou também um Cabalista, mas não sei o que é um Teurgo. O que significa?"

— "Você estudou Cabala. Cabala teórica, filosófica. Boa leitura para tardes chuvosas. Assunto interessante para se conversar ao pé do fogo. Mas isso não faz de você um Cabalista. Eu sou um Cabalista, um Teurgo, um Deus Encarnado, uma perfeita imagem de Deus. Isso é ser um Cabalista, ou um Teurgo, ou um Tantrista."

— "Tantrista? Mas Tantra é a Magia Sexual!" exclamei.

— "Tantra no oriente, Cabala no ocidente, Urânia entre os hermetistas. É a mesma coisa, é a linguagem cósmica, a mesma linguagem que Deus usou para criar todas as coisas, o Universo. Magia Sexual é só um capítulo da Magia, da ciência expressa pelo Arcano I do Tarô. Magia Sexual é apenas mais uma das muitas

práticas mágicas explicadas no livro do Mestre Bardon. Embora de leve, sua abordagem é esclarecedora."

— "Eu não li nada disso lá" disse.

— "É que você não percebeu o quanto a porta está aberta. Aberta, não. Escancarada. Mas tem tempo para isso. Muito tempo. Essa forma de Magia é muito perigosa. No futuro você aprenderá tudo sobre ela. Por enquanto, mantenha-se puro, pois um Mago deve ser puro, e saber que nada há de sujo na Criação. Mas, calma. Veja aonde suas investidas anteriores nesse campo o levaram."

— "Tenho calma, Frank. Tenho muita calma."

— "Beto, você deve se esforçar para cumprir os exercícios do livro. Isso é muito, muito importante para seu futuro."

— "Estou me esforçando. Mas me esforçarei mais, muito mais."

— "Você tem algo mais a me perguntar? Não tem mais nenhuma dúvida?"

— "Tenho alguma curiosidade sobre quem é esse Franz Bardon, mas antes disso quero seu telefone e endereço."

— "Darei meu telefone e meu endereço, mas sob uma condição: fora deste parque, destes nossos encontros, sou um homem comum, com família, trabalho, amigos. Levo uma vida normal, em meio a gente que ignora minha missão nesta vida. Desejo manter-me assim: incógnito nesse tocante. Traia minha confiança uma vez, e será a única e última."

— "Não tema, sou discreto."

— "Sei disso. Eis meu cartão."

— "Mas seu nome não é Frank Kaiser!" exclamei.

— "Frank é meu nome. E Kaiser tem um significado

mágico, que no futuro lhe revelarei. Adotei esse pseudônimo por um bom motivo."

— "Está bem, Mister Surpresas, diga-me algo sobre o tal Bardon."

— "Franz Bardon nasceu em 1909, na Tcheco-Eslováquia. Viveu entre nós ate 1958, deixando esta vida no seu país de nascimento. Viajou muito pelo mundo todo, ganhando a vida como mágico de palco e ilusionista. Era um estouro! Conhecí-o antes da II Guerra Mundial, na Alemanha. Lá por 1932 tornamos amigos. Logo em seguida, passei a ser seu discípulo. Tudo o que sei de importante foi Mestre Bardon quem me ensinou. Hoje, seu Espírito, elevado e aperfeiçoado, não mais retorna a este planeta. Está em outras missões, mas deixou suas sementes por aqui, semeadas. Noutro dia prometo contar-lhe mais sobre esse homem fabuloso. Por hoje vou lhe dizer também que seu Espírito habitou outros corpos ao longo da história: Hermes Trismegistos, o grande Mestre egípcio, criador do Livro de Thoth, o Tarô; Lao Tse, o sábio chinês; o astrólogo e futurólogo francês Michel de Nostradamus; o cientista inglês Robert Fludd; o Conde de Saint Germain; Appolonius de Tyana, contemporâneo de Jesus Cristo; Mahum Tah-Ta, o sábio das montanhas; além de muitos outros."

— "Isso me parece meio fantástico, para ser bem franco."

— "E o que você tem a perder, se acreditar? Você já acreditou em tantas bobagens, em tantas coisas duvidosas... Acredite, agora, nas minhas palavras. Acredite nessa verdade sem conseqüências. Mesmo que seja apenas uma fábula, que mal fará, acreditar?"

— "Nenhum mal."

— "Mas não é fábula, nem mentira. É a mais pura verdade. Pode acreditar, pois o tempo lhe mostrará que isso é verdade."

— "E eu, quem fui em outras encarnações?" indaguei daquele homem que parecia saber tudo sobre todo mundo.

— "Beto, Beto. Por que essa curiosidade agora? Se você está aqui, é que obteve uma nova chance. Viva esta vida. Viva-a plenamente. Muitas vezes, paga-se a curiosidade com arrependimento."

— "Você quer dizer que..."

— "Não quis dizer nada, só o que aprendi. Não tire conclusão alguma de minhas palavras. Só as escute e, no momento, aceite sem discutir."

— "Aliás, como tenho feito em tudo que você me diz..."

— "Sábio de sua parte, Beto."

— "Estou ficando, né?"

— "Amigo, tenho de ir. Nos encontraremos daqui a doze dias, neste mesmo local, mesma hora, Ok?"

— "Você manda, Frank!"

— "Adeus" disse-me Frank.

— "Até mais!" disse.



Depois que Frank foi embora, fiquei pensando sobre algo que ele me dissera.

Frank havia me afirmado ter sido amigo de Bardon na década de '30.

Ora, ele parecia ter cinquenta e poucos anos, no máximo sessenta...

Mas, pelas datas que citou, já deveria ser quase centenário! Mais um mistério na vida desse homem.

Meus pais já estranhavam o fato de que eu pegara firme no trabalho.

Afinal, eu havia largado quase todas as oportunidades de trabalho que tive na vida, até então, não permanecendo mais de dois meses numa única atividade profissional. Eles estavam conformados com o fato de eu ser um "gênio incompreendido", palavra bonita para um desajustado. O que ambos estavam estranhando era o fato de eu estar levando qualquer atividade profissional a sério.

Eu sentia um cheiro de contentamento no ar. Seria só deles para comigo? Acho que era, também, o meu próprio. Estava, pela primeira vez na vida, contente comigo mesmo.

Já não precisava fugir de meus pensamentos desagradáveis e repetitivos. Agora minha mente tinha com o que se ocupar.

Eu trabalhava a manhã toda. Parava lá pelas onze horas, almoçava algo leve, tomava um ou dois copos de água. Ficava relaxado até às duas da tarde, olhando os peixinhos levarem suas vidas despreocupadas no interior do meu aquário, seu Universo.

Duas e pouco e eu retornava ao trabalho. Trabalhava, digitando dados sem parar, até à beira da exaustão. Sim, estava mesmo levando meu trabalho muito a sério.

Oito e meia da noite era a hora do jantar. A hora em que a família se reunia, em torno da mesa e em frente à televisão. Hora de ficar em silêncio, hora da novela.

Jantávamos, eu e meus pais, em poucos minutos. Apenas nosso silêncio fazia com que o tempo demorasse mais para passar. Se eu esboçava um início de conversa, era repreendido com olhares fuzilantes de ambos.

Bem, foi por causa desse ambiente familiar sadio, porém alienado, que mergulhei no Ocultismo, em primeiro lugar. Buscava uma fuga.

Existe gente que se refugia nas drogas. Outras pessoas no álcool. Há os que fogem mesmo, como fez minha irmã. Aos dezoito anos, fugiu com o namorado. Um ano depois, mandou uma cartinha para minha mãe. Nessa cartinha ela contava que havia se casado no civil, que já tinha uma filhinha, e que ela, o marido e a filha fixaram residência num Estado distante, num dos extremos do país. Não tinham telefone, nem meios de vir nos visitar. Meus pais ficaram alvoroçados. Entre indignados e aliviados pelas notícias, uma vez mais eles se conformaram com seu destino.

Minha irmã continuava escrevendo a cada três ou quatro meses, sempre protelando um pouco o encontro dela conosco. Por mim tudo bem. Afinal, nunca fomos muito ligados, mesmo.

Após uns dois anos, minha mãe escreveu-lhe dizendo que desejava visitá-la. A resposta demorou pouco.

"Não venha pt Não temos espaço em casa pt Na cidade não ha hotel pt Aguarde-me ahi pt" dizia o lacônico telegrama.

Cinco anos depois da fuga, minha irmã apareceu. Ela e a filha.

O marido a largara, não aguentara a pressão de ser chefe de família. Mas ela encontrara um moço bom, e casara novamente. Mas o marido viajava muito, não poderia se ausentar por muito tempo. Por isso ela veio sem ele. Só ela e a filha.

Ficou exatos três dias. Saiu quase como da primeira vez. Só que, nesta ocasião, nossos elos familiares, que foram tênues, já não mais existiam.

Creio que ela se fora para nunca mais voltar.

Uma carta a cada seis meses, depois uma por ano, e olhe lá.

É, agora meus pais só tinham a mim.

Sabia que tinha o dever de não decepcionar ainda mais essas criaturas rústicas e frágeis, que acumulavam decepções da mesma forma que a poeira se acumula sobre os móveis dos lares. Quanto mais limpamos, mais poeira vem e senta praça.

Parecia que estávamos todos encontrando um caminho melhor. Melhor para mim, é claro, pois era o que lhes importava. Para eles a esperança era ver os filhos bem. Para si mesmos não cogitavam mudanças. Estavam vivendo o que eu chamo de "vida bovina".

Mas foi exatamente isso que motivou minha fuga.

E agora era um dos motivos de meu retorno!

Como o destino é caprichoso, pensava.

Dez horas da noite.

Hora de dormir nos lares de alienados do mundo.

Nos recolhíamos, eu ainda mantendo o hábito de beijar a face de minha mãe como gesto de "boa noite".

Beijar não. Quase que limpar os lábios, friamente, como se faz num guardanapo velho.

Já com meu pai não tinha beijo.

Ele era homem, e beijo só se dá em mulher e na mão de padre.

Pobre papai.

Tão preso a costumes cuja origem jamais soube, que criou em torno de si uma cadeia de crenças e preceitos inquebrantável. Tão forte que barrou sua ascensão social, seu progresso pessoal.

"Pobre, mas honrado" sempre fora seu lema.

Mas vivia feliz assim.

E a felicidade deve ser respeitada.

Já eu sempre buscara voar mais alto. E quanto mais alto voava, mais forte me esborrachava no chão. Tanto e tantas vezes, que perdi a vontade de voar.

Até aparecer esse Frank.

No íntimo, tinha ainda um pouco de medo de alçar vôo novamente.

Mas eu não podia ficar pelo resto da vida tremendo de medo como um coelho assustado.

Precisava, uma vez mais, me enfrentar.

Enfrentar o Demônio Choronzon, o retrato de meus defeitos.

Ele quase havia me destruído mas, agora, eu sairia vencedor.

Quando todos nos recolhíamos, era minha hora de estudar.

Pegava o precioso livrinho do Franz Bardon, que já fazia parte da minha vida, e começava a ler cada frase com o cuidado de quem olha num microscópio.

A teoria havia sido deglutida de forma razoável. Tinha muitos conceitos que distavam do que os "papas" do Ocultismo ditavam.

Ainda bem, senão eu iria dar no mesmo buraco para o qual os "doutos" quase me levaram. E caíram, eles mesmos.

Na parte prática, porém, a coisa entortava.

Nunca havia enfrentado exercícios tão diretos, tão simples na explicação e de tão difícil execução na prática.

O livro dizia para ser honesto, para não tentar passar de um exercício para o seguinte sem tê-lo realizado plena e satisfatoriamente.

Senti-me tentado a experimentar.

Bah! Que bobagem a minha.

O resto era ainda mais difícil. Muito mais.

Voltei à estaca-zero.

Tentava, noite após noite, livrar-me do primeiro conjunto de exercícios.

Na parte física, eu deveria "respirar uma idéia". Como seria isso possível?

No tocante ao Corpo Astral, ou esfera emocional, deveria elaborar um Diário Mágico. Mas, que Diário Mágico! Tinha de listar todos os meus defeitos, até os que haviam aflorado em uma única, breve e remota situação. Tarefa quase impossível.

No que se referia ao Corpo Mental, ou esfera

psíquica, a coisa ficava ainda mais complicada.

Deveria 'deixar meus pensamentos fluírem livremente, observando-os como alguém que assiste a um filme no cinema'. Brincadeira. A coisa é difícilima.

Eu tentava e tentava, e nada de atingir os resultados preconizados pelo tal Bardon.

Resolvi que iria reler a parte teórica e ir tentando, sem pressa, realizar os exercícios.

Os dias se passaram, e novamente estava eu naquele mesmo parque.

Como sempre, cheguei adiantado, mas Frank já me aguardava.

Acenou-me de longe enquanto mordida um pedaço de um cachorro-quente que pingava mostarda no chão.

Rí ao ver aquela cena.

— "Alô, Frank! Você, comendo cachorro-quente?!" exclamei meio incrédulo.

— "É claro, quero manter-me alimentado."

— "Alimentado? E essa porcaria, alimenta?"

— "Como dizia o Mestre Jesus Cristo, o Mal é o que sai da boca do homem."

— "Mas eu pensava que um Mago tivesse de manter um regime vegetariano, abster-se de guloseimas e tal."

— "Você lia e se deleitava com as obras de Magos viciados em drogas, em álcool ou em sexo. Alguns deles, nos três. Que mal pode fazer um cachorro quente, um hamburger ou uma feijoada? Se o que você comer estiver estragado, você terá uma infecção intestinal, uma bruta dor de barriga, consultará um médico, que provavelmente lhe receitará um remédio adequado. Você toma o remédio e fica bom. Nada mais. E uma dor de barriga não atrapalha o desenvolvimento espiritual de ninguém."

— "Quer dizer que eu devo então comer e beber tudo que aparecer na minha frente?"

— "Não, apenas quero dizer que devemos ter um modo de vida razoável. E nisto incluo trabalho, descanso, estudo, lazer. E também incluo não se violentar. Se algo prejudica sua vida, abstenha-se disso. Mas se uma coisa não lhe é prejudicial, para que



violentar-se e prejudicar a alegria de viver?"

Sem me dar tempo de retrucar, Frank continuou:

— "Se alguém bebe uma dose de cachaça num dia de folga, após uma refeição lauta, isso não altera sua vida, desde que essa pessoa tenha saúde regular. Mas se alguém bebe religiosamente todo dia, ou se entorna várias doses de bebida em cada oportunidade, essa pessoa está, então, buscando um triste fim. As bebidas alcoólicas existem para dar alegria, não para apagar mágoas ou afogar tristezas."

— "E as drogas?" indaguei.

— "Se fossem boas não se chamariam drogas. Sua origem vem dos Shamans e Místicos de outrora que, sem instruções científicas, dadas por um Guru de verdade, buscavam desse meio, fazendo uso de substâncias entorpecentes, a forma de atingir estados alterados de consciência. No passado, o Hermetismo era uma ciência secreta. Hoje, graças ao Mestre Franz Bardon, e à Providência Divina, todas as pessoas tem à sua disposição o melhor, mais completo e perfeito sistema de Magia jamais revelado à raça humana. Não há, neste estágio de evolução humana, nenhuma justificativa para se utilizar alguma substância intoxicante ou entorpecente. Quem o faz desperta em si a Energia do Demônio. Desperta as Correntes Qliphóticas, as Forças do Abismo, sem ter conhecimento nem poder para controlá-las. E quando duas formas de Energia se enfrentam, uma sairá vencedora. No caso, Qliphot, isto é, o baixo-astral do inferno. Sacou?"

— "Saqueei sim. Mas que o sistema do Bardon é difícil, Frank, não se pode negar."

— "Difícil, pois falta a você o conhecimento da ética e da moral do ponto de vista Universal, Cósmico, Divino.

Vou lhe dizer algumas coisas, recomendar-lhe alguns exercícios que, creio, lhe permitirão superar essas dificuldades iniciais."

Sentamo-nos lado a lado no 'meu' banco de jardim.

Eu jamais havia dividido um banco de jardim com ninguém.

Frank estava estranho. O sorriso enigmático sumira de seus lábios.

Seu semblante transmitia uma paz, uma tranqüilidade, que nunca imaginei alguém pudesse ter nesta terra. Ele começou a falar:

— "A obra que você está estudando, sobre Iniciação Hermética, diz respeito, como você já deve ter observado, à primeira lâmina do Tarô, 'O Mago'.

Essa carta exprime tudo relativo ao Mago, seus poderes, seu trabalho, seu modo de agir neste mundo."

— "Sim, vi a figura desse Arcano I no início do livro. Só estranhei o fato de Bardon ter ilustrado essa carta com simbolismo tão distinto do convencional. Além disso, ele afirmou que o Tarô não é uma Arte Divinatória, e sim um livro no qual as palavras foram substituídas por um simbolismo elaborado e exato, do ponto de vista Divino."

— "Beto, o simbolismo que você chama de convencional é mera cópia, normalmente deturpação, do simbolismo original.

Esses belos jogos de cartas de Tarô são apenas isso: jogos de cartas. É claro que se pode utilizar de cartas do Tarô para auxiliar as capacidades precognitivas. Mas a função verdadeira do Tarô é mostrar as idéias originais Divinas expressas simbolicamente. Somente graças ao monumental trabalho de Bardon é que podemos conhecer a verdadeira face, sem véu algum, do Tarô. A

bem da verdade, só das quatro primeiras lâminas. Mas os mais talentosos irão adiante por conta própria."

— "Quer dizer que tudo que se diz por aí é invencionice? Tudo balela, um amontoado de besteiras?"

— "Não, no todo. As pessoas estão, aos poucos, descobrindo as várias facetas do Tarô. O problema é que elas se atêm apenas ao âmbito divinatório, e isso é um erro. Estão vendo detalhes através de uma lente de aumento. Perderam a dimensão do todo."

— "Entendo. Mas, se o Tarô não é uma Arte Divinatória, as outras assim chamadas também não o são?"

— "A Geomancia é uma poderosa Arte Divinatória. É muito antiga, ainda hoje praticada no mundo árabe e na África negra e muçulmana. Está tão difundida que é praticada dentro de todos os Cultos Afro-Negros, como o Candomblé e o Vudú. Você inclusive já gostou muito desse sistema, por aqui chamado de Jogo de Búzios. Na África, os praticantes da 'Fé Indígena' fazem uso do Opelê-Ifá, que também é uma das ferramentas para a prática da Geomancia. Se você quiser, no futuro, poderei lhe ensinar tudo sobre essa forma muito interessante e precisa de Divinação."

— "Gostaria muito, sim. Já li diversos livros, mas eles parecem não dizer a mesma coisa..."

— "Sim, assim como no Tarô, também na GEOMANCIA houve muita deturpação. Don Néroman, Panisha e Maurice Béquart são os autores que mais me agradam. Mas espere um pouco que em alguns meses eu lhe ensinarei tudo da Geomancia."

— "Fico ansioso. Pelas suas palavras, a Geomancia é a única Arte Divinatória válida, estou certo?"

— "Está errado. Além da Geomancia, podemos

classificar como Artes Divinatórias a Radiestesia, a Rabdomancia e a Radiônica."

— "Já li bastante sobre elas, mas cada autor fala coisas diferentes, até mesmo conflitantes."

— "Poderei, se você quiser, ensinar-lhe a Radiestesia e a Rabdomancia. A primeira consiste no uso de pêndulos para fazer as mais diversas formas de detecção e localização de formas de energia. A segunda faz uso de varinhas ou forquilhas, e destina-se exclusivamente a detectar água no sub-solo."

— "Sim, desejo aprender tudo que você tiver para me ensinar!"

— "Então, estude diligentemente os exercícios, praticando-os com afinco, pois é fator primordial para o sucesso nessas atividades."

— "E quanto à Radiônica? Li coisas interessantes sobre ela."

— "Sim, a Radiônica é algo muito interessante. A idéia de inteiração do corpo, mente e alma, com um aparelho eletrônico, é sensacional. Mas não sou um expert nessa área. Tenho um amigo, porém, que é. Ele só ensinará seus mistérios a alguém que conheça plenamente os parâmetros de terapia prânica, além de tele-terapia. E isso você só aprenderá após terminar seu curso do Bardou."

— "Terapia prânica? Nunca ouvi falar..."

— "Choa Kok Sui é o autor mais conceituado do assunto. Mas só deve praticá-la quem já atingiu um grau de equilíbrio energético. Ela consiste em enviar Prana, a energia vital, para as pessoas enfermas ou necessitadas. Só pode enviar Prana quem tem seu equilíbrio perfeito. Senão, enviará energia que lhe fará falta. É o clássico 'cobrir um santo e despir outro'."

— "Já entendí, fazer o curso do Bardon antes de me embrenhar por outras paragens."

— "Filho, o curso de Bardon é o primeiro degrau de uma escada composta de setenta e oito degraus. Você só conseguirá alcançar um degrau de cada vez. Portanto, vá com calma. Esta hora é a de trilhar o primeiro degrau. Portanto, faça-o bem feito, e com vontade."

— "Estou me aplicando."

— "Sei disso, Beto. Só lhe aconselho a perseverar."

— "Sim, está certo. Mas continue sua explanação, por favor."

Olhando o relógio, Frank disse:

— "Meu amigo, está na hora de eu ir embora. Tenho compromissos. Encontre-me daqui a uma semana, neste local, que continuaremos o papo. Por enquanto, vá estudando seu curso, e reflita sobre o que eu lhe disse."

— "Mas e os exercícios que você me ensinaria?" perguntei.

— "Reflita sobre o que conversamos. Medite a respeito do que lhe disse, especialmente sobre o Tarô. Este é o primeiro exercício que lhe passo."

Pela primeira vez, Frank me estendia a mão.

— "Adeus, amigo" disse-me, apertando minha mão.

— "Não o decepcionarei, Mestre", disse enquanto ele se afastava.

Foi uma semana de pouco trabalho, mas de muito estudo.

Já que tinha mais tempo livre, resolvi recomeçar a ler o livro todo, desde o início.

Quem sabe após os toques de Frank eu conseguiria entender melhor esse livro do Franz Bardon.

Li novamente a descrição do Arcano I do Tarô, sua primeira lâmina.

É, desta vez as coisas estão mais claras.

Da primeira vez que li essa página, fiquei chocado. Eu, que estudara o Tarô por cerca de vinte anos, não admitia ter meus conhecimentos jogados por água abaixo.

Refletindo, porém, aonde é que tudo que eu sabia até então tinha me levado?

Essa descrição da primeira carta do Tarô faz sentido, sim.

Ela mostra um simbolismo rico e soberbo.

Mas, mesmo assim, vou precisar do Frank para compreender melhor isso tudo. Aliás, vou anotar cada ponto que me desperte dúvidas, pois assim não fico indo e vindo sem parar. Preciso entender isso logo.

Parece incrível, mas o que mais me incomoda, hoje, é a ignorância. Logo eu, que me julgava um douto no assunto! Quanta volta dá o mundo...

Uma semana depois, e ali estava eu.

Cheguei e encontrei Frank comendo coquinhos fritos!

Nada de surpresas, ele é um homem normal, uma pessoa comum, pensei.

— "Olá, Beto, está servido?" disse-me ele, oferecendo os coquinhos.

— "Não, Frank, muito obrigado. Como passou?"

— "Bem, e você, algum progresso?"

Fiquei constrangido, mas disse:

— "Só descobrí que o mal que me aflige é a ignorância."

— "Então você já não é mais tão ignorante como quando pensava saber de tudo."

Acho que aquilo foi um elogio. É, deve ser, pois aquele homem esguio, longilíneo e forte como um fazendeiro, de modos teutônicos, em geral não era tão claro em suas palavras.

— "Se foi um elogio, obrigado."

— "Não foi elogio, nem crítica. Foi apenas observação. Nada pessoal. Só uma observação de fatos reais."

— "Certo. E já que sou ignorante, preciso preencher o vazio de minha mente com sabedoria.

Conhecimento sei que vou adquirir no curso de Franz Bardon.

Preciso que você me ilumine, me dê ao menos um rasgo de sabedoria, para que eu possa vislumbrar o futuro que aguarda um iniciado."

— "Você tem um futuro promissor, Beto. E já que você pediu, vou abrir uma exceção especial, e mostrar-lhe a Luz da Sabedoria que você tanto deseja."

Por um instante sentí-me leve como uma pluma. Parecia que eu flutuava.

— "Então você vai me contar coisas além do meu curso do Arcano I?"

— "Exato. O que vou lhe dizer agora diz respeito ao quarto Arcano, normalmente simbolizado por um homem sábio, algumas vezes representado por um imperador. A descrição que lhe darei desse Arcano IV é de muita ajuda para todo e qualquer Mago, ou a quem aspira sê-lo. Franz Bardon chamava esse Arcano de 'O Livro Dourado da Sabedoria', e descreveu-o soberbamente."

— "Mas e os Arcanos II e III?" perguntei.

— "Bardon escreveu duas outras obras majestosas detalhando-os. São 'A Prática da Magia Evocativa', e 'A Chave da Verdadeira Cabala', respectivamente, falando sobre os Arcanos II e III. Mas só tem serventia para quem já colocou em prática, com total sucesso, tudo o ensinado no 'Iniciação ao Hermetismo'."

— "Bem, continue, então, com o Arcano IV."

— "Não só os Magos, mas também os Magos de Esferas e os Cabalistas tirarão extremo proveito do conhecimento profundo desse Arcano. Esse conhecimento lhes permitirá penetrar mais profundamente nos segredos da sabedoria e portanto lhes facilitará a resolução dos maiores problemas. Isso não é possível pelo ponto de vista do conhecimento apenas, mas, somente com a utilização do conhecimento aliado à sabedoria. Um Iniciado deve ser capaz de responder, a qualquer tempo, a qualquer questão que lhe seja exposta. Se esse Iniciado, homem ou mulher, tomou o rumo certo dentro do Hermetismo, deverá ser capaz de resolver qualquer problema que esteja enfrentando, contanto que esse problema que ele enfrente tenha conexão com as leis universais. Está



entendendo?"

— "Hum, hum. Entendendo e gostando muito. Mas continue, por favor."

— "Os teóricos interessados em Ocultismo também tirarão proveitos ao conhecer profundamente os mistérios desse Arcano."

— "Quer dizer que você distingue os Iniciados dos teóricos?"

— "Claro! Os teóricos estudam, pesquisam, e só. Os iniciados fazem isso, mas também experimentam. Fazem de si mesmos laboratórios da Criação, colocando-se como palco dos mistérios. Eis a distinção. Compreendeu?"

Fiz que sim com a cabeça.

Ele continuou:

— "Logicamente, não é possível explicar toda a sabedoria nas páginas de um mero livro. Ou mesmo em milhares de volumes. O mero conhecimento das verdades, a retirada do véu dos mistérios, servirá para inundar o indivíduo com a Energia das Leis Universais, dessa forma ampliando sua consciência e alargando seu conhecimento. Mais o indivíduo se identifica com essa matéria, mais forte nele tornar-se-á o poder dessas Leis, e ele se verá abençoado pelos poderes da Providência Divina em todo seu esplendor."

— "Lindo. Mas continue."

— "Nas escolas secretas de outrora, aonde estudavam profetas e sacerdotes, o conhecimento do IV Arcano era a base da preparação daqueles que um dia se tornariam instrutores, iniciadores e Gurus. A revelação desse Arcano tem sido a iniciação nos maiores e mais profundos mistérios.

Os Neófitos, como você, devem considerar o 'Livro

Dourado da Sabedoria' como um exame no seu caminho espiritual.

Portanto, o trabalho científico do IV Arcano é considerado como a base da ciência hermética."

— "Mas como devo me portar, como devo agir..."

— "Ouça, filho. Por enquanto, apenas ouça."

Era a primeira vez que Frank demonstrava ternura em suas palavras.

— "Até este século, os elevados mistérios simbolizados pelo IV Arcano só podiam ser passados pela linguagem dos símbolos, permanecendo assim, obscuros ao intelecto. Foi Franz Bardon quem me ensinou tudo isto que estou lhe dizendo. Em sua autobiografia, 'FRABATO', Bardon fala sobre isso. Como ele nos deixou antes de terminar a descrição completa desse Arcano, só vou poder passar-lhe até aonde a Providência Divina permitiu que ele divulgasse. Com seu passamento, em 1958, sobraram fragmentos desse trabalho, e seu editor, o Sr. Dieter Rüggeberg, resolveu editar essas folhas avulsas como complemento dessa auto-biografia. O que resultou foi um trabalho ímpar, que você deve adquirir. Só que você precisa fazer antes os exercícios do livro que você já tem, para depois partir para os exercícios contidos em 'FRABATO'."

— "Deixe-me tomar nota. Vou comprar assim que receber o próximo pagamento..."

— "Vamos continuar."

Bardon teve grande dificuldade em traduzir a linguagem simbólica do IV Arcano em linguagem intelectual.

E é justamente o fruto de seu trabalho que estamos saboreando neste momento.

Qualquer pessoa que maestrie o 'Livro da Sabedoria',

completamente, saberá os fundamentos da filosofia hermética do ponto de vista das Leis Universais.

As irmandades herméticas e ordens ocultas que ensinam o verdadeiro conhecimento hermético terão a oportunidade de ter, entre seus membros, filósofos praticantes."

— "Continue, estou gostando muito!"

— "Vou lhe falar sobre a Religião Hermética.

Há dois conceitos básicos de religião. Um deles é relativo, enquanto o segundo é absoluto, ou Religião Universal."

— "Então há uma Religião Universal?"

— "Ouça, por enquanto só ouça."

— "Estou ouvindo. Pode continuar. Desculpe as interrupções."

— "Desde o princípio da humanidade até os dias atuais, todas as religiões pertencem à categoria de religiões relativas, as quais passaram por um estágio inicial, tiveram seus dias de glória e, eventualmente, chegaram ao fim. Ou chegarão. É tudo questão de tempo. Cada religião relativa teve seu próprio fundador.

É perda de tempo citar todos os sistemas de religiões relativas.

Você mesmo, em suas peregrinações em busca da Verdade, experimentou vários deles, estou certo?"

— "Totalmente. Foram tantos que quase não dá para contar!"

— "Pois é. Todas esses sistemas de religiões relativas são igualmente sujeitos a leis de transitoriedade, pouco importando se um sistema em questão tenha milhares, centenas ou dezenas de anos de existência. O período de tempo pelo qual uma religião poderá existir depende, e muito, de seus fundadores e pregadores.

Quanto mais Leis Universais uma religião contenha, quanto maiores forem as Verdades Universais que essa religião representa e prega, mais tempo ela durará.

Sua existência minguará à medida em que suas doutrinas forem mais desequilibradas, seus pregadores mais fanáticos, seus ensinamentos mais ditatoriais, seus dirigentes mais autoritários.

Porém, toda religião tem seus pontos positivos, bem como uma missão especial.

Sempre haverá, em cada religião, um certo aspecto, embora parcial, e normalmente oculto, da Lei Universal e da Verdade Cósmica, seja na forma de seu simbolismo peculiar, ou na manifestação de idéias abstratas.

Um verdadeiro Adepto notará que, em cada religião relativa, não importa de qual época, os fragmentos de algumas idéias originárias da Religião Universal estão presentes.

Assim, um Adepto aprecia cada religião da mesma forma, não se atentando ao fato de uma ser do passado, outra do presente, nem que uma teve vida curta ou outra durará muito tempo, pois ele sabe que cada religião encontra seus adeptos, cada qual sendo adequado ao grau de maturidade do outro. Assim, com todas essas desigualdades, forma-se o todo. Afinal, Beto, nem os dedos de uma só mão são todos iguais, e cada qual tem uma função diferente.

Do ponto de vista do hermetismo, mesmo o materialismo ateu é um sistema religioso cujos adeptos podem não acreditar num Deus, nem em algo sobrenatural, mas firmam-se na doutrina que abraçaram: o que importa é a matéria.

Desde que o Iniciado tenha consciência de que toda a matéria é a forma simbólica da aparência Divina

refletida pelas Leis da Natureza, ele não condenará ninguém que se diz materialista. Apenas compreenderá que essa pessoa está seguindo o sistema religioso adequado a ela, e à sua maturidade.

Mais maduro o ser humano vai ficando, através de suas sucessivas encarnações e respectiva evolução, mais próximo vai ficando das Leis Universais, de forma que ele penetrará mais e mais fundo nessa Verdade Absoluta, até o ponto de que nenhuma religião relativa o deixará plenamente satisfeito."

— "Muito interessante. Suas idéias são maravilhosas."

— "São maravilhosas, sim, mas não são minhas. Quem as trouxe a nós, de forma intelectual, foi Franz Bardon. Só ele merece esses elogios.

Deixe-me continuar.

Um ser humano assim, bastante amadurecido e evoluído, voltar-se-á para a Religião Universal e será capaz de alcançar as Leis Universais no Microcosmos e no Macrocosmos.

Isso tudo que eu lhe disse, Beto, é para que você entenda que toda religião que não represente as Leis Universais completamente, é sempre relativa e transitória.

As Leis Universais são imutáveis desde o princípio do mundo e não mudarão até o fim.

O Hermetista maduro poderá pertencer, oficialmente, a qualquer religião, seja por desejar isso intimamente, seja por achar isso positivo por travar contato com pessoas diversas, evitando chamar a atenção de pessoas imaturas. Mesmo em nosso tempo, em muitos lugares, uma pessoa que não frequente uma religião chama uma atenção indesejável. Um Hermetista deve manter-se

discreto com relação à sua maturidade e faculdades.

Em sua mente, alma e coração, porém, ele professará a Religião Universal, as Leis Universais.

Um Iniciado não crê em nada que ele não esteja convencido, nem acredita em qualquer Deus personificado, ou outra espécie qualquer de ídolo. Mas ele sempre deverá observar a legalidade e harmonia existente em todas as formas.

Creio que você agora compreende a diferença entre religião relativa e absoluta."

— "Sim, e lhe digo que você me ensinou muita coisa nova, Frank."

— "Devo continuar, ou você está cansado?"

— "Cansado? Não! Continue, por favor. Estou ansioso por mais."

— "Em todas as épocas, Magia e Misticismo foram ensinadas em escolas secretas, para sacerdotes apenas. Essas duas disciplinas eram ministradas simultaneamente, e com igual ênfase, pois esses conceitos básicos foram sempre extremamente importantes na ciência hermética e eles continuaram sendo importantes no futuro.

Originalmente, todas as ciências que se desenvolveram no mundo material, ao longo do tempo, passaram a integrar o conhecimento mágico. Portanto, todas as técnicas, não importa de qual campo da ciência, foram passadas de Mestre a Discípulo, de acordo com a vontade da casta sacerdotal. Todas as ciências, inclusive a matemática, a química, a física e a astronomia, faziam parte do conhecimento mágico."

— "Continue, continue."

— "Preciso de um copo de água."

— "Eu pego" disse.

— "Pode deixar. Já volto e continuarei minha explanação."

Passaram-se cinco minutos, mas o eco daquelas palavras ainda ressoava em minha mente.

— "Aqui estou, Beto."

— "Sou todo ouvidos."

— "Aonde estávamos?"

— "Você dizia que na antiguidade, se estudava todas as ciências sob o nome de Magia."

— "Mais ou menos isso."

Frank parou por alguns instantes, daí recomeçou:

— "Por outro lado, tudo que não fosse concreto, como religião, filosofia, o conceito de Deus, moralidade, virtudes, habilidades e qualidades de qualquer tipo, caíam no âmbito do Misticismo.

Assim, do ponto de vista Hermético, Magia não pode ser separada de Misticismo, pois aonde não há legalidade, nem base material substancial, não pode haver também qualquer faculdade, nem qualquer virtude ou visão moral."

Fomos interrompidos por um casal que passeava no parque.

Frank era muito discreto, e parou imediatamente de falar.

Respeitei seu silêncio.

Somente quando o caszinho já estava fora do alcance de nossas vistas é que Frank começou a falar novamente.

— "Beto, meu amigo, tenho de ir. Estava tão entusiasmado com nossa conversa que nem percebi o tempo passar. Desculpe-me. Se você quiser, poderemos nos encontrar, excepcionalmente, depois de amanhã."

— "Bem, para mim está ótimo depois de amanhã. Neste mesmo local?"



— "Sim, amigo. No horário de costume. Adeus."

— "Adeus" disse, com a cabeça ainda cheia de reflexões sobre o que ele me dissera.

Puxa, pensei, esse Bardon era um gênio! Deve ter sido fantástico ter convivido com ele. Gostaria de saber mais sobre sua vida.

Passei aqueles dois dias mergulhado no livro de Franz Bardon.

Por mais que eu lese, e acreditasse entender, no momento de colocar em prática os ensinamentos, a coisa toda mudava.

Decidí que iria pedir ao Frank um auxílio nessas práticas.

Já que ele estava tão disposto a me ajudar, eu iria pedir um pouco mais. A necessidade supera o acanhamento...

Na manhã de nosso apontamento, resolvi fazer a barba, coisa que deixara de fazer regularmente há meses. Só fazia a barba quando, alta madrugada, não conseguia dormir. Mas nessa manhã foi diferente. Sentí necessidade de me aceitar, de cuidar de mim, de melhorar minha imagem.

Quando saí do banheiro, banhado, barbeado e penteado, meus pais se assustaram.

Estavam ambos sentados na mesa da sala, aguardando-me para que tomássemos juntos o desjejum.

Havíamos adquirido esse hábito, aliás muito salutar, de tomar o café-da-manhã juntos, havia muitos anos.

Eu, nos meus tempos de estudante, era sempre o primeiro a sentar à mesa, vestido com o uniforme do colégio. Era a imagem do filho perfeito, da promessa de um futuro brilhante.

Mas o tempo me havia mudado.

Nos últimos anos vinha, pouco a pouco, perdendo o entusiasmo pela vida.

Passara a ser o último a sentar à mesa, normalmente após um banho rápido, verdadeiro "choque d'água". Tomava o banho e colocava novamente o pijama.

Mamãe tentara remediar esse problema, bem a seu modo: colocava, a cada dia, um pijama limpinho na banqueta do banheiro.

Quando eu entrava no banheiro, lá estava o pijama, fitando-me como que a me desafiar para algum duelo. Aliás, nesses tempos de profunda revolta e depressão, tudo parecia me desafiar. Os veículos, os utensílios domésticos, tudo parecia crer que eu não era mais capaz de dominar simples objetos.

Mas eu havia tomado a iniciativa de dar a volta por cima.

— "Bom dia. Pai, mãe, tudo bem?" perguntei.

— "Bom dia, filho" disse mamãe.

— "Que boa aparência! Bom dia, seja bem vindo!" disse meu pai, quase não acreditando no que via.

Meu pai chama-se José. Seu Zé.

Seu Zé. Zé. Zé povinho. Zé ninguém.

Ô nomezinho.

Ouvir todo mundo dizendo "Olá, Zé", "Boa tarde, Seu Zé" aquela intimidade me irritava.

Meu pai nunca havia sido brilhante, nem jamais tivera boas oportunidades na vida. Aliás, jamais tivera oportunidade de espécie alguma. Mas também não era alguém desprezível.

O Seu José era um bom homem. Dedicado aos amigos e à família, incapaz de maltratar qualquer pessoa, sofria com os problemas alheios.

De qualquer modo, sempre havia sido honesto e prestativo, embora muito submisso, muito humilde.

Eu não compreendia muitas de suas atitudes, mas tinha de aceitá-las.

Afinal, eu amava meu pai. Talvez não tanto quanto deveria, mas o amava. Nunca o demonstrava, é verdade. Mas ele conhecia meus sentimentos sobre ele.

Minha mãe chama-se Ana.

Dona Ana. Dona Ana do Seu José. A Ana do Zé.

Minha mãe é muito amorosa.

Lembro-me de quando eu era pequeno, e ela nos mimava muito, a mim e à minha irmã.

Dona Ana sofreu muito com a partida de minha irmã, sua filha Patrícia.

Minha irmã, sempre tão ligada nela, havia sido muito

cruel com sua atitude repentina, a fuga.

Minha mãe se recuperara, mas perdera a formosura de outrora.

Ela, que sempre fora robusta e corada, agora era magra, pálida, desencantada.

Mas, mesmo assim, era mais forte que eu.

Afinal, ainda que sob o peso de tão pesado golpe do destino, dado pela própria filha, a quem criara, cuidara e alimentara com tanta dedicação e carinho, mamãe não havia, jamais, esmorecido. Continuava a ser a dona-de-casa exemplar de sempre.

Exemplar até demais, diga-se de passagem, pois sua mania de limpeza parecia-me até uma obsessão. Mas quem era eu para falar de manias?

— "Sente-se, filho!" disse mamãe.

Sentei-me logo.

Após tão calorosa recepção, o que viria?

Ora, o habitual silêncio, pois estava no ar mais um dos inúmeros telejornais assistidos assiduamente nesta casa.

Como de costume, cada um se servia. Nessa manhã, tudo igual.

Bem, aqui cada um faz a sua parte: mamãe cozinha e prepara tudo que papai comprou e pagou; eu como, bebo e durmo... É, tenho de mudar urgente. Não de casa, mas de atitude. Sou muito jovem para tornar-me um fardo para minha família.

Tomei uma xícara de café com leite, depois outra de leite puro, ambas com muito açúcar.

Comi duas fatias de torrada, quentinhas, com um pouco de manteiga sem sal. Francamente, prefiro manteiga com sal, mas não estava em condições de exigir nada...

Peguei uma fatia de queijo prato, uma outra de presunto cozido, colocando-as entre duas torradas, saboreando esse sanduíche inusitado.

Apesar de nosso lar ser simples, é bem espaçoso, contando com uma sala, copa-cozinha, três quartos, dois banheiros, área de serviço, garagem, jardim e quintal.

E meu pai nunca deixou faltar nada nesta casa.

Como em nosso desjejum, sempre temos, em nossas refeições, um pouco de tudo. Temos queijo, embutidos, pão que, quando amanhecido, vira torrada ou pudim, café, chá e leite.

Nunca temos muito de nada, mas sempre um pouco de tudo.

Pensando bem, meu pai tem feito, com seu jeito simples, bem mais que seu filho intelectual.

Será que eu estou ficando sábio?

Estou mudando, não tem dúvida. Para melhor, creio.

— "Vou sair, gente. Voltarei no final da tarde" eu disse.

— "Filho, você não vem para o almoço?" perguntou, preocupada, minha mãe, com a pureza que só as mães possuem.

— "Não, mãe. Tenho muitas coisas a fazer na cidade" respondi.

— "Deus te acompanhe" disseram meus pais, em uníssono.

— "Deus fique com vocês" respondi quase que por reflexo.

Peguei meu agasalho de lã, pôdo pelos anos e pelas traças, pois a manhã era fria e úmida, vestindo-o ao mesmo tempo em que abria a porta.

Saí e batí a porta, que tem aquelas fechaduras que se trancam sozinhas.

Caminhando da porta até o portãozinho, de um metro de altura, as frases envolvendo a palavra Deus começaram a ecoar em minha mente.

Desde que me embrenhara pela senda do ocultismo, a palavra Deus havia se transformado, cada vez mais, em apenas isso: uma simples palavra.

No começo, achava que me transformaria num ser auto-suficiente, um deuzinho independente.

Envolvido com Magia Negra, transformara minha presunção em ignorância, execrando Deus como se fora eu algum ser danado.

Depois, descrente de tudo, havia transmutado minha ignorância em depressão, passando, então, simplesmente a ignorar a existência de Deus.

Desde que começara a ler o tal livro do Bardon, a idéia de Deus voltava à minha mente. E com força.

Chegando até o portão, olhei para cima e, fitando o céu, disse: – "Bom dia, dia!".

Mal tinha atravessado o portão, percebi que há meses sequer olhava para as plantinhas que mamãe, com dedicação, tratava, travando uma batalha diuturna contra taturanas, formigas e ácaros.

Voltei-me, então, para dentro do jardim, dizendo baixinho:

— "Bom dia, plantinhas".

É, parece que eu estava mesmo voltando a ver a luz.

A manhã estava fria, o céu tinha uma tonalidade cinzenta, prenunciando, de maneira ameaçadora, um temporal.

Apesar disso, meu humor estava perfeito.

Creio que meu Sol interior iluminava até mesmo aquela manhã nublada.

Para mim, o dia estava lindo.

Tão lindo, tão convidativo a usufruir de todas as suas qualidades, que resolvi ir a pé até o parque, para encontrar-me com Frank.

Ir a pé, naquele frio, sem pressa, era tarefa para alguém realmente bem-humorado.

E esse alguém era eu.



Demorei muito mais que o tempo habitual para chegar ao parque.

Mesmo assim, ainda estava adiantado.

Incrível, pensei, como sobra tempo quando fazemos as coisas com boa vontade e de 'alto-astal'.

Cheguei ao parque uma hora antes do previsto.

Resolvi, então, dar uma volta pelo mesmo, como fazia em meus momentos de desespero.

Mas, dessa vez, seria diferente.

Estava determinado a ver cada planta, cada pedra, cada inseto.

Agora, estava com o firme propósito de ver Deus em todas as suas criações.

Caminhei pelo parque, que acreditava conhecer como a palma de minha mão.

Ledo engano.

Não conhecia nada.

Cada planta era maravilhosa, cada inseto uma criatura de Deus.

Em cada pedra estava uma face, uma expressão.

Quando se quer, Deus está em tudo.

Como já se passara o tempo de sobra, rumei para meu encontro.

Cheguei no 'meu' banco, onde me sentei.

Cinco minutos mais tarde, avistei Frank dobrando a alameda arborizada.

Vinha sorridente.

Mas estava diferente.

Ao invés de roupa social, trajava-se todo de branco, dos sapatos à camisa.

Médico? Seria Frank um médico?

— "Frank, que prazer em vê-lo!" exclamei.

— "Olá, amigo. Como tem passado?" perguntei.

— "Muito melhor, estou amadurecendo" eu disse.

— "Beto, hoje estou feliz. Dei alta a um paciente que, francamente, foi uma prova em minha carreira. Tratei-o por onze anos. Está curado!"

— "Então você é médico? O que tinha seu paciente?"

— "Sou médico psiquiatra, e meu paciente sofria da mais estranha combinação de problemas mentais que tive notícia. Mas hoje ele é um homem curado. Graças a Deus!"

— "E graças a você também, Frank."

— "Sou apenas um instrumento, uma ferramenta. Mas, concordo, mantenho-me afinado, lubrificado. Tento ser uma boa ferramenta."

— "Você é a melhor!" exclamei.

— "É meu sonho, Beto. Quem sabe, um dia, venha a ser o melhor servo da Providência Divina. Por enquanto, vou fazendo o melhor que posso."

— "Você não me disse que era médico. Agora, responda: você veio ao meu encontro por eu ser uma cobaia perfeita para ser usada em sua psiquiatria?" perguntei.

— "Não, Beto. Você é um caso para a Magia, meu

amigo. Além disso, não faço uso de cobaias!

Você resolverá todos os seus problemas, alcançará todas as suas expectativas, na Ciência Sagrada. Tudo quanto você desejar, a Magia te fornecera. Não estou me referindo aos bens materiais, é claro. Eles são importantes, mas não representam porcentagem significativa frente a tudo que a Magia nos oferece."

— "Quer dizer que, para ser Mago, temos de abandonar os bens materiais?" perguntei desconfiado.

— "Lógico que não.

Só não devemos achar que eles são tudo.

Mas, um Mago não pode passar fome, viver embaixo da ponte, nem ser um miserável.

Deve, isto sim, ser um exemplo.

E alguém exemplar deve viver bem. Faustosa ou modestamente, mas bem.

Há Magos ricos, outros artesãos, mas todos vivem com respeito e dignidade.

O que quis dizer é que não se deve ter, como meta, enriquecer a qualquer custo.

Se enriquecer é o desejo pessoal de alguém, e esse alguém pretende fazer bom uso de sua fortuna, de seu poder, nada há que conflite com a condição de Mago.

Apenas não se deve usar de Magia para enriquecer.

Não seria ético.

Também não se deve pisar nos outros, passar por cima das pessoas, pois isso também é errado.

Se alguém quer ficar rico, que trabalhe para isso.

Mas, com respeito pela natureza, pelo ser humano e pela Divindade."

— "Entendí. Nada há de errado em ser rico. Ou em ser pobre. O importante é estar bem consigo mesmo,

respeitar-se e aos outros como a você mesmo."

— "Exatamente!" exclamou Frank.

Nesse exato momento, seu "bip" tocou.

— "Beto, aguarde um instante que vou até o carro telefonar."

— "Você tem telefone celular?" perguntei.

— "No carro. Já volto."

Para não perder o costume, fui até um dos ambulantes do parque e comprei um saquinho com coquinhos fritos.

Voltei ao "meu" banco e, sentando-me, comecei a comer os coquinhos.

Puxa, pensei, até eles tinham gosto diferente quando a gente não está amargo...

Será que Deus está presente até numa porção de coquinhos fritos?

Com certeza...

Nem bem começara a comer meus coquinhos e Frank estava de volta.

Trazia em sua mão direita o mais fantástico telefone celular que eu jamais havia visto.

— "Eis-me aqui, Beto.

A pessoa que me chamou deve estar falando ao telefone, pois a linha está ocupada.

Para não deixá-lo esperar muito, resolvi voltar com o telefone, para ir tentando novamente minha ligação."

— "Que telefone lindo, Frank! Posso vê-lo?" perguntei.

— "Claro. Ei-lo."

Tomei o lindo aparelho em minhas mãos.

Parecia uma coisa de outro mundo.

— "Que aparelho é este, Frank?" perguntei.

— "É um IBM SIMON, que engloba telefone e fax, e possui tela de cristal líquido ao invés de um teclado convencional.

É um desses avanços tecnológicos a serviço da humanidade."

— "Sim, e é encantador.

Mas para que um Mago precisa de um telefone celular?" indaguei.

— "Para dar e receber telefonemas quando não haja algum aparelho telefônico convencional à mão, Beto." respondeu-me ele.

— "Não foi isso que eu quis dizer, Frank.

Perguntei para que alguém com elevação espiritual precisa de bens materiais tão custosos."

— "Precisamos do que desejamos, do que nos alegra a alma e o espírito. E do que nos auxilia no trabalho.

Na verdade, um telefone desses não custa mais do que um computador novo.

Além disso, quando fugi da Alemanha nazista, deixei tudo para trás.

Perdi tudo, pois todas as minhas propriedades ficaram do lado que se tornou comunista.

Vim para esta terra abençoada, como se diz, com uma mão na frente e outra atrás.

Aprendi o idioma, assimilei os costumes.

Com muito esforço, conseguí tornar válido, por aqui, meu diploma de médico.

Recomecei tudo do zero.

Hoje estou bem de vida, e sinto-me feliz por isso.

Ajudo a quem posso, sempre que necessário.

Só não me sinto, como não sou mesmo, responsável pela miséria que assola este país.

Tudo o que tenho, conquistei trabalhando duro.

Não tenho vergonha de estar rico."

— "Não sabia nada disso. Você nasceu aonde?"

— "Nos Balcans, mais precisamente em Montenegro.

Filho de um casal de diplomatas estrangeiros, nasci lá, mas só fiquei nessa terra até aos dez anos.

Meu pai era o primogênito de uma tradicional família alemã; minha mãe pertencia à nobreza; sua família era rica e poderosa.

Na Alemanha, morávamos num castelo de centenas de anos.

Estudei sempre nos melhores estabelecimentos.

Tínhamos, eu e meus pais, tudo do bom e do melhor."

— "Você não tem irmãos?"

— "Não, Beto, sou filho único."

Frank parou por alguns instantes, olhando ao longe, como quem tenta recordar o passado fitando as nuvens.

— "Continue, Frank, por favor."

— "Casei-me, aos vinte e oito anos, com uma jovem muito bonita e culta.

Seu nome era Raquel.

Era judia."

— "Isso foi antes da II Guerra Mundial?" perguntei.

— "Exatamente.

Vivemos juntos por vários anos, muito felizes.

Apenas, não tive filhos desse casamento.

Eu tinha uma carreira promissora, era rico e influente.

Minha jovem esposa era de uma família de artistas e intelectuais."

Frank parou um instante, pedindo-me:

— "Beto, por favor, dê-me o aparelho."

Ele se referia ao seu telefone celular que eu ainda tinha nas minhas mãos.

Estendí a mão e ele pegou o aparelho.

— "Obrigado. Vou tentar ligar novamente."

Digitou uma tecla virtual, no próprio visor de cristal do telefone.

Coisa de ficção científica.

— "Ainda ocupado." disse ele, desligando o aparelho.

— "Então, continue."

— "Você é curioso mesmo, não?"

— "Sim, Frank."

— "Pois bem.

Nos anos 30, o NSDAP, o Partido Nazista, subiu ao poder na Alemanha.

Instaurou-se, então, um período de terror e obscuridade.

As minorias foram perseguidas e dizimadas.

Bardon fora avisado, por um de seus protetores espirituais, que deveria deixar a Alemanha.



Fora avisado, também, que deveria recomendar a todos os seus amigos e seguidores que destruíssem toda e qualquer prova de amizade com ele.

Quando Bardon me recomendou que também deixasse a Alemanha, relutei, pois tudo o que tinha estava lá.

Ele então me disse que, caso não destruísse todas as provas de nossa amizade, além de fugir imediatamente do país, sofreria revezes imensos.

Disse-lhe que não conseguia entender como Iniciados de sua estirpe tivessem de correr feito coelhos assustados.

'Não temo a morte, amigo Frank, pois seu Anjo é meu amigo.

Mas tenho uma importante missão a completar, nesta vida, e não pretendo deixá-la sem cumprir essa determinação da Providência Divina', foram suas palavras em resposta à minha indagação agressiva.

De qualquer modo, Bardon era um sábio de verdade, e sabia, com certeza, o que dizia.

Destruí, com muita tristeza, toda nossa correspondência.

Como planejava retirar minha esposa e meus pais da Alemanha, viajei à França, para adquirir uma casa aonde pudéssemos nos alojar.

Isso foi no meio da década de 30.

Durante o tempo em que estive fora, agentes da GESTAPO, Polícia Secreta do Estado, junto com membros do NSDAP, e integrantes da FOGC, invadiram minha casa.

Apreenderam muitos documentos, entre eles alguns que comprovavam minha ligação com 'Sociedades Secretas', grupos de ocultistas.

Eu era, então, uma ameaça ao sistema."

— "Como assim?" perguntei, meio confuso.

— "Ao assumir o poder, Adolf Hitler determinou que todas as 'Sociedades Secretas' fossem extintas.

Maçonaria, Rosacruz, Fraternitas Saturni, Ordo Templi Orientis, Adonistas, todas estavam prescritas.

Rah Omir Quintscher era um dos mais famosos Magos de então.

Dirigia um grupo de estudos elevados, inclusive sobre Magia Sexual.

Quando fora preso, os agentes da polícia encontraram, em seu poder, correspondências que mantivera com Franz Bardon.

O elo estava, então, criado.

Passaram a perseguir todos os ligados a esse grupo, pois sabiam tratarem-se de Magos competentes, capazes de desmascarar seus verdadeiros propósitos, revelar a verdade sobre o Nacional-Socialismo e a FOGC – Ordem Franco-Massônica da Centúria Dourada.

Essa Ordem, "irmã" da também conhecida Thule-Order, era composta de noventa e nove Lojas, espalhadas pelo mundo.

Cada uma dessas Lojas tinha noventa e nove membros humanos, sendo o centésimo um Demônio.

Hitler fazia parte de uma dessas Lojas, e queria que Bardon lhe revelasse os nomes de todos os membros das outras noventa e oito Lojas espalhadas pelo globo, para que pudessem dominar o mundo.

A Bardon foram oferecidos cargos importantes no III Reich.

Franz, é claro, recusou-se a servir a Hitler e ao Nazismo.

Começou, então, inenarrável perseguição.

Mas voltemos à minha história, minha odisséia pessoal.

Minha esposa e meus pais foram aprisionados.

Deportados para um dos inúmeros campos de extermínio.

Morreram cativos.

Eu estava na França, quando fui avisado, por um amigo, do destino trágico de meus entes queridos.

De início, prostei-me, desesperado.

Depois, resolvi que integraria algum movimento de resistência.

Como tinha muitos contatos, acabei sendo recrutado por um grupo de inteligência.

Esse grupo se transformaria, mais tarde, no 'OSS – Office of Strategic Services'.

Nunca fui um guerreiro, portanto minha missão era muito mais intelectual do que de combate.

Colaborei um pouco, mas não creio ter feito o bastante."

— "Você tem história, hem?

Mas como um Mago pode tornar-se um guerreiro ou espião?"

— "Como diz o ditado, quando a água chega na cintura, aprendemos a nadar.

Tinha, ainda, a esperança de recobrar meus queridos pais e amada esposa.

Fiquei na vã esperança.

Pelo menos, tentei.

Melhor que ter ficado de braços cruzados."

— "Sem dúvida."

— "Continuando.

Com o início da Guerra, o 'OSS' deslocou-me para Casablanca; percebi, então, que não tinha talento para

ser um agente de inteligência.

Resolvi que, com o fim da Guerra, emigraria para longe de minhas memórias, e recomeçaria minha vida.

Fiz, nos meus tempos de 'OSS', o que pude.

Mas não fui herói.

Na verdade, fiz, como lhe disse, muito pouco.

Terminada a Guerra, vim para cá.

Fui morar numa pensão pequenina.

Arrumei emprego como enfermeiro num modesto hospital.

Daí, fui lutando e, pouco a pouco, conquistando o que hoje tenho.

Sempre fui um otimista, não me deixando abater pelas circunstâncias.

Como você vê, eu venci.

E o Nazismo, com todo o poder dado pelos Demônios do Pacto das FOGC, foi derrotado."

— "Que Demônios, que pacto? Isso, para mim, é novidade."

— "As FOGC, as noventa e nove Lojas, eram comandadas por Magos Negros tibetanos, membros da seita Bon-Pa.

Esses Magos Negros se utilizavam dos membros das Lojas da FOGC para a realização de seus propósitos caóticos.

Ao entrar para uma das Lojas da FOGC, a pessoa tinha de fazer um Pacto com o Demônio da loja.

Tal Pacto era celebrado em honra a quatro Demônios de grande envergadura de poder, cujos nomes não vêm ao caso.

Nesse Pacto, a pessoa recebia um Auxiliar Mágico para atendê-lo em tudo. Tudo mesmo.

Em troca, quando sorteada, essa pessoa teria a

'honra' de cometer suicídio, sacrificando-se em homenagem ao Demônio da Loja.

A cada dia 23 do mês de junho, os membros dessa Ordem, fundada na Alemanha após 1825, por pessoas influentes de Munique, reuniam-se.

Nessa noite era feito o sorteio do número do membro a ser eliminado desta vida. Esse deveria cometer suicídio.

Em seu lugar, um novo membro seria admitido.

No início, as FOGC faziam uso de rituais para sacrificar desafetos à distância.

Depois, sofisticaram-se, criando, com inspiração diabólica, uma espécie de máquina radiônica, batizada de 'Tepaphon', destinada a retirar o Prana, ou energia vital, de quem quer que tivesse uma foto ou mecha de cabelos sua, ou mesmo uma égide em cera, colocada em tal engenho.

Daí, com o Nazismo no poder, o FOGC pode desvelar sua verdadeira face:

um culto diabólico, que realizava sacrifícios humanos em massa.

— "Não há nenhuma fantasia nisso, Frank? Você não teria ficado traumatizado com as desgraças que caíram sobre sua cabeça?" perguntei.

— "Ora, ora, você também é psiquiatra?

Não tenho traumas.

Tenho, isto sim, tristes recordações.

Mas, infelizmente, isso tudo é verdade."

— "Não tive a intenção de magoá-lo. Desculpe-me."

— "Você não me magoou, Beto, não se preocupe."

Pegou novamente o telefone, discando o número memorizado naquela coisinha fantástica.

— "Devem estar namorando ao telefone.

Ainda ocupado."

Eu sorri, como que concordando.

— "Olhe, Beto, tenho muito a lhe dizer.

Você teria condições de visitar-me em minha casa, neste sábado?"

— "Claro, seria um grande prazer!"

— "Eis meu endereço.

Como é distante do centro, mandei imprimir, no verso do cartão, um roteiro.

Creio que assim você chegará lá, fácil."

— "Sim, está bem claro.

A que horas devo estar lá?"

— "Quinze horas, está bem?"

— "Claro, Frank. Três da tarde."

— "Você tem compromisso depois, ou pode ficar até à noite?" Frank perguntou.

— "Compromisso nenhum. Só me preocupo com a condução de volta."

— "Não se preocupe. Mandarei levá-lo para casa. Tenho um motorista sempre de plantão nessas ocasiões."

Que chique, pensei. Eu, de carro, com motorista.

— "Bem, sendo assim, pode me aguardar.

Fico muito contente por você me receber em seu lar.

Quando quiser, apareça em casa, também."

— "Irei. Depois que você me visitar, irei à sua casa.

Estou ansioso para provar a torta de bananas que sua mãe prepara."

— "Sim, essa torta é bárbara!

Mas como você sabe da torta?

Acho que eu nunca lhe falei dela..."

Frank riu.

Entendi tudo, ele não parecia mais, como antes,

saber tudo sobre minha vida.

Ele SABIA mesmo tudo sobre minha vida.

Despedímo-nos e eu, curioso como sempre, resolvi segui-lo até o carro, para saber qual seu meio de transporte.

Quase fiquei apoplético ao ver seu motorista abrindo a porta daquele carro lindo, prateado, quatro portas.

Era um carro estrangeiro... Não sei que marca...

Na traseira lia-se 'S 600'.

Espere um pouco, aquela estrela... MERCEDES-BENZ!

Puxa, uma Mercedes-Benz novinha!

Frank estava bem mesmo, pensei.

Fui para casa a pé, como tinha vindo ao parque.  
Refletia sobre tudo o que ele me dissera.  
Puxa, como é bom morar num país livre.  
Quanto sofrimento esses 'salvadores da pátria'  
levaram a tantas pessoas no mundo.  
Como eu era feliz, sem ter consciência disso.  
Podia voltar para casa, para meus pais.  
Nunca precisara fugir de nada nem de ninguém.  
É. Este é mesmo um país maravilhoso. Hoje é.



O resto da semana foi bastante interessante e agitado.

Fui chamado a prestar serviço a outras duas empresas.

As coisas começavam a se engatar.

Minha vida parecia ter tomado o rumo certo.

Sábado.

Acordei antes das sete horas da manhã.

Pela primeira vez, em muitos anos, tive vontade de fazer alguns exercícios de alongamento.

Exercitei-me por menos de dez minutos, mas esse foi o primeiro passo de uma nova e, espero, feliz caminhada.

Fiz a barba, com um capricho que já esquecera até que existia.

Depois, tomei meu banho, com calma.

Saí do banho revigorado.

Com a toalha, fofa, graças aos cuidados de mamãe e à química dos tais amaciantes de roupa.

Bela tecnologia, pensei.

O afago de uma toalha macia é algo que passa quase batido mas, quando nos detemos a observar todas as nuances da vida, até mesmo esses detalhes ínfimos são elementos capazes de alegrar os momentos de que a vida é feita.

Não sei por que, neste momento lembrei-me de uma música bonita, do final da década de 70.

Seu autor era o 'Carlinhos Borba Gato'; a música chamava-se, se não me engano, 'Sinto Muito'.

Dizia algo assim como 'a vida se resume em momentos'.

Isso mesmo.

'Eu sinto muito que você não possa ver que a vida se resume em momentos'.

Que coisa estranha.

Parecia fazer tanto tempo que nenhuma música povoava minha alma...

Senti-me como se nunca ouvira música alguma

antes.

Estava fascinado.

Pelas músicas só executadas dentro de minha mente.

Não era só isso.

Eu estava, pela primeira vez, fascinado com a vida.

Saí do banheiro, indo para o quarto.

Lá, procurei um 'walkman' jogado em algum canto.

Deveria estar no armário.

Não, não estava.

Numa sacola!

Sim, deveria estar numa sacola qualquer.

Achei-o na quarta sacola, entre uma dúzia delas amontoada num canto do quarto.

Por um instante o terror invadiu meu ser:

estaria meu esquecido 'walkman' municiado com pilhas?

Teriam essas pilhas vazado?

Estaria o pequenino aparelho se vingando de mim, numa desforra por ter ficado esquecido tantos anos?

Qual nada. Nenhuma pilha.

Ainda bem, pensei.

Bem, agora era hora de achar alguma pilha velha e... Não, nada de pilhas velhas.

Quando saísse, compraria pilhas novas.

Meu pequenino toca-fitas merecia essa deferência. Ao menos essa.

Noutra sacola encontrei fitas K-7. Muitas fitas.

Todas gravadas.

Puxa, todas as minhas fitas!

Até a coleção de fitas com todas as gravações de Raul Seixas, meu maior ídolo.

Havia alguns anos, um amigo comum nos apresentara.

Eu já era fã do Raul Seixas mas, conhecendo-o, fiquei cativado pela figura humana que era.

Quanta falta faz esse fabuloso artista para seus milhões de fãs.

Eu havia ficado tão contente em encontrar essa coleção de fitas que, por um momento, a abstração tomou conta de minha mente.

Recordei as poucas vezes em que estive com Raul Seixas.

Meu amigo, J.R., me apresentara a ele alguns anos antes de sua morte.

Nesses dias, quando eu bebia e comia filosofia hermética, às vezes de qualidade duvidosa, tomei algumas 'aulas' valiosas com o Raul Seixas.

Raul havia experimentado de tudo um pouco na vida.

Disse-me ele que, em termos de Magia, havia passado por muita coisa.

Magia Thelêmica, Magia Enoquiana, Goécia, entre tantas outras coisas.

Me lembro de ele ter me mostrado seu 'livro de cabeceira', que o acompanhou até o fim da vida.

Raul dissera ter recebido esse livro de presente de J.R..

A capa do livro tinha duas serpentes entrelaçadas, uma negra e uma vermelha.

Era... 'Iniciacion al Hermetismo'!

Puxa, era o livro de Franz Bardon! Até isso!

Como é que eu não havia visto a 'Luz' antes?

Só agora me dei conta de que muitas das coisas que eu lera no livro de Bardon, e até algumas que Frank me dissera, eu já havia ouvido da boca de Raul Seixas.

Lembrei-me da ocasião em que J.R. convidou-me para almoçar com Raul Seixas e seu parceiro e amigo

Marcelo Nova.

J.R. pediu que o encontrasse na porta de um restaurante chique, do qual não recorde o nome.

Num restaurante chique daqueles? Mas como poderia eu pagar minha refeição num estabelecimento que se impunha como lugar para 'ricos e famosos'?

J.R. disse que eu não me preocupasse.

Seríamos todos seus convidados.

Acreditei, embora um pouco temeroso com a possibilidade de ter de pagar minha parte na conta...

Encontramo-nos, ao meio-dia e meia, na porta daquele imponente estabelecimento.

Fiquei muito feliz por reencontrar Raul Seixas.

Nesse dia ele estava particularmente bem-humorado.

Foi nesse dia que conheci Marcelo Nova.

Nunca tinha sido um grande admirador do trabalho de 'Marceleza', como Raul Seixas chamava seu amigo.

Na realidade, pouco conhecia de seu trabalho.

Parece que os disk-jóqueis ignoravam suas composições.

Fiquei impressionado com a personalidade de Marcelo.

Com sua lucidez, com a clareza de seus pensamentos.

Marcelo não bebe, não usa drogas, mora com a mãe, a esposa e a prole.

Mas que roqueiro diferente, pensei.

Entramos no tal restaurante.

É, esses lugares chiques são demais!

Mal entramos, e fomos encaminhados até a mesa reservada, aonde sentamo-nos.

Nem bem sentamos, uma senhora muito bem vestida, cheia de jóias, acompanhada por um senhor também

elegantemente trajado, vinha ao nosso encontro.

— "Raul Seixas! É você mesmo? Sou sua maior fã! Que prazer em conhecê-lo!" disse essa jovem senhora, segurando a mão de Raul Seixas como uma criança que encontra Papai Noel pela primeira vez.

— "Meu prazer!" disse-lhe Raulzito sorrindo.

Raulzito, era assim que ele gostava de ser chamado.

Mal a senhora saiu, veio uma legião de garçons, todos desejando apertar a mão daquele ídolo popular.

Após a legião de fãs nos ter deixado, veio o maitre.

— "Bom dia, senhores" disse-ele, estendendo os cardápios para cada um de nós.

Puxa, nunca vi um maitre tratar alguém dessa forma.

Classe, pensei. Sem gosma.

Eu nem sabia o que escolher, pois não havia frequentado muitos restaurantes em minha vida.

J.R., percebendo minha indecisão, perguntou-me se poderia sugerir minha refeição.

Logicamente aceitei.

Veio couvert, salada, um presunto de carne bovina que não me recordo o nome, um outro tipo de embutido importado, coisas fantásticas.

Depois me trouxeram umas coisinhas engraçadas, cheias de perninhas.

Engraçadas e esquisitas.

— "O que é isso?" indaguei ao maitre.

— "São cabecinhas de lulas pequeninas, fritas à doré. Como se faz no Mediterrâneo."

— "Aonde?" perguntei curioso.

— "Na região do Mar Mediterrâneo. Na Espanha se come muito desse prato. O Sr. Paulo Coelho, o escritor, provou-as aqui e disse serem melhores até do que as que comera na Espanha. Para nós isso foi um grande elogio."

— "O Paulo Coelho esteve aqui?" indaguei.

— "Eu o trouxe duas vezes", disse J.R.

— "E que tal ele?" perguntei.

— "Dom Paulete?" respondeu Raul, "ele é ótimo, você precisa conhecê-lo. Foi ele quem me apresentou o J.R. O Paulo é um ótimo sujeito. Um grande intelectual" completou.

— "Mas vocês continuam amigos?" indaguei.

— "Claro! Uma amizade como a nossa, tão forte, nada pode mudar. Nem Deus nem o Diabo podem destruir. Nem a morte, nem o tempo podem apagá-la."

Nesse momento chegou a 'entrada' do Marcelo Nova, única que faltava.

Começamos a comer.

Essas lulas fritas, apesar de esquisitas, são muito saborosas.

Mal acabara de engolir o último pedaço do derradeiro molusco em minha frente, chegou o prato principal.

E que prato!

Era um 'filé de linguado na laranja e mel'.

O tal linguado fora o peixe mais saboroso que já provara, acompanhado por um creme e um purê inesquecíveis.

É, essa comida é mesmo o máximo, pensei.

A música ambiente, as pessoas elegantes, os funcionários sorridentes, tudo parecia estar certo, tudo no lugar certo.

Agora eu me lembrava como já fora um otimista.

E estava voltando a sê-lo.

Como diz a música, 'recordar é viver'.

E o que foi mesmo que escolhi de sobremesa?

Deixa ver se me lembro... Sorvete! Sorvete de melancia!

Isso mesmo, o melhor sorvete que jamais provara.

Se um dia eu tiver condições financeiras, vou comer ao menos uma vez por semana no tal restaurante. Quem sabe, num dia desses, conseguirei levar meus pais lá. Talvez antes do que eu imagine...

Deixe-me tentar lembrar daquele dia... O que foi que eu bebi? Acho que algum refrigerante... Não consigo me lembrar.

É, algumas coisas se apagam de nossa memória.

Olhei para o meu relógio e vi que não se passaram nem cinco minutos desde que comecei a divagar...

A Magia do tempo, essa água que corre por baixo da ponte, sem jamais voltar...

Como pude reviver algumas horas maravilhosas em tão poucos minutos?

Quão misteriosa é nossa mente!

Quem dera pudéssemos usá-la só para o bem, a satisfação, a alegria, a construção.

Quem sabe, num dia distante, n'outros tempo e lugar, possa meu Espírito imortal, habitante de um novo veículo terrestre, viver nessa realidade, hoje utopia.

Utopia... John Lennon criou a versão norte-americana da Sociedade Alternativa de Raul Seixas e Paulo Coelho, a 'New Utopia'.

Será que tem mais gente que, neste momento, pensa como eu?

Espero que sim.

Me deu saudades. Assim, sem mais nem menos.

Do J.R., do Raul Seixas, do Marcelo Nova.

Saudades das 'lulinhas fritas'.

Saudades da pessoa que um dia eu fui.

Saudades da pessoa que eu gostaria de ter sido.

Mas, quem sabe, o tempo deu, não uma parada, pois



ele não para, mas uma freiadinha, para que eu possa recuperar o rumo.

Bem, deixa eu me vestir, que o tempo passa e o frio está me cutucando as costelas.

Peguei a roupa toda, sem me esquecer do agasalho.

'Achei' no armário um casaco de couro, preto, dos tempos de faculdade.

Ele ainda serviria? Só experimentando para ver...

Puxa, serve como uma luva!

Vou com ele, disse para mim mesmo.

Pela primeira vez em muito tempo, eu estava me importando com o que vestir... Bom sinal, pensei.

Vestido, pronto, resolvi passar um perfume esquecido no meu criado-mudo.

Bom perfume, esse Drakar Noir.

Tinha cheiro de sucesso, o mesmo cheiro de sucesso que tem aquele restaurante chique, do qual esqueci o nome.

O cheiro do sucesso que eu sempre desejara.

Mas, agora, estava decidido: não desejaria mais o sucesso, apenas. Iria perseguí-lo, com afinho e disposição.

— "Bom dia, papai! Bom dia, mamãe" disse eu ao entrar na sala, aonde ambos assistiam a um telejornal matutino qualquer.

— "Bom dia, filho!" disse meu pai.

— "Bom dia, Betinho!" falou minha mãe.

Eu sorri.

Era a primeira vez que eu era chamado de 'Betinho'.

Era a primeira vez que eu desejava voltar a ser criança, voltar a aprender tudo de novo.

Voltar a estudar, voltar a crescer.

Voltar a me apaixonar pelas meninas.

Voltar a desejar segurar nas mãos de alguém que me atraía não sei bem qual o motivo.

Voltar a querer assistir a filmes puros e inocentes, como aquele da 'Leoa Elza' ou a série 'Daktari'.

Voltar a sonhar com o seriado 'Além da Imaginação'.

Sei que esses tempos não voltam mais.

Mas é bom sonhar, mesmo com o impossível.

Sentei-me à mesa, em silêncio, para não perturbar a televisão que dava brados furiosos, gritando contra algum buraco capaz de engolir uma jamanta, num canto qualquer da cidade.

Passando melado num pedaço de pão francês, lembrei-me de meus sonhos de criança.

Queria ser um grande caçador.

Um 'Grande Caçador Branco', como aquele 'Karamojo Bell', que matou mais de mil elefantes, com um fuzil Mauser calibre 7x57.

Ou como o maior caçador brasileiro, um médico carioca, o Dr. Alberto Machado.

Uma vez, lá pelos anos 70, li, numa revista 'Troféu', uma reportagem sobre esse homem.

Tinha fotos de suas armas, de seus troféus, as narrativas de caçadas a onças devoradoras de cães, de um tigre antropófago, tanta coisa emocionante!

Quando estive no Rio de Janeiro, até tentei descobrir o telefone de tal pessoa. Não consegui.

A revista 'Troféu' não fala mais de caça, assunto proibido no país.

De vez em, a revista 'Magnum' traz alguma reportagem do assunto, prova de determinação e coragem – coisa rara nestes dias.

Mas não importava não ter encontrado o 'Grande Caçador Branco'.

Nada importava, na verdade.

Seria caçador, isso era o que importava, e eu o decidira na pré-adolescência.

Enfrentaria as feras mais temidas do Planeta!

Alguém deve ter me ouvido... Acabei enfrentando feras perigosas, terríveis, que moravam dentro de mim.

Libertei os malditos Demônios, 'Choronzon', 'Legião', e não soube como controlá-los.

Quase fui derrotado. Destruído.

Mas esse Frank estava aqui para me salvar!

E eu não me deixaria derrotar, dessa vez.

Sairia vencedor, ou morreria tentando.

Como disse Paulo Coelho no seu ótimo 'Diário de Um Mago', repetindo as palavras de um Apóstolo, 'O que importa é combater o Bom Combate'.

E isso eu estava decidido a fazer.

Combateria o Bom Combate!

Derrotaria essas criaturas das Trevas. Frank e Bardon me ajudariam.

Nesse momento, regorgitei, vomitei, cuspi longe toda aquela porcaria de filosofia de loucos, fanáticos, dementes e tarados, que tanto mal causaram a mim e a tantas e tantas pessoas.

Quero encontrar a Luz!

— "Quero encontrar a Luz!" exclamei.

— "O que você quer, filho?" perguntou minha mãe, ainda absorta em buracos e crateras urbanas.

— "Nada, mãe. Já achei. Era a manteiga" disse, disfarçando meu sorriso.

Lembrei-me, naquele momento, de outra passagem com Raul Seixas.

Ele me dizia:

— "Adoro Metafísica, Bicho.

Tenho muitos ídolos nesse campo!"

— "O que você acha do Aleister Crowley?"

A filosofia dele é mesmo 'Magia Negra', ou isso é invenção?"

— "A sua filosofia me agrada, me seduz. Como seduziu a tanta gente interessante, como Fernando Pessoa, Jimmy Page, David Bowie, muita gente.

Essa conversa de 'Magia Negra' é fruto da falta de esclarecimento sobre todo seu sistema mágico.

Ele foi um indivíduo dotado de uma inteligência privilegiada.

Mas, hoje, prefiro o Sistema de Magia de Franz Bardon.

Tenho certeza de que, nesse Sistema, encontrarei o que desejo, e que incessantemente venho buscando minha vida inteira."

— "E o que você busca tanto assim?" perguntei curioso.

— "Se não sabe, é por estar fora do caminho, desviado da rota. Como eu estive muitas vezes. Mas não desta vez."

— "Tá, então estou desviado da rota. Mas me diga o que é. Por favor, eu preciso saber."

— "Pergunte à minha mãe, Maria Eugênia, quem sabe ela poderá lhe dizer.

Eu mesmo só posso repetir meus versos da música 'Paranóia 2'."

— "Sei. Entendí."

Parei por um momento, tentando me lembrar de tais versos.

— "Mas você diz, nesses versos, que há alguma coisa que precisa encontrar, mas não sabe bem o que é", eu disse.

— "Leia por entre as linhas, Beto."

— "Como ler entre as linhas da 'Pedra do Gêneses', por exemplo?"

— "Isso! Essa música, que fiz em parceria com o J.R., diz bem sobre minha busca dentro do Ocultismo. Ouça-a com atenção."

— "É fruto, então, de alguma experiência própria sua?" indaguei, surpreso.

— "Não só minha, como do J.R., e de muitas pessoas. A gente aprende muita besteira banhada de ouro.

A chave do maior poder, te dizem, mas, na verdade, não vale o chiclete que alguém mascou."

— "Então, tudo que você estudou, aprendeu..." eu ia dizendo, quando Raul me interrompeu:

— "Agora estou com o Franz Bardon! E isso é o que importa.

Mas não me entenda mal, todas as experiências que vivi foram importantes.

Como dizia Fernando Pessoa, 'tudo vale a pena, quando a alma não é pequena'."

— "Entendo."

— "Agora saia, que eu preciso dormir", disse-me Raul, sem a menor cerimônia.

Eu estava acompanhado de outros dois amigos seus, Sylvio Passos, presidente do seu 'fã-clubes do coração', e de Toninho Buda.

Saímos pela única porta de seu apartamento, num apart-hotel da rua Frei Caneca, em São Paulo.

Quando estávamos quase chegando ao elevador, ele abriu a porta, e disse:

— "Tome, Toninho (Buda). Isso é para você se proteger aqui em São Paulo. Esta cidade está ficando perigosa!" e fechou a porta, depois de entregar à Toninho

Buda um pacote, uma caixa embrulhada com papel de pão.

Toninho começou a abrir a caixa ainda no saguão do andar em que Raul morava, pela última vez.

A chuva estava forte e não tínhamos a menor pressa em sair.

Ao retirar o conteúdo da caixa, uma surpresa: era um daqueles coletes salva-vidas infláveis, do tipo que tem em todas as embarcações.

Toninho não entendeu direito a piada, quando viu Raul, sorrindo, por uma fresta da porta entreaberta.

— "Deve ser por causa dos alagamentos por aqui, Toninho", eu disse.

— "É, deve ser", disse ele sorrindo.

Sylvio Passos também rira, lembrando a vez que Raul havia lhe dado algum presente curioso, que não me recordo bem.

Recordações.

Raul morreu em agosto de 89.

Fui ao seu velório, eu e uma legião de fãs anônimos mas fiéis.

Desde então, nunca mais vi o Marcelo Nova pessoalmente. Só na TV, de vez em quando.

Nem o Sylvio Passos ou o Toninho Buda; muito menos o J.R.

Aonde estarão?

O que estarão fazendo de suas vidas?

Quando eu conseguir 'dar a volta por cima', vou procurar todas essas pessoas.

Estou, pela primeira vez, de bem com a vida.

Terminei meu café-da-manhã repleto de recordações, levantando-me em seguida.

Meus pais comentavam, horrorizados, mais uma

'baixaria' de algum político.

Eu estava tão desligado de tudo aquilo, tão contente em estar me encontrando, que dei um beijo em cada uma das faces de minha mãe e, depois, na testa de meu velho pai.

Ele não entendeu nada.

— "Vou sair. Só voltarei bem tarde. Não se preocupem" avisei.

Saí pela porta que dá no jardim.

Como é possível, esse jardim que eu sempre ignorei está cada vez mais bonito, pensava.

Saí pelo portão, fechando-o com cuidado.

Iria até à floricultura do bairro para comprar algumas flores.

Dizem que é falta de educação ir pela primeira vez à casa de alguém, 'de mãos abanando'.

Vou comprar um vasinho de flores.

Um vasinho modesto, que estou com pouco dinheiro, mas um vasinho bem bonitinho, pensei.

— "Bom dia. Quanto é aquele ali?" perguntei à moça que estava sozinha naquela floricultura esquecida pelo tempo.

— "Está marcado", respondeu-me, sem muita atenção.

Lembrei-me daquele maitre do tal restaurante chique... que diferença!

Será que o sucesso faz as pessoas serem mais atenciosas, competentes e educadas?

Não, acho que são as pessoas competentes, educadas e atenciosas que alcançam o sucesso e, mais importante, o mantêm.

Vendo o preço, descobri que era bem mais do que eu imaginava mas, mesmo assim, podia pagar.

— "Tome" disse eu, entregando à funcionária alienada da vida, a quantia certa do valor do vasinho.

— "Tem uma sacolinha, algo assim?" perguntei.

Ela puxou algo de um canto qualquer do balcão e entregou-me um saco de plástico preto, daqueles usados para por lixo.

Sua delicadeza, ao manipular tão fino produto, era a mesma de quem cata um rato morto pelo rabo, tentando não sentir o aroma exalado...

Virei-me de costas para essa jovem, que era tão sutil quanto um espremedor de laranjas, e fui embora sem dizer mais nenhuma palavra.

A plantinha era bonitinha, parecia uma violeta – eu não entendo nada de plantas – e era isso que importava.

Bem já era hora de rumar para a casa do Frank, pois ele morava longe.

Segundo meus cálculos, eu precisaria tomar cinco conduções para chegar até lá, além de andar um bom pedaço a pé.

Esse cara não mora, se esconde! pensei.



Caminhei cerca de dez minutos.

Cheguei, então, na avenida aonde diversos ônibus tem ponto.

Com o itinerário de meu destino em mãos, procurei me informar com algumas pessoas que, como eu, aguardavam um ônibus que as levassem rumo à zona norte.

Após algumas informações desencontradas, encontrei alguém que parecia realmente saber aonde ficava o bairro aonde Frank residia.

Ainda bem que eu, quando não sei, não me acanho em perguntar.

Eu pensara precisar tomar cinco conduções... Seriam 'apenas' três.

Menos mal.

Pacientemente aguardei o coletivo que me fora indicado.

Passaram-se quase quinze minutos, e ei-lo!

O ônibus vinha praticamente vazio.

Que bom, pensei. Poderei escolher aonde sentar.

Entrei, paguei a passagem e fui logo buscar um banco próximo da porta de saída. Não queria me distrair e passar do ponto em que deveria descer.

Foram quase cinquenta minutos de viagem.

O ônibus partiu lotado e ia se esvaziando durante o percurso.

Puxa, pensei, se é assim num sábado, como será durante a semana?

Durante esse trajeto, fiquei só observando o caminho.

Nunca estivera, em toda a minha vida, interessado em ver qualquer trajeto. Sentava no meu banco, deixando o mundo girar e o tempo passar.

Mas, não agora.

Agora eu tinha fome de vida.

Queria aproveitar cada minuto.

O meu ponto de descida havia chegado.

Sinalizei ao motorista, que parou no local determinado.

Desci, despedindo-me do motorista.

Nunca fizera isso antes.

Que mal pode fazer a alguém, em ser educado?

Acho que só faz bem.

Fiquei nesse segundo ponto, aguardando o coletivo que me conduziria por mais uma etapa de meu trajeto.

O local era ermo, quase abandonado.

Apesar de ser de dia, não me sentia confortável nesse local.

Estava torcendo para que o ônibus chegasse logo.

Já estava no ponto havia uns cinco minutos, quando vi, ao longe, um grupo de adolescentes.

Vinham na maior algazarra.

De longe, pareciam pequenos marginais.

Fiquei frio. Estava amedrontado.

Tirei do bolso um tubo de spray contendo uma mistura líquida de propriedades lacrimogêneas, aquele tal de 'gás paralisante' – que, aliás, não é nem gás, nem paralisante...

Fiquei esperando o perigo passar.

Quanto mais perto eles chegavam, mais eu tinha medo.

Espere um pouco, era eu aquele garotinho que queria enfrentar feras antropófagas na África e na Índia? Era eu que queria sentir o bafo da morte na respiração ofegante de uma fera beligerante?

Coragem, homem! pensei.

Fosse o que fosse esse perigo, iria enfrentar.

Se esse grupo fosse me atacar, eu lutaria como pudesse.

Se fosse essa minha hora, se assim eu tivesse de morrer, tudo bem.

Afinal, eu sempre estivera pronto para entregar minha alma a quem quer que fosse.

Que diferença faria se fosse esse o momento e o lugar?

Nenhuma, pensei.

Estava voltando a ser aquele menino destemido.

Que viessem, pois eu estava bem aqui.

Lembrei-me até do duelo que Paulo Coelho travou com um cão endemoninhado, relatado em seu livro 'Diário de Um Mago'.

Bem, endiabrados ou não, eu não seria presa fácil para bandido nenhum.

O grupinho de uns dez garotos me alcançou.

Eu, fitando-os, sorri.

Eles passaram, quase que me ignorando.

Seria minha coragem que os dissuadiu de me atacarem? Ou eu continuava com a maldita mania de perseguição?

Acho a segunda hipótese a mais viável...

Passado o 'perigo', eis o tão esperado ônibus.

Vazio, como o outro, quando o peguei.

Entrei e me acomodei no banco próximo da porta.

Diferente do primeiro trajeto, totalmente urbano, esse iria enveredar por entre lugares mais afastados.

A paisagem não era bonita, posto que mal cuidada.

Ainda assim, era muito diferente daquelas que eu me habituara a ver.

Comecei a me lembrar de fatos esquecidos há muito.

Lembrei-me de quando adorava astrologia, comprando tudo quanto me parecesse interessante no assunto.

Um dia, na Livraria Pensamento, encontrei um livro de capa modesta, mas conteúdo arrasador. Nunca vira conceitos tão científicos em um livro de astrologia.

Não me lembro do título do livro, está jogado em algum canto lá de casa.

Seu autor era 'Panisha'.

Li tal livro, mas não entendí quase nada.

No fim do livro, uma surpresa – o telefone do autor.

Liguei para o tal 'Panisha'.

Ele mesmo atendeu o telefone. Pela voz, parecia ser um senhor.

Marquei um apontamento com ele para dali a dois dias.

Fui até sua residência.

Ele morava num bairro de classe média.

Era um pequeno prédio de apartamentos, sem elevador.

Toquei na campainha do apartamento, e ele desceu as escadas para abrir a porta.

Ele devia ter uns sessenta e poucos anos. Trajava terno escuro e usava gravata.

Entramos em seu apartamento.

Ele me convidou a sentar junto à sua mesa, na sala.

Começou, então, a me contar fatos que eu ignorava, a respeito da astrologia.

Recomendou-me que comprasse e estudasse seus outros livros, dez ou doze, não sei bem.

Foi o que fiz.

Astrologia para o hemisfério sul, retificação de hora, astrologia médica, horóscopo do Brasil, geomancia, nova astrologia, o tema era sempre astrologia e geomancia.

Como eram livros relativamente baratos, comprei-os ao longo de uns dois meses. Não pesaram muito em meu orçamento, na época.

Li tais livros, mas acho que não fui feito para a astrologia.

Voltei em sua casa mais umas quatro vezes, para ver se aprenderia astrologia.

Não aprendí, pois não estava realmente interessado.

Só queria saber de Magia, de manipular as 'forças imponderáveis'.

Numa das vezes que lá voltei, conheci seu discípulo Fábio Di Domenico.

Conheci, também, nessa ocasião, outro estudioso de astrologia e esoterismo, Ademar Salles Fernandes.

Panisha, homem muito culto e educado, polidamente me disse que eu deveria aguardar o programa para computadores baseado em 'sua' astrologia, pois esse Domenico estava desenvolvendo tal programa.

— "Os cálculos não são seu forte, Beto", disse-me Panisha.

Realmente, ele tinha razão.

Perguntei-lhe qual sua profissão, pois acreditava que ele fosse engenheiro ou matemático, por gostar tanto de cálculos...

— "Sou aposentado. Formei-me em odontologia, depois em medicina. Trabalhei, como médico e dentista, por quase quarenta anos.

Desde muito jovem estudo astronomia; depois, passei a me interessar pela astrologia e por sua irmã, a geomancia, única forma válida de astrologia horária episódica.

Agora sou apenas geomancista e astrólogo!", disse ele, com bom-humor.

— "Panisha, já que sou um fracasso em matemática, que tal você fazer meu mapa astral?" perguntei-lhe.

Ele concordou.

Pedi-me que lhe dissesse a data de meu nascimento, a hora e tipo de parto, bem como minha cidade natal. Além disso, pediu-me que lhe informasse sobre cinco acontecimentos importantes em minha vida,

com as datas de tais ocorrências. Natureza e data. Que estranho, pensei.

— "Mas para que isso?" indaguei.

— "Para retificar a hora de seu nascimento", disse ele.

Com os dados em mãos, ele começou a trabalhar.

Fiquei lá com ele por umas quatro horas, e ele não parava de fazer cálculos e mais cálculos.

Comecei a ficar confuso.

Perguntei se demoraria muito a terminar meu mapa.

Afinal, queria meu mapa natal, além de previsões para dez anos.

— "Uns cinco dias, trabalhando quatro a cinco horas por dia."

Inventei uma desculpa, indo embora, pedindo-lhe antes, porém, que me telefonasse avisando quando tal mapa estivesse terminado.

Passada uma semana, toca o telefone em casa.

Era o Panisha. Meu mapa estava pronto.

Marcamos nosso encontro para o dia seguinte, após o almoço.

Ao meio-dia.

Após o almoço dele, bem entendido, que é às dez horas da manhã...

Eu não estava muito ansioso por mais um mapa astral.

Afinal, já tinha uns três, elaborados por astrólogos distintos.

Esse não deveria dizer nada de muito diferente.

Na verdade, eu havia pedido a ele que me elaborasse um mapa pelo 'seu' sistema, mais por educação que por interesse real.

No dia seguinte, cheguei em sua residência quando

faltavam dez minutos para o meio-dia.

Gente, o homem já tinha almoçado!

Recebeu-me, como sempre, muito bem.

Pegou um calhamaço de umas cem folhas nas mãos, e me entregou.

— "O que é isso, Panisha?" indaguei curioso.

— "Ora, seu mapa!" ele respondeu.

Um mapa astral com cerca de cem páginas... Que loucura!

É, deve ter alguma novidade...

Ele estava esperando aquele seu amigo e principal discípulo, o Domenico, para estudarem a execução daquele tal 'software'.

Entendí que não teríamos tempo de conversar naquele dia; então, após uns dez minutos, me despedí, prometendo ligar após ler todo o mapa.

Fui direto para casa, almocei com meus pais, e fui para o meu quarto.

Lá, tirei o mapa astral de dentro de um envelope que Panisha havia me dado.

Comecei a ler o tal mapa.

Muito embora eu não fosse um neófito em astrologia, o grau técnico desse sistema me impressionou.

É, esse tal Panisha era mesmo competente e sério.

Li o mapa todinho.

Algumas coisas bateram 'em cheio'. Outras resvalaram. Algumas me assustaram.

De uma, porém eu rí.

Dizia que eu me envolveria com Magia Negra, que buscaria, e encontraria, um Mau Anjo da Guarda. Que eu sofreria tormentos indizíveis, por causa de minha ousadia e mal-direcionamento.

E que, após alguns anos de sofrimento, seria ajudado



por um estranho, um homem idoso.

Naquele dia isso me soou como uma piada.

Hoje, soa profético.

Lembro-me, também, que conversei, algumas vezes, com Panisha, sobre Magia.

Perguntei sua opinião sobre alguns autores que eu estudava.

Só agora lembro-me, como se fosse hoje!

Ele torceu o nariz para todos os nomes que eu citei.

Virou as costas, entrando em seu escritório.

Voltou trazendo uma pilha de livros nas mãos.

— "Estes autores são sérios, respeitáveis.

Sinceramente, só confio neles.

Já li todos os que você me declinou, mas prefiro estes.

Don Néroman, Max Duvall, Maurice Béquart, Rudolph Steiner, e Franz Bardon...

Franz Bardon!

Eu já ouvira esse nome tantas vezes, e nunca me dera conta!

Só agora seu trabalho maravilhoso caíra em minhas mãos.

Quanto tempo seguí atrás de profetas bêbados e magos intoxicados, cujo lazer e prazer reside em passar informações propositalmente erradas, visando destruir todos que se aventurarem por seus caminhos tortuosos e pegajosos.

Hoje, o que sinto por aqueles ocultistas, que eu tanto admirava, é desprezo total.

Lembro-me que Panisha me mostrou quatro livros de Franz Bardon. Os mesmos quatro que Frank havia citado.

Puxa, quanto tempo eu perdi, pensei.

— "Ponto final!" avisou o motorista.

Olhei ao redor, verificando que estava só no ônibus.

Meu relógio acusava terem se passado mais de noventa minutos.

Inacreditável, havia ficado em total abstração pelo trajeto todo!

Desci do ônibus, despedindo-me do motorista e do cobrador.

Eles se entreolharam, como quem estivesse ouvindo algum palavrão desconhecido.

Sem me importar muito, afastei-me do veículo.

Estava, agora, junto ao último ponto de meu trajeto.

O local era tão ermo quanto o ponto anterior de minha viagem mas, agora, eu estava mais confiante.

Nada me amedrontava.

Esperei por mais de vinte minutos pelo meu ônibus.

No local não havia viva alma.

O ônibus estava chegando.

Fiz sinal e ele parou.

Entrei, paguei a passagem, verificando que haviam apenas dois outros passageiros.

Sentei-me num banco próximo da porta, pois o primeiro após a mesma já estava ocupado.

Meu ponto final nessa viagem estava a cerca de trinta minutos de distância.

Esse caminho estava incrivelmente esburacado e o veículo pulava mais do que um cabrito montês.

Os trinta minutos demoraram muito a passar.

O motorista alertou-nos que era o ponto final.

Desci do coletivo, preocupado com o estado de minha plantinha, após tantos solavancos, e até me esqueci de despedir-me do motorista.

Dane-se ele, pensei.

Tirei do bolso da jaqueta o mapinha que Frank me dera.

Lá estava eu, no ponto final do ônibus.

Segundo o mapa, eu teria de caminhar mais cerca de mil e quinhentos metros.

Ê, Frank mora longe mesmo.

Sem outro remédio, peguei o caminho indicado, e rumei para sua casa.

Era uma alameda arborizada, muito bonita e bem cuidada.

Apesar de ser recoberta de cascalho, não era desagradável de se andar nela.

Na verdade, era bem menos quente que caminhar no asfalto.

Olhei no relógio, verificando ser ainda 14:30 hs.

Como havia marcado com Frank que estaria em sua residência às 15:00 hs., resolví ir, caminhando lentamente, pela arborizada alameda.

Nesse caminho, só árvores, moitas, plantas. Nada de casa, gente, nada. Local deserto mesmo.

Caminhei até encontrar um portão de ferro alto, chapeado, ladeado por cercas-vivas de uma densidade e altura como eu nunca vira antes.

Deve ser aqui, pensei.

Parece uma fortaleza.

Ao lado do portão, encaixado numa estrutura de ferro, havia um porteiro-eletrônico.

Mal eu encostei o dedo na campainha, uma voz pergunto-me, vinda do outro lado do alto-falante, quem era e a quem procurava.

— "Sou o Beto. Tenho entrevista mascarada às três horas com o Dr. Frank."

— "Aguarde um instante, por favor."

Fiquei esperando por cerca de um minuto pelo retorno da pessoa.

Deve ser o guarda, pensei.

Olhei para cima, e percebi que estava sendo observado por uma câmera de circuito fechado de televisão.

Tal câmera estava fincada no alto de um postinho, dentro de uma caixa de proteção.

— "Pode entrar, doutor. É só empurrar o portão" disse a voz do outro lado.

Foi o que fiz.

Como seria a casa desse homem misterioso?

Eu estava, realmente, muito curioso.

— "Boa tarde, doutor.

Seja bem vindo."

— "Boa tarde", respondi.

— "Sou Herbert, secretário do doutor Frank.

Ele está lhe aguardando no gazebo central do jardim.

Queira me acompanhar.

O senhor quer que eu carregue seu vaso?"  
perguntou-me Herbert.

— "Não, muito obrigado. O senhor é muito atencioso."

— "Não faço mais do que minha obrigação, doutor."

Herbert virou-se de costas para mim e começou a caminhar na minha frente.

Eu o segui.

O portão atrás de mim havia se fechado, e eu nem mesmo notara, absorto que fiquei pela recepção que me foi dada.

Não estou acostumado a receber tal tipo de tratamento.

Esse doutor Frank sabia viver, sim senhor.

O portão de ferro maciço, sem frestas, escondia uma paisagem mágica.

Do lado de dentro desse portão – que deveria ter, no mínimo, dois metros e meio de altura e era da largura de um caminhão – a impressão de se estar num outro mundo era nítida.

Sabia que havia alguma guarita, mas não conseguia vê-la.

Passando pelo portão, entrava-se numa alameda de ciprestes, com inúmeras peças de topiária, aquelas esculturas feitas moldando-se o crescimento e podendo-se tais plantas.

Já havia visto isso em fotos e filmes, mas nunca pessoalmente.

É, realmente, impressionante.

Caminhamos por essa alameda, larga e gramada, por uns trinta e poucos metros, calculo.

Essa alameda termina numa estrutura compacta de ciprestes e outros arbustos que desconheço.

Ao chegar nessa massa vegetal compacta, tivemos de nos desviar, contornando essa peça estranha de paisagismo.

Depois desse pequeno monte, demos no jardim propriamente dito.

Era uma paisagem bucólica, evocando dias de outrora.

Esse local me dava a nítida impressão de que o tempo havia parado.

Imensas árvores, moitas medianas, folhagens pequeninas, flores dos mais diversos tipos, nas mais variadas cores.

Não sei se pela grande quantidade de plantas, ou se pela localização privilegiada do imóvel, o clima era ameno, com uma brisa suave, sem as características da atmosfera que reinava do lado de fora do portão.

Caminhamos numa trilha de pedras largas e irregulares, respeitando os canteiros das mais variadas espécies de plantas ornamentais.

Andamos por uns bons metros, rumo à uma formação de árvores imponentes, que encobriam a visão para além delas.

Ao alcançarmos essa formação impressionante, passamos por entre dois troncos que se curvavam, um em direção ao outro, formando uma passagem natural de mais de dois metros de altura, com uma largura de

quase um metro e meio, acredito.

Será que a natureza, sozinha, esculpiu tal obra?

Que maravilha, pensei.

Passando por entre aqueles troncos, foi como penetrar por uma porta que levava a outras dimensões.

Lembrei-me, por um instante, da estória de 'Alice no País das Maravilhas'.

Parecia-me ter atravessado algum 'espelho mágico'.

— "O doutor Frank está logo ali.

O senhor deseja que eu o acompanhe até lá?" perguntou-me Herbert, que até então mantivera-se no mais completo silêncio.

— "Não, Herbert. Eu sigo sozinho. Muito obrigado", respondi.

— "Então, com licença, doutor", disse ele, tomando o rumo de volta pela passagem mágica.

— "Seja bem vindo, Beto! Aproxime-se!" recepcionou-me Frank.

Ele parecia alegre.

Talvez tivesse comido uma lauta feijoada, com todos os pertences, regada com caipirinhas e chopes, pensei.

Afinal, ele estava muito à vontade.

Eu nunca vira Frank assim, tão descontraído.

Bem, pensei, um Mago pode 'entornar algumas', de vez em quando.

Caminhei uns quinze metros até um gazebo de estrutura em madeira, pintado de branco.

Frank estava sentado num banco rústico, de tronco, rodeado de várias pessoas.

Levantou-se e apertou minha mão, abraçando-me a seguir.

— "Que bom vê-lo, Beto.

É com grande satisfação que o recebo em meu lar.

Vou apresentar-lhe minha família e alguns amigos queridos" disse Frank.

— "Grande honra para mim ser recebido em sua casa, Frank" disse eu, em tom mais baixo do que desejava tê-lo feito.

— "Francis, este é meu amigo Beto!

Beto, esta é Francis, minha esposa."

Ela é médica, também.

Agora milita apenas na administração de nosso lar."

Foi assim que Frank me apresentou uma senhora esguia, com cerca de cinquenta anos de idade, cabelos negros, olhos amendoados, tez azeitonada e feições árabes.

— "Muito prazer, doutora Francis" disse eu, rapidamente.

— "Seja bem vindo, Beto.

Meu marido fala muito em você" disse a simpática esposa de Frank.

Todos se levantaram para me cumprimentar; Frank foi me apresentando, um a um, no sentido horário.

— "Beto, este é meu filho mais velho, Arnaldo.

Também é médico, mas terapeuta holístico.

Não quis seguir a especialidade do pai.

Garoto sabido..."

— "Muito prazer, doutor Arnaldo" disse eu.

— "O prazer é meu, Beto.

Mas, se você for nos tratando a todos de senhores e doutores, é melhor eu ir vestir um smoking, para a reunião ficar bem formal!"

— "Está bem, Arnaldo", eu disse.

— "Esta é Cláudia, minha filha.

Formou-se em direito – foi sempre a primeira aluna da classe –, prestou concurso para juíza e passou em



primeiro lugar!"

— "Ora, papai, assim você me encabula.

Muito prazer, Beto.

Não ligue para a corujice do papai."

— "Muito prazer, Cláudia."

Impressionante, a doutora Cláudia era como que uma cópia, mais jovem, de sua mãe, a doutora Francis.

Pareciam a mesma pessoa, com uns vinte anos de diferença, uma da outra.

— "Beto, este é o melhor genro que alguém poderia desejar.

Jamil é o marido de Cláudia, e é juiz também.

Juiz competente e respeitado, diga-se de passagem."

— "Muito prazer, Jamil."

— "O prazer é todo meu."

— "Este é o doutor Flávio, nosso grande amigo, colega de Arnaldo desde os tempos de colégio.

Flávio é um dos pioneiros, no Brasil, a utilizar "Fotos Kirlian" como auxiliar no diagnóstico parapsicológico.

É um grande e promissor médico, terapeuta holístico como meu filho", disse Frank, apresentando-me a esse jovem de porte atlético e bem trajado.

— "Muito prazer, Flávio."

— "Muito prazer, Beto.

O Frank fala muito em você."

— "Este é meu filho José Francisco, farmacêutico."

— "Muito prazer, José Francisco."

— "Muito prazer, Beto."

— "Esta é Virgínia, minha filha caçula. Solteira.

Está estudando direito, e pretende ser juíza, também."

— "Muito prazer, Virgínia."

— "O prazer é meu, Beto.

Já o conheço muito de nome.

Seja sempre bem vindo."

— "Esta é Marcia, esposa de meu filho Arnaldo.

Ela também é médica, especializada em oxigenoterapia.

Aprendeu muita coisa com o doutor Flávio, um dos maiores especialistas no assunto."

— "Muito prazer."

— "O prazer é meu, Beto."

— "Estes são os filhos do doutor Flávio, Flavinho e Marquinhos."

— "Oi!", disse eu aos dois bonitos garotinhos.

— "Oi!", responderam em uníssono.

— "Atrás de um grande homem existe sempre uma grande mulher!", falou o Frank.

— "Concordo", disse Arnaldo.

— "Isso eu digo para o Jamil. E falo com conhecimento de causa, por minha convivência com Francis."

— "Robertinho, Myriam, venham cá!", chamou Frank.

— "Pronto, vovô", respondeu uma linda menininha, com cara de indiazinha.

Seu cabelo, negro-azulado e escorrido, cortado, parecendo ter uma cuia por molde, reforçava ainda mais seu ar indígena.

— "Quem é o amor do vovô?"

— "Sou eu!", respondeu ela, sorrindo.

— "Essa menininha maravilhosa é minha netinha, Myriam.

É filha de Arnaldo e Marcia.

Ela não é linda?"

— "Sim, é mesmo", respondi.

A menina, de uns três aninhos, era gorduchinha e

corada, transbordando saúde.

— "A paixão dela é batucar no piano da vovó", falou a doutora Francis.

— "Além de fazer bolinhos de barro, que tenta forçar os gatos a comer, não é princesa?" falou Frank.

Myriam riu.

— "To aqui, vovô!", berrou um menino aparentando ter a mesma idade de Myriam.

Ele tinha os olhos grandes, o cabelo encaracolado, um ar de anjinho de desenho animado.

Era gordinho, também, mas menos que a Myriam.

Seu rosto, rosado, mostrava que era uma criança saudável.

— "Roberto, este é Beto, amigo do vovô!"

— "Oi, Beto! Você gosta de futebol?"

— "Oi, Roberto. Gosto um pouco."

— "Eu adoro!"

Quando crescer, vou ser jogador de futebol!

Ou então serei Presidente da República!", disse-me o menino agitado que, dando um passo para o lado, esbarrou numa bandeja e derrubou-a, jogando ao chão uma jarra com água, alguns copos e um prato de salgadinhos.

— "Xí... Desculpe!", disse o menino, encabulado.

— "Tudo bem, amor. Você é mesmo o dinosaurinho da vó", disse a doutora Francis.

— "O Roberto é irmão da Myriam.

São irmãos gêmeos.

Mas são tão diferentes!

Parece até que, numa outra encarnação, foram marido e mulher, pois se dão tão bem em tudo, mas, às vezes, discutem e brigam por cada bobagem...", falou Frank, fascinado pelos netinhos.

— "Sua família é muito agradável, Frank", eu disse antes que ele divagasse mais sobre os pimpolhos que derrubavam bandejas e faziam bolinhos de barro...

— "Obrigado, Beto.

Amigos, preciso mostrar alguns livros ao Beto.

Fiquem à vontade, pois não demoraremos mais que uma hora."

— "Se Frank vai conversar sobre livros, é melhor que esperemos sentados!", disse a doutora Francis.

Frank sorriu, puxando-me pelo braço rumo a uma trilha de pedras, como a anterior, que nos levaria a uma casinha, tipo de um estúdio, a uns poucos metros da reunião familiar.

Enquanto caminhávamos, indaguei de Frank:

— "Quanto de terreno você tem aqui, Frank?"

— "Vinte alqueires paulistas. Quase quinhentos mil metros quadrados."

— "Que beleza! Um sítio pertinho da Capital!"

— "Sim, mas você ainda não viu nada.

Implantei aqui um sofisticado sistema de auto-suficiência energética, hidroponia, além de muitas coisas inéditas no país.

Mas haverá tempo para você conhecer tudo.

Hoje, precisamos retomar nossa conversa sobre o Arcano IV.

Lá, no meu estúdio, teremos paz para conversar."

Frank recobrou o ar solene de sempre.

Se havia mesmo bebido alguma coisa, o efeito já passara.

Não era mais o Frank médico, ou o Frank pai de família – era, novamente, o Frank Kaiser, o Mago.

— "Frank, quase ia me esquecendo: trouxe este vasinho de flores para sua esposa.

Mas fiquei tão deslumbrado com seus jardins que, francamente, me esqueci."

— "Então, amigo, volte lá e dê à ela.

Ela vai apreciar muito!"

— "Está bem, vou rapidinho e volto num instante!"

Fui pelo mesmo caminho de pedras pelo qual havia vindo.

Chegando até o gazebo, entrei, pois a doutora Francis estava lá dentro.

— "Doutora Francis, quase me esqueci de dar-lhe este vasinho que comprei para a senhora.

Desculpe ser tão modesta a minha lembrança, mas é de coração", falei.

— "Muito atencioso de sua parte, Beto.

Aqui neste lar, os presentes são medidos por um parâmetro para o qual não há cotação no mercado financeiro: a intenção de quem presenteia.

E, tenho plena certeza, o seu está na faixa superior da escala."

Sorri, contente com a aceitação daquela plantinha.

— "Dê-me licença, doutora Francis, que o doutor Frank me aguarda."

— "Toda, Beto. Sinta-se em casa."

Ao virar-me para voltar à companhia de Frank, percebi que era observado atentamente por alguém.

Era Virgínia, a filha solteira de Frank.

Sorri para ela, por educação.

Ela, em troca, abriu um largo sorriso.

Puxa, faz tempo que uma mulher não me nota.

'Solteira...', tinha dito Frank.

Interessante, pensei.

Tomei, novamente, o caminho para ir de encontro a Frank, que a tudo observava, atentamente.

Frank caminhou até à frente de seu estúdio, aguardando-me e, em seguida, abriu a porta.

Era uma casinha em estilo colonial paulista.

Mais parecia uma casinha de bonecas crescidas...

— "Entre, Beto.

Entre e fique à vontade."

— "Com licença."

A casinha era maior por dentro do que aparentava ser quando vista por fora.

Frank apontou-me uma poltrona em estilo inglês, revestida de couro de porco tacheado.

Sentei-me naquela poltrona.

Frank sentou-se em outra poltrona, idêntica, em ângulo de quarenta e cinco graus com a minha.

Havia, entre as duas poltronas, aliás os únicos assentos naquela casinha, uma mesinha de tampo redondo.

Sobre essa mesinha repousavam, amontoados, alguns livros.

— "Beto, tudo quanto você precisa aprender sobre Magia está escrito nestas páginas", disse Frank, pousando sua mão por sobre a pequena pilha de livros.

— "Mas, aprender lendo livros, sem um Mestre, é muito difícil", respondi.

— "Por isso eu estou aqui.

Para tornar sua tarefa menos árdua."

Parou de falar por alguns instantes, depois recomeçou:

— "As obras sérias sobre Ocultismo são, em geral, literatura puramente técnica.

É necessário que alguém, conhecendo profundamente a teoria por detrás do Hermetismo, com bastante prática em Magia, elabore uma obra de estilo didático, porém ameno.

Será necessário que essa pessoa possa escrever um romance, embutindo nele as mais profundas verdades secretas.

O conhecimento secreto deverá ser tornado público, ao alcance de todos.

As mudanças previstas para o futuro exigem que nos apressemos na execução dessa tarefa."

Frank fez uma longa pausa, colocando as mãos espalmadas, uma de encontro à outra, elevando ambas ao nível do rosto.

Seus polegares tocavam, de leve, os lábios entreabertos.

Ele fitou-me, assim, longamente.

Ele tinha, naquele momento, um olhar enigmático e inquisidor.

Aquele olhar de baixo para cima, de quem sabe o que quer, e está decidido a conquistar.

Senti um frio na barriga.

— "Você quer dizer que eu..."

Frank me interrompeu:

— "Exatamente.

Você entendeu tudo, Beto.

Minha missão atual é a de iniciá-lo nos mais bem guardados segredos mágicos do Cosmos.

Devo entregar-lhe a chave dos maiores mistérios.

Revelarei a você os Arcanos.

Do primeiro ao quinto Arcanos lhe serão desvelados.

Você conhecerá Ísis sem véus."

— "E?"

— "E, instruído, culto e sábio, sua missão será revelar esses mesmos segredos, na forma de uma série de romances, cada um completo em si, e dedicado a um Arcano.

Afinal, você gosta de escrever, além de escrever bem.

Você não é nenhum gênio literário, mas receberá inspiração de Inteligências Originais positivas, que assistirão seu trabalho.

Essa será sua missão.

Você, no passado, foi chamado.

Faz pouco tempo, foi escolhido."

Lembrei-me das palavras de Cristo: 'Muitos serão os chamados, poucos serão os escolhidos'.

Fiquei em silêncio.

— "Seu silêncio mostra sua aceitação incondicional de sua missão."

— "Correto. Aceito-a, com orgulho. Sinto-me honrado."

— "Então, Beto, vamos recomeçar de onde paramos.

Temos muito por estudar.

O tempo passa, e não devemos desperdiçá-lo.

Você se recorda do que falávamos em nossa conversa anterior, sobre Hermetismo?" indagou Frank.

— "Sim, é claro.

Suas palavras ressoam em minha mente como um sino singido por milhares de martelos!

Você me expunha a realidade do quarto Arcano.

Para ser mais exato, me dizia coisas muito profundas sobre Magia e Misticismo."

— "Exato, amigo.

Contei-lhe sobre como os ensinamentos secretos eram passados aos Iniciados por seus Mestres.



Você se recorda bem do assunto?"

— "Claro.

Se você quiser, pode recomeçar dali."

— "Bem, durante o período de tempo em que a humanidade se desenvolveu, as ciências materiais isolaram-se por causa de seu próprio progresso.

Por necessidade, tornaram-se independentes as ciências materiais, das que tratavam de coisas sutis, pois as mais elevadas leis com respeito à energia, matéria e substância, não mais podiam ser percebidas pelos sentidos físicos.

Para a compreensão dessas leis superiores, um certo grau de maturidade seria necessário.

Por isso elas se separaram.

As que eram regidas por meios e técnicas puramente materiais das que exigiam técnicas mais delicadas.

Conseqüentemente, dois campos distintos do conhecimento desenvolveram-se.

Primeiramente, o conhecimento físico que poderia ser adquirido racionalmente pelo treinamento intelectual.

Depois, o conhecimento metafísico, que tratava de energias, substâncias e poderes mais sutis, que não podiam ser captados por meios intelectuais apenas.

Essa é a razão de o conhecimento metafísico ter recuado para uma posição nas sombras.

Finalmente, esse conhecimento foi, finalmente, destinado aos verdadeiros Adeptos, tornando-se sua legítima propriedade.

Um Hermetista que obtém sucesso em penetrar nos mistérios das leis da metafísica deve compreender, graças ao seu conhecimento, teórico e prático, das leis universais, a conexão lógica entre todas as ciências existentes.

Você está entendendo, Beto?"

— "Para ser franco, a coisa toda ainda não está muito clara em minha mente.

Você poderia ser um pouquinho menos erudito?

Até conhecer você, eu me julgava um intelectual..."

— "Tentarei.

Para evitar confundir sua mente, não usarei o termo 'metafísica'.

Daqui por diante, me aterei à palavra 'Magia'; está bom para começar?"

— "Melhorou."

— "No passado, a Ciência Hermética era chamada, simplesmente, de Magia.

Do ponto de vista hermético, Magia é, nada mais, que 'metafísica elevada', que trabalha com poderes, matérias e substâncias de uma natureza mais tênue. Mas que têm conexões análogas com as ciências gerais dos dias atuais. E isso não importa a qual ramo do conhecimento elas pertençam."

Nesse momento, o interfone tocou.

Frank atendeu o aparelho, deixando-o operando pelo sistema de viva-voz.

— "Diga", disse ele.

— "Dr. Frank, tem uma chamada telefônica para o senhor.

Posso passar?" perguntou a voz do outro lado da linha.

— "Não. Diga que falem com a Francis, pois estou ocupado."

— "Pois não, senhor."

— "Deve ser algum dos meus convidados para o jantar, confirmando sua presença.

Tenho muitos amigos, Beto, mas poucos sabem de

minha militância mágica.

Se você puder ficar para o jantar, apresentarei mais alguns amigos.

É importante que você se relacione com pessoas influentes e de alto nível.

Os amigos que virão, hoje, para o jantar, são muito queridos e especiais."

— "Ficarei para o jantar, com grande prazer."

— "Afinal, você é um advogado, e precisa ter contato com pessoas de destaque na sociedade, de outras formações profissionais, se quiser prosperar em todos os sentidos."

Advogado.

É mesmo, eu já havia até me esquecido de que era advogado!

Já estava formado há alguns anos e jamais exercera essa profissão.

Talvez fosse mesmo hora de enfrentar a realidade e mudar de vida.

— "Beto, dê-me licença um momento, pois vou pegar um livro que quero que veja; está na estante lá dentro", disse Frank, apontando para uma porta fechada, no canto da saleta, embaixo de uma parte suspensa da estante de madeira de lei.

— "É um livro de autoria de um grande amigo meu, Panisha."

Eis a ligação 'Panisha-Franz Bardón-Frank', pensei...

Frank voltou daquela biblioteca pequenina e oculta, trazendo nas mãos um livro.

— "Beto, este livro do Panisha você não conhece, estou certo?"

O livro tinha o título de 'The New Astrology' – 'A Nova Astrologia', e havia sido editado na língua inglesa, como já indicava sua capa.

— "Realmente não conheço, Frank.

Não sabia que um livro do Panisha havia sido traduzido para o inglês.

Tenho diversos livros de autoria dele, inclusive um sobre astrologia para o hemisfério sul, em castelhano."

— "Esta obra, bastante abrangente, é o primeiro livro de um astrólogo brasileiro editado pela AFA – American Federation of Astrologers, dos Estados Unidos.

Seu trabalho não tem recebido a merecida acolhida por parte dos editores e da imprensa especializada.

Isso talvez se deva a seu sistema confrontar a chamada 'astrologia clássica'; o método de Panisha é muito interessante e deveria ser estudado com maior carinho pelos pesquisadores sérios."

Frank entregou-me tal livro, para minha apreciação.

Enquanto virava as folhas, Frank resolveu continuar sua explanação:

— "Voltemos ao nosso tema.

Toda vez que um Iniciado falar sobre Magia, estará dissertando sobre poderes, matérias sutis e substâncias idem, bem como sobre suas respectivas leis, seus efeitos no Microcosmos e no Macrocosmos, isto é, no homem, na natureza e no Universo todo, em seus três estados de agregação, ou seja, nos planos mental, astral e físico.

A verdadeira Magia é, portanto, uma matéria que

requer conhecimentos elevados sobre esses poderes de densidade tênue, os quais não foram ainda totalmente compreendidos e explicados pela ciência ortodoxa, devido aos métodos de pesquisa dessa mesma ciência cartesiana.

Quero dizer que os chamados 'métodos científicos' não são oriundos de um conhecimento realmente profundo do mundo em que vivemos.

Por isso mesmo, esses métodos não tem envergadura que permita uma abordagem mais adequada, que permita aos cientistas compreender essas energias por completo.

O amplo entendimento e conseqüente utilização total dessa parte mal compreendida da Criação requererá um avanço científico e intelectual substancial.

O que falta à ciência convencional é compreender e aceitar a realidade de que as leis da Magia são análogas às das ciências oficiais de nossos dias.

De todas elas.

Basta olhar com atenção para perceber que essa verdade é perene."

Frank continuou:

— "Reflexões lógicas e conclusões sobre a Ciência Sagrada, a Magia, e sobre a forma como as energias envolvidas nela atuam, são alcançadas apenas pelos verdadeiros Iniciados.

Mas um Mago assim será capaz de alinhar as leis desses poderes com as leis de qualquer ciência convencional.

Graças ao auxílio de diversas 'chaves', um cientista, que seja também um Iniciado, será capaz de penetrar por todos os campos científicos, alargando e extendendo sua compreensão de uma forma jamais imaginada pelos

profanos."

— "Quer dizer que os ensinamentos desse Quarto Arcano são relevantes para o progresso de nossa civilização?" indaguei.

— "Exatamente.

Em todos os tempos, somente aqueles homens e mulheres, capazes de penetrar com profundidade no âmago de seus campos de trabalho e pesquisa, foram capazes de trazer substanciais avanços para nosso planeta."

— "Entendo.

Só estranho o fato de que, nas inúmeras obras que li, sobre ocultismo, nada disso foi dito."

— "Beto, só existiu um Franz Bardon.

Ninguém possuiu sabedoria maior que a dele, nem conhecimento mais profundo sobre a mais pura e poderosa verdade.

Franz Bardon era, entre nós, o mais elevado representante contemporâneo da Providência Divina.

Você leu a Bíblia, Beto?"

— "Sim."

— "Então deve ter lido algo sobre Appolonius de Tyana, que viveu na mesma época do Mestre Jesus Cristo."

— "Alguma coisa.

Parece-me que era ele quem realizava milagres tão grandes como alguns daqueles realizados por Jesus, certo?"

— "Exato.

O espírito que habitou naquele corpo é o mesmo que habitou, em sua derradeira passagem por este Planeta, o corpo de Franz Bardon.

Entre os milagres realizados por esse grande Iniciado,

Appolonius de Tyana, está, até mesmo, a ressuscitação dos mortos, a exemplo do que Cristo fez com Lázaro."

— "Quer dizer que Franz Bardou era alguém capaz de realizar esses milagres fabulosos?" perguntei.

— "Não. Bardou era alguém com um profundo conhecimento das leis que regem nosso universo, sabendo utilizá-las com perfeição."

Após alguns instantes de pausa, Frank disse:

— "Voltemos a falar de nossa ciência.

Para alguém que possua um espírito inventivo, um incomensuravelmente grande número de possibilidades se abrirá com o estudo da Magia em profundidade.

O desenvolvimento de tal pessoa se dará, tanto no nível das faculdades intelectuais, como no das habilidades físicas.

Logicamente, a maturidade de um ser humano é de grande importância nesse caso, pois somente alguém bastante amadurecido, intelectual e emocionalmente, estará apto a transferir as leis universais desses poderes para o mundo material.

Em seqüência a esse embasamento teórico enfadonho, porém necessário, irei lhe contar a verdade cósmica das diferentes analogias e efeitos dos poderes materiais sutis que se manifestam nos três distintos planos da existência.

Em outras palavras, eu irei lhe descrever as aplicações práticas das leis da Magia.

Assim, a você caberá utilizar esse conhecimento e sabedoria para seus propósitos pessoais.

Dessa forma, você compreenderá que Magia é metafísica pura, que pode ser detalhadamente analisada da mesma forma exata com que analisamos qualquer outra ciência.

Poderemos alinhar a Magia com outra ciência natural e perceberemos as analogias sempre presentes.

Metafísica é, apenas, uma extensão das ciências naturais em geral.

Para concluir nosso embasamento teórico, preciso dizer, ainda, que não há Magia sem Misticismo, isto é, não há substância sem influências, efeitos e manifestações, posto que esses dois conceitos básicos são dependentes um do outro.

Magia não pode ser separada de Misticismo; ambos devem ser trabalhados simultaneamente e de maneira semelhante.

Em seus estudos, um Hermetista deve sempre proceder da mesma forma, tanto na Magia quanto no Misticismo, isto é, nos caminhos Mágico e Místico, pois ele deverá ter sempre em mente 'qualidade e quantidade', e estar apto a distinguir quantidade, isto é, poder material, substância, de qualidade, que significa atributos, efeitos, influências.

Jamais se deverá confundir esses dois distintos conceitos, se não quiser provocar o Caos.

Lembre-se, Beto: Magia é quantidade; Misticismo é qualidade!

Quando, na parte prática dos ensinamentos que lhe darei, falar sobre quantidades, estarei sempre me referindo a Magia.

Ao falar sobre influências, atributos, faculdades, virtudes, estarei me referindo ao Misticismo.

Essa foi a Lei Universal, desde o princípio do Universo, e permanecerá assim, imutável, até o fim de tudo."

— "Agora estou compreendendo muitas coisas.

Muitos revezes que experimentei foram causados por



minha própria conduta mágica, errônea."

— "Até que enfim você está vendo a Luz!" exclamou Frank, mostrando-se satisfeito com meu progresso.

— "E agora, Frank?"

— "Agora, terei de dar alguns telefonemas, para saber se outros amigos poderão vir ao nosso jantar."

— "Mas que jantar mais concorrido, o seu.

Virão muitos convidados, não é?"

— "Sim, é o que eu espero."

— "E qual o motivo de tantas pessoas reunirem-se para um jantar em sua casa? É aniversário de alguém?"

— "Sim, de minha esposa."

— "E você não me avisou nada!"

— "Não foi preciso, não é?"

Você veio se reunir com nossos amigos, como agrada à Francis.

Todos os amigos reunidos.

Além disso, você lhe trouxe um presente.

Você é como eu, já sabe de tudo antes que lhe contem!"

— "Como você, não. Você adivinha tudo!"

— "Você só precisa treinar.

Afinal, eu não adivinho nada.

Só 'leio' o que está patente em sua mente."

Frank pegou o pequeno telefone sem fio, dobrável, que trouxera no bolso.

Desdobrou o minúsculo aparelho, e começou a discar.

Enquanto ele telefonava, fiquei olhando os livros sobre a mesinha.

Franz Bardon, Rudolph Steiner, Frater U:. D:., Nigel Clough, Donald Tyson, Juanita Wescott, Choa Kok Sui, Panisha, estavam todos lá.

— "Beto", disse ele interrompendo minha distração, "virão todos que convidei.

Você conhecerá mais alguns amigos, além de rever Panisha."

— "Como você sabe que conheço Panisha?", indaguei.

— "Da mesma forma que sei do resto, ora."

Boa resposta, pensei.

— "Puxa, Frank, como me sentirei entre pessoas tão importantes e renomadas?"

— "Da mesma forma que você se sente com seu amigo aqui.

Eu sou o anfitrião e, para mim, todos meus convidados e amigos têm a mesma importância: são todos imprescindíveis para a minha felicidade."

Com estas palavras, Frank levantou-se e dirigiu-se até à porta.

Eu também me levantei.

— "Fique à vontade, Beto.

Volto num instante."

Sentei-me de novo, e fiquei refletindo sobre tudo que Frank me dissera.

E, também, sobre como vivia.

Se o Quarto Arcano diz respeito à sabedoria, esse homem era realmente o professor ideal dessa matéria.

Tranqüilo, seguro, franco e sábio.

Cada vez mais, a personalidade desse homem me impressionava.

Em menos de cinco minutos Frank já estava de volta. Entrou, encostou a porta, que permanecera aberta, e disse:

— "Desculpe-me por fazê-lo esperar.

Queriam minha aprovação final para o cardápio do jantar."

— "E o que iremos comer?" indaguei.

— "Surpresa, surpresa.

Só posso dizer que tudo foi preparado com muito carinho, além do máximo cuidado."

— "Aliás, como tudo que tem seu crivo!"

— "Bondade sua, Beto."

Frank dirigiu-se para a poltrona que ocupara antes de deixar a sala e sentou-se nela, novamente.

Esfregou as mãos, como quem estivesse a espantar o frio que fazia lá fora.

Parou, por alguns instantes, de fazer qualquer movimento notável; então, recomeçou sua explanação.

— "Beto, conforme lhe disse hoje, é muito importante que você compreenda toda a envergadura e a profundidade do Arcano IV.

Sem isso, nenhum ensinamento mágico lhe dará qualquer proveito.

Talvez seja por isso que tantos ensinamentos mágicos, que você experimentou, durante vários anos, deram em nada.

Se alguém não compreende a necessidade de conjugar a teoria e a prática mágica com a sabedoria, expressão do Arcano IV, então seus resultados práticos serão medíocres."

— "Quer dizer que eu poderia ter obtido bons resultados no ocultismo, caso soubesse de tudo que você

está me ensinando?"

— "Certamente."

— "Mas você não disse que o sistema do Franz Bardon é o único que presta?" indaguei, espantado.

— "Não é bem isso."

O que acontece é que, primeiramente, Franz Bardon foi o mais perfeito Iniciado a escrever uma obra de ensinamentos esotéricos.

Depois, o método de Franz Bardon é bastante moderno."

— "Mas Bardon deixou esta vida em 1958, não foi o que você me disse?"

— "Sim, está correto."

Quando Franz Bardon morreu, num hospital militar em Brno, na sua terra natal, nos idos de 1958, ele havia nos legado uma obra completa, absolutamente correta, sem 'armadilhas' para os imaturos.

Pelo sistema de Bardon, alguém imaturo que tente avançar dentro da Magia, simplesmente não obterá sucesso.

Já em outros inúmeros sistemas de ocultismo, aventurar-se pelos seus caminhos pode ser o fim da linha, literalmente."

Parou por alguns instantes, e então recomeçou.

— "Muita gente, hoje em dia, louva a monumental obra de Aleister Crowley como o que há de mais moderno."

Ora, Crowley faleceu em 1947, onze anos antes de Bardon.

Não bastasse isso, muitos estudiosos, entre eles alguns membros da O.T.O. – Ordo Templi Orientis, Ordem criada por Crowley, que seguem a filosofia de Crowley e de sua Thelema, concordam que o sistema

claro e absolutamente científico de Bardon é o que há de melhor.

Basta que você procure nas bibliografias de obras editadas desde 1975 para observar a unanimidade desse fato."

— "Quer dizer que os ensinamentos de Crowley estão ultrapassados?"

— "Não digo que seu sistema esteja ultrapassado.

Apenas afirmo que seu método requer iniciação, submissão a um Mestre.

Requer que se sigam ditames rígidos.

Portanto, para a maioria das pessoas, não é prático.

Da mesma forma que outros tantos sistemas, aliás."

— "Então todos os sistemas são válidos?" perguntei interessado.

— "Claro.

Como em cada religião encontramos uma parcela da Verdade, também entre os métodos de Magia temos coisas de grande valia.

Mas, apenas no sistema de Franz Bardon é que encontramos a porta totalmente aberta, sem subterfúgios.

Isso pode ser traduzido, através do conhecimento que nós possuímos do Arcano IV, transportando esses conceitos relativos aos sistemas de Magia para outras áreas científicas.

Ao longo da história, muitos ocultistas deixaram seus ensinamentos em páginas de livros.

Pascal Beverly Randolph, Papus, Eliphas Lévy, MacGregor Mathers, Aleister Crowley, Austin Osman Spare, entre tantos, deixaram seus importantes conhecimentos para as outras gerações.

Imagine que você tivesse de viajar por um caminho

pouco conhecido.

Faça de conta que você tem em mãos alguns mapas, todos indicando um caminho para o mesmo lugar.

Qual seria o mapa mais adequado, próximo da perfeição desejável?

O mais detalhado, sem dúvida.

É assim o trabalho de Bardon.

Detalhado e totalmente compreensível. Perfeito.

Conforme você leu no livro de Bardon, seu método é adequado a pessoas de qualquer crença ou religião, de ambos os sexos, qualquer idade ou posição social."

— "Quer dizer que Bardon é o melhor?"

— "Se você quiser ser simples e claro, é isso mesmo.

O ideal é estudar o sistema de Bardon, tendo, como coadjuvantes, obras de autores que comunhem do mesmo pensamento mágico, como essas que temos sobre esta mesinha", disse Frank, colocando a mão sobre os livros pousados sobre a pequena mesa.

Ele continuou:

— "Você deve ter lido muita coisa sobre o 'Anjo da Guarda', não é?"

— "Sim, muita coisa mesmo!", exclamei.

— "E obtive algum resultado positivo com o que aprendeu?"

— "Nada; aliás, só obtive resultados altamente negativos."

— "Não foi só você, Beto."

— "Eu sei, muita gente 'dançou' nessa."

— "Você deve ter observado que esse conceito de 'Santo Anjo da Guarda' foi divulgado por Aleister Crowley, após ter sido cunhado por Samuel Lyddy MacGregor Mathers na sua tradução da obra sobre 'A Magia de Abramelin'.

A partir de então, uma enxurrada de autores resolveu abraçar essa terminologia; hoje, temos centenas de obras falando de 'Anjos da Guarda' com asas e coisas que o valha.

No livro de Bardon, que você tem, está bem claro o conceito real de 'Anjo da Guarda' – muito próximo da definição Kardecista, ou até da Umbandista, de 'guia'.

E é isso mesmo – um 'guia', um espírito desencarnado, que recebe a missão de zelar e 'aconselhar' seu protegido.

Nada de anjinhos com asas e outras coisa."

— "Quer dizer que não existem Anjos?", perguntei chocado.

— "Existem Inteligências Positivas e Inteligências Negativas.

Você poderia dizer que se tratam de Anjos e Demônios.

Mas o tal 'Anjinho da Guarda' não existe.

Muitos autores inconseqüentes estão induzindo as pessoas a criarem uma imagem mental, submetendo-se à essa imagem.

Isso é uma irresponsabilidade.

O sistema científico de Franz Bardon precisa ser mais divulgado, para que as pessoas encontrem um método seguro para seu desenvolvimento mágico pessoal."

— "Estou impressionado, Frank."

— "Não me espanta, Beto.

Todos que souberem da verdade também ficarão.

Não só por conhecer a face de 'Ísis desvelada', mas também por verem o quanto foram enganadas, iludidas e ludibriadas."

— "Quer dizer que todas essas coisas que se diz sobre os Anjos está errada?"

— "Não tudo.

O próprio Crowley, além de alguns de seus seguidores, divulgou algumas verdades.

Mas as obras dele foram originalmente editadas numa época muito distante.

Não bastasse isso, ele escreveu milhares de páginas; disse, porém, uma fração minúscula do que Bardon nos falou em quatro tomos apenas.

Portanto, muita coisa foi dita de forma velada e rebuscada.

Há uma obra muito interessante, de autoria de William What, pseudônimo de Elmí Blank, autora brasileira, que diz muitas verdades sobre os Anjos; dona Elmí foi a mais talentosa discípula dos inesquecíveis Alberto Lyra e Jefferson Teixeira Alvares.

Essa obra chama-se "Mistérios Revelados da Cabala", e foi orientada pelo saudoso Dr. Jefferson Teixeira Alvares, um dos primeiros estudiosos de Franz Bardon no Brasil.

Nesse livro, têm-se alguns conceitos muito corretos."

— "Não conheço esse livro", eu disse.

— "Depois que você terminar o estudo de seu livro de Franz Bardon, eu lhe emprestarei meu exemplar dessa interessante obra."

Frank fez uma pausa.

Tocou o interfone para Herbert.

— "Pronto, doutor Frank", disse a voz do outro lado.

— "Herbert, por favor, telefone para o Maurício Rodrigues, para confirmar se ele virá ao nosso jantar.

A presença dele é muito importante, pois é um amigo querido."

— "Imediatamente, doutor Frank."

Desligando o interfone, Frank me confidenciou:



— "O Maurício Rodrigues, um brilhante publicitário, é meu amigo de muitos anos.

Atualmente, é o presidente da Positiva, uma excelente agência de publicidade.

Além de ser ótima pessoa, é um bom gourmet.

Só ele poderá dizer se nosso jantar merece alguma nota!"

Frank sorriu, após dizer essas palavras.

Parece que esse Maurício Rodrigues é muito estimado pelo nosso anfitrião.

O interfone tocou.

— "Sim, Herbert", disse Frank, atendendo o interfone.

— "Doutor Frank, o doutor Maurício Rodrigues já está a caminho."

— "Boa notícia, Herbert.

Obrigado."

Desligando o interfone, voltou seu olhar para mim.

— "Beto, antes de começarmos a conversar sobre as práticas relativas ao Arcano IV, eu gostaria de mostrar-lhe minha casa."

Frank levantou-se, aguardando que eu fizesse o mesmo.

— "Vamos, Frank.

Mas não vou incomodar?", perguntei.

— "Ora, bobagem.

Venha conhecer o 'meu mundo' particular", disse ele, sorridente.

Pronto, lá estava o Dr. Frank de novo.

O Mago havia cedido seu lugar para o homem comum, pensei.

Frank, que havia se levantado da poltrona, caminhou até à porta do cômodo aonde estávamos, abrindo-a em seguida.

— "Vamos, Beto", disse ele.

Eu já havia me levantado da poltrona que ocupava e me encaminhei para fora da sala.

Frank saiu logo em seguida, encostando a porta.

Parei, por um instante, em meio à trilha de pedras, aguardando por Frank.

— "Vamos, meu amigo", falou Frank, enquanto se colocava ao meu lado.

Caminhamos por cerca de cinco metros, pela mesma trilha que leva até o gazebo, aí tomando outro rumo, numa bifurcação naquele caminho de pedras.

— "Beto, vamos primeiro conhecer as áreas externas, pois, ao escurecer, ficará difícil apreciar o que de mais belo temos aqui."

Caminhamos por uns sessenta ou setenta metros, até alcançarmos uma área toda cercada por árvores e arbustos.

— "Ê por aqui", Frank apontou para uma entrada que era difícil de perceber, tão dissimulada estava entre as plantas.

— "Eis meu 'jardim dos florais', que eu mesmo implantei", falou-me aquele homem tão multifacetado como um brilhante lapidado, expressando um orgulho incomum.

— "O que vem a ser um 'jardim de florais', Frank?"

— "É uma plantação de vegetais adequados ao preparo dos fabulosos 'remédios florais', criados pelo Dr. Edward Bach", falou ele, didaticamente.

— "Ah! É um 'jardim dos florais de Bach!'"

— "Não.

É um 'jardim de todos os florais.

Aqui há vegetais próprios para o preparo de todos os tipos de remédios florais.

Além disso, fazemos uso dos métodos aplicados por diversos laboratórios, para obter o melhor resultado possível.

Algumas vezes, preparamos o mesmo 'floral' por três sistemas distintos, para que tenhamos opções de tratamento dos nossos pacientes.

Florais do Sistema de Bach em quatro versões: do Bach Centre, Healing Herbs do Dr. Bach, que são preparados pelo sistema de Julian Barnard, experimentais ingleses da F.E.S. da Califórnia e os trinta e nove elixires tradicionais ingleses preparados pelo laboratório francês Deva. Dois sistemas de florais da Austrália – Bush Essences e Living Essences–, florais da Califórnia, florais brasileiros, sistema elaborado por Joel Aleixo, florais de Minas, desenvolvidos em Minas Gerais por Breno Marques da Silva – nos três níveis –, florais das Orquídeas do Amazonas, descobertos por Andres Kortés, do deserto de Sonora, no Arizona – Desert Alchemy –, os Deva dos Alpes Franceses, os Pegasus do Colorado, dois sistemas de florais do Alaska – Essências Florais e Essência Ambientais –, o sistema floral do Pacífico, os florais Running Fox Farm de Massachussets, do Havai – Aloha Flower Essences –, da Holanda – F.E.S Bloesem Remedies Netherlands –, Gurudas, dois sistemas de florais da Argentina – Essências Andinas e Flores de Raff–, florais do sistema Perelandra – inclusive as essências de rosas, oito ao todo, além das 'dezoito essências do jardim', sem esquecer das 'vegetais' elaboradas com, por exemplo, brócolis, abobrinha,

couve-flor, aipo, comfrey, milho, pepino, quiabo, aneto, pimentão e abóbora –, florais Brasileiros Experimentais, florais das Orquídeas do Amazonas, além de outros que estamos pesquisando.

Com essas plantinhas maravilhosas, preparamos as essências florais que servem para tratar as mais variadas formas de desarmonia, isto é, doenças do corpo, do espírito e da alma.

Além de preparar as essências que se transformarão em remédios florais, temos também trabalhado no sentido de detectar a 'energia biológica' desses preparados, através dos equipamentos radiônicos de nosso laboratório de ondas-escalares.

Muitas essências, como as 'ambientais' do Alaska, tem de ser preparadas pelo método radiônico, pois originalmente são obtidas com água recolhida sob condições específicas no local.

Também as essências de cristais, rochas e gemas, como algumas do sistema 'Gurudas' ou as 'Pacíficas', de grande valia, tem, no método radiônico de preparo, um sistema mais econômico e rápido.

Temos, inclusive, elaborado essências especiais, graças ao método radiônico, de substâncias como cores, terras, águas minerais, até de flocos de neve e de seus cristais, que são, a meu ver, uma das mais belas e perfeitas formas na natureza.

Cristopher Hills, pesquisador norte-americano, foi quem utilizou, pela primeira vez, a energia existente nos 'cristais de flocos de neve', para terapia: fazia uso de copos comuns, nos quais era gravada a figura, aumentada, do tal cristal; tomava-se água mineral nesse copo, o que aumentava a vitalidade da água.

Por falar em vitalidade, temos experimentado

elaborar nossas essências com água 'vitalizada' pelo equipamento Violet, uma das mais fantásticas invenções deste século.

Veja, amigo, quando se começa algo, nunca se sabe aonde vai terminar – nem se vai terminar!

Foi a farmacêutica Amarilys Toledo César, junto com seu marido, Francisco, quem introduziu, no Brasil, as essências florais de Bach, através de sua farmácia, 'Homeopatia Cristiano'.

O médico Wu Tou Kwang, fundador do CEATA, e a terapeuta Cláudia Ermel, foram os pioneiros na utilização dessa terapia, junto aos seus clientes.

E veja aonde chegamos, embora muito longe ainda do final!

Estamos elaborando as mais fascinantes essências num moderno laboratório de ondas-escalares, e isso promete ser só o início de uma longa caminhada!"

— "Você tem um laboratório do quê?"

— "Um laboratório de ondas-escalares, que se utiliza de engenhos de engenharia escalar, isto é, máquinas radiônicas, equipamentos psicotrônicos, instrumentos radiestésicos e rabdomânticos, além de emissores de ondas-de-forma ou ondas-devidas-às-formas; enfim, instrumentos maravilhosos de pesquisa e Magia."

— "Magia? Mas, essas coisas que você disse aí, essas máquinas, não são para cura?", indaguei, intrigado.

— "O que você chama de cura é, na verdade, terapia.

A cura depende de uma série de fatores, em especial da disposição do enfermo em se curar.

A engenharia-escalar fornece meios de teleterapia, isto é, terapia à distância, através de um 'testemunho', ou seja, algum 'sinal' da pessoa, quer seja sua foto, uma mecha de seus cabelos, sua assinatura, um pouco de

sua saliva num vidrinho, uma gota de seu sangue num pedaço de papel absorvente, aparas de suas unhas, ou até mesmo um 'testemunho artificial' elaborado pelo método dos 'Irmãos Servranx', famosos radiestesistas belgas."

— "Mas, e sobre Magia com essas máquinas?", insisti.

— "A radiônica é um tipo de Magia Ritual, uma forma elaborada de praticá-la, sem os paramentos convencionais.

Mas tenha paciência que falaremos sobre isso, detalhadamente, no futuro."

Caminhamos por entre os canteiros, repletos das plantinhas mais bonitas que eu jamais vira.

Ao lado de cada plantinha havia uma placa com o nome de cada espécime em português, seguido do nome dela em latim, o seu 'nome científico' e, abaixo destes, o nome do floral correspondente.

Que organização, pensei.

À medida que andávamos por entre as plantas, Frank ia dizendo algo sobre as qualidades de uma e de outra.

Eram tantas, porém, que mal conseguia prestar atenção em suas palavras.

Eu estava enebriado diante de tanta beleza.

— "Você está escutando o que estou dizendo, Beto?", perguntou Frank, percebendo meu estado atônito ante aquela fabulosa expressão de beleza.

— "Claro", disse eu, meio sem jeito.

— "Esta beleza é conhecida entre nós como 'beijinho', e seu nome científico é, conforme se observa na placa, 'impatiens glandulifera'; é com ela que se prepara uma incrível essência floral: 'Impatiens'.

Ela faz a impaciência se esvair, além de criar, nas

peessoas que fazem uso da mesma, a habilidade de aguardarem o ritmo mais lento de outras pessoas.

É um dos 'florais de Bach' mais populares, justificadamente.

Tenho obtido grande sucesso ao ministrar essa essência a alguns de meus pacientes.

Seus resultados são, realmente, fabulosos."

— "Mas que memória você tem, Frank!

Veio me descrevendo dezenas de 'florais' nestes minutos em que estamos aqui!

Como você decorou tudo isso?"

— "Eu não decorei – eu estudei tudo isso.

E saber é muito diferente de decorar, caro amigo."

— "E quantos 'florais' você pode preparar, a partir deste jardim?

Quero dizer, quantas variedades?"

— "Você quer saber de todos?

Inclusive dos que estamos pesquisando?"

— "Sim.

De todos."

— "Mais de mil", respondeu ele, com visível orgulho.

— "Mas, para que tantos?", perguntei, espantado.

— "Para tantos males que afligem os seres vivos", replicou ele.

— "Seres vivos em geral?

Não é só para gente?"

— "Para pessoas, animais, plantas, até para o solo!"

— "Mas isso é fantástico!"

— "Além disso, funcionam muito bem.

Mas vamos continuar nosso passeio, está bem?"

— "De acordo, Frank."

Caminhamos juntos para fora do jardim das plantas terapêuticas, pela mesma entrada quase oculta pela qual

entramos.

Frank ainda completou:

— "Sabe, Beto, nossos métodos de cultivo são absolutamente naturais, orgânicos, sem o emprego de agrotóxicos ou adubos químicos.

Tudo aqui é feito com muito amor e dedicação.

Cada pequenina planta é importante para nós.

Sou um homem feliz.

Aliás, como dizia Cícero, o Imperador romano, 'se você tem um jardim e uma biblioteca, então você tem tudo o que precisa' – e eu tenho esse jardim e minha biblioteca!"

— "Sim, Frank, você é um homem admirável."

— "Não, Beto.

Sou apenas um homem."

Ah, se existissem no mundo mais homens como esse Frank.

A Terra seria um lugar muito melhor para se viver, pensei.



Caminhamos por uns cem metros, pelo mesmo tipo de trilha de pedras, passando por uma variedade de plantas dignas de um jardim botânico dos melhores.

O tema do jardim não era fácil de definir, mas o bom gosto era marcante.

— "Está pronto?", perguntou-me Frank.

— "Pronto!", respondi.

Mas pronto para o quê?

Qual a 'surpresa' que eu teria agora?

— "Por aqui, venha", ele me dizia, caminhando por uma curva em 's' elaborada com arbustos diversos.

Ao trilhar esse caminho, deparei-me com algo realmente inusitado:

uma construção em forma de 'domo', completo, com a cúpula em vidro.

Puxa, é um observatório astronômico!, pensei, espantado.

Em toda a volta dele, haviam canteiros de rosas de todas as espécies que se poderia imaginar.

Os canteiros, por si só, tinham as formas de estrelas.

Estrelas de três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove; até de dez pontas!

Havia também mais dois canteiros: um circular e um outro em forma de 'oito'.

— "Que maravilha, Frank!

É a coisa mais linda que já vi!", exclamei, maravilhado

— "É a coroação de anos de estudos e da dedicação de minha amada esposa.

Ela projetou e implantou tudo o quanto você pode ver por aqui.

Eu havia projetado um pequeno observatório, quando

Francis resolveu que um bem maior seria uma alegria para os que estão dentro dele, assim como para os que estão fora.

Daí, para a construção desse roseiral, foi um passo.

Um grande e longo passo, diga-se de passagem.

Mas o trabalho foi feito.

É lindo, não é?"

— "Demais!"

— "Beto, observe que os canteiros, dez ao todo, representam as esferas da 'árvore da vida'."

— "Sim, do círculo, que representa o 'um', até o 'dez'. Certo?"

— "Certíssimo!"

O um está representando a primeira esfera cabalística, mas está dividido em quatro partes, numa analogia aos quatro elementos da esfera da Terra, a décima.

Também representa o princípio.

O canteiro em 'oito' representa o 'dois', e também o duplo, além de ser o símbolo do infinito, esse 'oito' deitado.

Veja que ambos os lados do 'oito', seus dois círculos, estão divididos em quatro partes cada, a exemplo do primeiro canteiro, o círculo.

Logo adiante há um canteiro em forma de estrela de três pontas.

Repare que cada braço da estrela é uma divisão, e seu centro é também separado dos braços.

Isso se repete em todas as outras estrelas, isto é, canteiros, aonde cada braço é uma divisão, um canteiro individual, e o centro dessas estrelas também é um canteiro.

Assim foi possível plantar e cultivar as mais variadas

espécies de rosas, conforme você pode confirmar."

— "Todos os tipos de rosas do mundo?"

Você tem, aqui, todas as variedades de rosas do mundo inteiro?", indaguei, ainda pensando na sua explicação, e tentando contar os canteiros, mentalmente.

— "Não, infelizmente.

Para isso seria necessário muito mais espaço.

Mas tenho bastante variedade.

Se você quiser saber seus nomes, venha comigo, caminhemos entre as estrelas, para conhecer um pouco mais da rosa, a assinatura de Deus."

Seguí-o, em silêncio.

Tinha conseguido contar o número de canteiros: setenta e dois!

— "Frank, setenta e dois não são os 'gênios da cabala?"

— "Não.

Setenta e dois são os meus canteiros.

Setenta e dois são os Gênios da Esfera de Mercúrio.

E setenta e dois são os nomes quantitativos de Deus, assim como setenta e dois são os nomes qualitativos de Deus, formando, juntos, o nome de Deus que não se pode falar, que é o maior mistério da Cabala.

Entendeu?"

— "Não."

— "Então, calma, que no momento certo lhe ensinarei tudo sobre esses mistérios.

Mas pare de pensar em 'setenta e dois gênios da cabala', pois tudo quanto se diz a esse respeito é balela; inclusive, os sigilos ou assinaturas desses Espíritos não tem a menor semelhança com os verdadeiros sigilos das Entidades homônimas.

Mas, por enquanto, não se preocupe com o assunto.

Vamos conversar sobre rosas!"

Frank foi dizendo cada nome, de cada espécie de rosa com a qual nos defrontávamos.

Terminando os canteiros em forma de estrelas, havia um canteiro único, circundando todo o perímetro dos canteiros estrelas; por fora desse, outro, depois outro.

Três canteiros circulares em volta dos canteiros-estrelas.

O acesso às diversas espécies se dá por pedras colocadas estrategicamente, evitando quebrar a harmonia de tão belo jardim.

South seas, floradora, silver star, avon, charlotte armstrong, mainzer fastnacht, idyll, mister lincoln, rumba, rubayat, halo, invitation, figaro, grisbi, shades of autumn, montezuma, mount shasta, tiffany, doctor van rij, manitou, weelworth, parthenon, spartan, gold glow, neue revue, lili marlene, rosalinde, vitória, bronze masterpiece, freiheitsglocke, bravo, altesse, golden scepter, girona, lys assia, allgold, intermezzo, regente agrícola, pascali, youki san, melanie, peergynt, condessa de mayalde, quebec, belle etoile, john armstrong, sutter's gold, maysa, queen elizabeth, passion, doctor christian barnard, berlengas, daily sketch, american home, white christmas, hawaii, carla, diorama, super star, marabá, rose gaujard, nordia, beauty of festival, praterstern, mohican, pink favorite, schnee wittchen, anders battle, jack frost, spanish sun, primor, diamond jubilee, hapiness, milagros de la fontecuberta, first love, souvenir de jac verschuren, fernanda, carmem miranda, trade winds, bel ange, traviata, maringi, rina herhold, elli knab, western sun.

— "São oitenta e cinco espécies, Frank.

São realmente belíssimas.

Mas tem algum uso prático, além de enfeitar?"

— "Estamos experimentando criar 'essências florais' com os mais variados tipos de rosas, a exemplo do que os pesquisadores já fizeram no sistema 'Perelandra'.

Estudamos o 'floral' natural, bem como suas vibrações escalares, radiônicas.

Assim, caso nossas 'essências' sejam válidas, ninguém terá de plantar tantas variedades de rosas; bastará conhecer os índices radiônicos das vibrações desses remédios, para produzi-los.

Por esse motivo é que estudamos essas vibrações escalares nos diversos métodos, com o uso de índices numéricos, cartões de padrão energético, entre outros.

Espero que obtenhamos algum resultado positivo em nossas pesquisas.

Além disso, com pétalas de rosas, elaboramos deliciosas geléias, entre outros doces."

— "Oitenta e cinco tipos de rosa!

Imagine, oitenta e cinco tipos de florais, quem sabe.

Isso é fantástico!"

— "Fantástico mesmo é quando realizamos um sonho.

É fantástica a capacidade humana para executar aquilo a que se propõe.

Como se dizia antigamente, 'o que quer que você faça, faça-o com vontade e amor!'"

— "Realmente, Frank.

Essas palavras contêm muita sabedoria."

— "Sabedoria!

Você ouviu o que acabou de dizer?

SABEDORIA!

Esse é o segredo do Quarto Arcano – a sabedoria, e como aplicá-la!

Não basta a filosofia, temos de colocá-la em prática.  
Como Francis fez neste belo jardim."

— "A sabedoria é simples, não é, Frank?"

— "São nas coisas simples que residem os maiores poderes.

E, creia-me, não há poder maior do que o da sabedoria.

Não se consegue descrever com palavras o poder que pode ser revelado a alguém que compreenda, em profundidade e envergadura, qualitativa e quantitativamente, o Arcano IV."

— "Venha conhecer meu observatório, Beto."

Frank caminhou por entre os canteiros, rumando para o domo branco.

"É por aqui", disse ele, abrindo uma porta que, de tão embutida na estrutura, parecia ter sido recortada na parede do observatório.

Entrei depois dele.

— "Sente-se aonde quiser, amigo, que lhe darei uma breve amostra de nosso potencial como 'caçadores de cometas'.

Eu fico aqui, noite após noite, fazendo a digestão do jantar, enquanto procuro meteoros errantes.

Quem sabe, um dia desses, eu descubro alguma coisa fabulosa como o 'Shoemaker-Levy 9', descoberto por David Levy e pelo casal Carolyn e Eugene Shoemaker, dos Estados Unidos."

— "E esse 'não-sei-o-que-nove' é importante?", perguntei.

— "Shoemaker-Levy 9.

É o cometa da colisão com Júpiter.

Já sabe qual é?"

— "Claro", respondi, lembrando-me do fato tão divulgado na imprensa internacional.

— "Beto, hoje só vou lhe mostrar nossos recursos e equipamentos.

Noutro dia nos reuniremos, eu, você e alguns amigos, para 'caçar cometas'.

Todos os sábados, nos reunimos aqui, após degustar um fondue ou uma tábua de queijos e frios, para observar o céu.

Ficamos contemplando a grandiosidade da criação, a harmonia do Universo. A anatomia do corpo de Deus."

Fez uma pausa, então começou a me mostrar os diversos equipamentos.

— "Este é um telescópio da marca Meade, modelo LX200 Schmidt-Cassegrain, abertura de dez polegadas, e é igualzinho ao que David Levy utiliza.

Este aqui é da mesma marca e modelo do outro, mas com abertura de dezesseis polegadas.

Estes cinco binóculos são da marca Nikon; são os modelos 10x50 Lookout III, 7x50 SkyFocus Plus, 10x50 SkyFocus Plus, 7x50 IF SP Prostar e o 10x70 IF SP Astroluxe.

São todos ótimos para a observação móvel, sem que tenhamos de ficar restritos ao interior do observatório.

Este computador, equipado com uma 'motherboard' Pentium 586 de 100 Mhz., é uma 'workstation' completa, equipada com o que há de melhor em softwares para astronomia, além de periféricos avançados.

Entre esses programas, estão os melhores simuladores para astronomia, como este programa que irá entrar na tela num instante", disse Frank, após digitar velozmente alguns comandos no teclado de seu computador.

— "É o 'Dance of the Planets', produzido pela ARC Science Simulations, dos Estados Unidos.

Não é lindo?"

— "Lindo."

— "Estes aqui são óculos para observação de eclipses.

Estas são cadeiras adequadas para observação astronômica, e estes são suportes para apoiar os binóculos quando desejamos realizar observações sem o apoio de tripés; são colocados em torno do pescoço, mantendo os binóculos em direção do céu, sem cansar



os braços ou o pescoço.

Naquela estante, há o 'filé mignon' dos livros de astronomia.

Aquele telescópio, ali no canto, é um Maksutov/Cassegrain com três polegadas e meia de abertura.

Nesta arca, aqui, estão os sistemas completos de três máquinas fotográficas: uma Hasselblad 2000, uma outra modelo 500, ambas suécas, e uma Nikon F3, japonesa. Além dos 'corpos' das máquinas, há objetivas, filtros, anéis, inúmeros acessórios.

Aquele equipamento, sobre a mesa, é um receptor de informações meteorológicas, enviadas por satélites.

Este rádio aqui é um Sony de múltiplas bandas, o melhor e mais completo do gênero.

Aqui temos o controle do rádio-telescópio solar, praticamente idêntico ao construído por Ron Ham, inglês de Sussex. Eu mesmo construí nosso aparelho.

Ele está colocado do lado de fora deste domo, e serve para fazer observações solares. Estas são realizadas, diariamente, entre as onze e trinta e as catorze e trinta.

Automaticamente, essas observações são gravadas no disco rígido do computador, permitindo o acesso imediato a todas as informações.

O que você achou?"

— "Perfeito, como tudo que você faz", respondi.

— "Vamos ver, agora, meu canteiro de ervas medicinais e aromáticas, minha horta, meu pomar, minhas plantações no sistema de cultivo hidropônico, além de meus viveiros de aves e de pequenos animais", disse Frank, saindo pela porta do observatório.

Eu o segui, em silêncio.

Passear por aquela propriedade era meio como estar

numa 'ilha da fantasia' – cada atração mais fascinante do que a outra!

Caminhamos por alguns metros, além dos limites delineados pelos roseirais, para dentro de uma série de moitas e árvores, muitas delas frutíferas.

Saindo desse breve emaranhado de árvores, chegamos numa área extremamente elaborada paisagisticamente.

Deparei-me com um belo jardim de ervas aromáticas, que mais parecia saído de um conto de William Shakespeare.

— "Este é nosso jardim de ervas", disse meu anfitrião, apontando para algumas delas, citando-as pelo nome.

— "Açafrão, alecrim, aquela ali é manjerição grande e do outro lado, perto das segurelhas, o manjerição miúdo.

Aqui tem hortelã, do lado direito dela o orégano, e do seu lado esquerdo a salsa.

Temos um pouco de tudo, meu amigo.

Logo mais, no jantar, você irá provar algumas iguarias preparadas com ervas e outros vegetais de nosso jardim."

— "Ah! Esse jantar está me abrindo o apetite e a curiosidade.

O quê teremos para comer?"

— "Você quer saber qual será o cardápio?"

Isso é surpresa!

Só posso lhe dizer que será um grande jantar cerimonial.

Começaremos pelos 'potage', duas sopas, uma rala e outra cremosa.

A seguir, serão servidos os 'hors d'oeuvre', variados, que irão à mesa em 'rapiers', para abrir o apetite.

Daí virão os 'relevé', pratos que prepararão nosso estômago para o prato principal.

Após os 'relevé', virão as 'entrée', sortidas entradas, permitindo que estejamos prontos para a principal peça do jantar.

O grande prato de nosso jantar será o 'rôti', um assado especial, acompanhado por uma salada e por 'entremets', entremeios salgados.

Passaremos, então, aos 'entremets sucrés', entremeios doces, que serão seguidos pelos 'dessert', sobremesa.

Obviamente, tudo começará com pãezinhos especiais, manteiga e patês sofisticados, e terminará com 'petits-fours', docinhos pequenos e delicados.

As bebidas, que regarão nossa comemoração, foram escolhidas por mim, com extremo cuidado."

Acenei com a cabeça, como que concordando com todos os detalhes.

Caminhamos por outros canteiros, dali penetramos num amplo e variado pomar, além de uma bem cuidada horta.

— "Ali, naquela espécie de estufa, estão os canteiros de cultivo pelo sistema hidropônico.

Como temos, por aqui, uma nascente com água de ótima qualidade, além de um riacho cruzando a propriedade, pudemos executar algumas idéias, como esta plantação nesse moderno sistema, além de um ranário-modêlo."

— "Fabuloso.

Você tem rãs aqui?"

— "Tenho.

E tenho, também, escargots, coelhos, galinhas, patos, pombos, minhocas, alguns porquinhos, umas poucas cabras e ovelhas."

— "E aquelas instalações ali?", disse eu, apontando para uma espécie de conjunto de casinhas de madeira.

— "Ah!

As instalações apícolas.

Lá temos uma instalação de apicultura convencional.

Mas, no outro extremo da propriedade, temos uma pequena quantidade das mansas abelhas jataí, aquelas que não tem ferrão.

Produzem um ótimo mel!"

— "É incrível, Frank!

Quanta coisa em tão pouca terra!"

— "Pouca terra?

Você já leu os livros do John Seymour?"

— "Sim, já li dois sobre auto-suficiência e um sobre ecologia."

— "Então, você já sabe que alguém pode ter tudo o

que tenho aqui, e mais ainda em apenas meio hectare, ou seja, cinco mil metros quadrados!

Pode ter muito mais que isso em dois hectares e meio, pouco mais de um alqueire, vinte e cinco mil metros quadrados!

E você acha que quinhentos mil metros quadrados são pouca terra?

É por isso que há tantos problemas agrários neste país..."

— "Então você acha que aqui tem muita terra?", perguntei.

— "Muita.

Muita mesmo.

Pelos padrões europeus, ao menos, temos uma fazenda.

Por aqui, um modesto sítio, não é?

Tsk, tsk...", Frank disse, abanando a cabeça.

— "É que eu não tenho idéia do potencial da terra, Frank", disse, querendo me desculpar.

— "Não é só você, meu amigo.

Não é só você.

E esse é o problema."

Frank ficou em silencio, olhando para suas plantas.

Caminhou para além de uma frondosa figueira, acenando para que eu o acompanhasse.

Fui atrás dele.

Havia, meio oculta pela vegetação, uma casinha branca, muito antiga, no estilo colonial brasileiro.

Era uma construção pequena, com uma porta de madeira e uma janela.

A porta, seu batente e a janela, eram pintadas em azul, acentuando o estilo colonial.

Sua cobertura era do tipo 'capa-e-canal'.

— "Você sabe o que é isso, Beto?"

— "Não faço idéia."

— "É um 'Ilê de candomblé', realizado segundo rituais da nação Alaketu.

O antigo proprietário destas terras, parte de uma enorme fazenda, era um rico português.

Isto foi nos tempos da escravidão.

Ele era católico, mas, convivendo com os negros africanos, foi ficando, pouco a pouco, fascinado pela beleza e energia de seus rituais.

Acabou se tornando um 'crente' no candomblé, tanto que erigiu este 'ilê' completo.

Há o 'Ilê' dos orixás, o barracão dos cultos, além da 'tronqueira' de exu, a casa dessa entidade, mais as instalações para outras entidades coadjuvantes.

Estou em processo de restauração dessas construções.

Tenho me orientado nas várias obras do sociólogo Fernandes Portugal, presidente da Yorubana, um centro de estudos e pesquisa da cultura mágico-místico-religiosa afro-negra, sediado no Rio de Janeiro.

Ele é uma das maiores autoridade no assunto 'candomblé' a divulgar os segredos dessa religião.

Quando comprei esta propriedade, detectei energias poderosas.

Logo que encontrei estas construções, percebi do que se tratava.

São energias positivas e poderosas."

— "Mas você, um Mago de alto nível, apreciador de candomblé, uma religião tão primitiva?", indaguei, espantado.

— "Vejo quanto falta para você compreender os ensinamentos contidos no livro de Franz Bardon que

está estudando.

Primeiro, compreenda que todas as religiões são importantes, pois todas contêm parcelas da verdade.

Depois, compreenda que o candomblé não é tão primitivo assim.

Muitas das pessoas envolvidas nessa religião fazem uso de práticas primitivas, mas isso não torna a religião primitiva.

Além disso, quando você tiver estudado tudo daquela obra de Bardon, verá que inúmeras práticas presentes em todas as religiões têm uma origem Hermética, isto é, originaram-se de práticas mágicas legítimas.

Apenas ocorre que, ao longo do tempo, essas práticas foram sendo desfiguradas.

Mas sua essência é a mesma – Divina."

— "Cite-me, por exemplo, uma prática religiosa de origem Hermética", pedi à Frank.

— "Que tal o 'Milagre da Eucaristia'?", perguntou Frank.

— "Eucaristia?"

Ela tem origem Hermética?"

— "Certamente!

Você deseja aprender a realizar esse milagre?"

— "Claro!

Você pode me ensinar?"

— "Você já sabe, na verdade.

Está escrito no livro de Bardon, mas creio que você não se deu conta.

Também foi revelado por outros autores, como Crowley, Randolph, Spare, Ripel, entre outros, de forma mais clara por alguns, mais velada por outros.

Mas, no método ensinado por Bardon, encontramos uma seqüência de ensinamentos práticos, visando



facilitar a execução desse trabalho.

Não que você não possa realizar esse trabalho sem seguir as orientações de Bardon, mas, seguindo seu método e ensinamentos, os resultados serão muito maiores e melhores.

Como você já está fazendo os exercícios que estão prescritos no livro de Bardon, creio que obterá os melhores resultados!

Então, vamos lá:

o Milagre da Eucaristia, consiste em transformar seu alimento em Deus, daí consumí-lo.

Isto é, você terá a energia Divina, transmigrada em seu alimento e, ao consumí-lo, a Divindade passará a habitar seu ser."

— "Como isso é possível?"

— "Necessitamos, em nossa vida terrena, de três formas de alimento para nos mantermos vivos:

O ar, os líquidos e os alimentos sólidos, nossa comida.

O Milagre Eucarístico consiste, apenas, em impregnar, com seu pensamento, o ar que se respirará.

Você deve manter na mente uma idéia precisa do que deseja, não se atendo nunca a desejos egoístas, pois não funcionará.

Com seu pensamento firme, procure impregnar o ar com esse desejo, de forma que o ar se torne tão denso a ponto de que possamos senti-lo.

Nesse ponto, inspire esse ar, impregnado com essa idéia que foi transplantada para ele.

Com os líquidos, deve-se fazer da mesma forma, tomando o cuidado de consumir todo o líquido impregnado pela idéia, exatamente como os padres católicos fazem com o vinho da missa.

Em se tratando de alimento, agir-se-á de forma idêntica, com a mesma atenção de não deixar sobrar nada do alimento impregnado.

É de suma importância que sempre se mantenha em mente um único desejo ou idéia de cada vez, ou seja, o mesmo desejo que se utilizar para impregnar o ar, deverá ser empregado para impregnar líquidos e alimentos sólidos.

Falando em líquidos, convém utilizá-los em temperatura inferior aos trinta e sete graus centígrados, por ser mais fácil a sua magnetização e também sua impregnação pelo princípio akáshico ou etérico.

Da mesma forma, líquidos em temperatura inferior a quatro graus centígrados também estão aquém do ideal."

— "Isto é fabuloso, Frank!

Mas que tipo de coisas posso desejar?"

— "Limite-se à saúde, sucesso, paz, tranqüilidade.

Mas, lembre-se, apenas um por vez!

E, muito importante, nunca desista de uma meta, nesse trabalho eucarístico, sem tê-la atingido plenamente.

Repita-o diariamente, se possível, de manhã e à noite, sempre nos mesmos horários.

Ou pode realizar o ritual com o ar ao levantar-se e ao se deitar, e os rituais com líquidos e alimentos na hora das refeições.

Mas, seja metódico, sem o que você não obterá nenhum resultado.

Só passe para outro tema após ter obtido o resultado desejado, o quanto desejou, ou seja, qualidade e quantidade!"

— "Mas que chave, Mestre!"

— "Sim, é mesmo uma grande chave.

Mas temos muitas mais para desvendar."

Frank continuou caminhando por entre uma plantação de bambus.

— "Beto, a importância do conhecimento contido no Candomblé é enorme.

Estamos pesquisando, por exemplo, o uso de 'essências florais' elaboradas com algumas das 'plantas sagradas' desse culto."

— "Quais, por exemplo?"

— "Acocô ou Folha-da-Costa, 'Naelvia Boldos'; Obí ou Noz-de-Cola, 'Sterculia Accuminata'; Dendezeiro; Botujé ou Pinhão-Branco, 'Jatrofa Curcas'; Irôco, 'Clorofora Excelsa', uma sequóia gigante da África; Boldo-do-Chile ou Tapete-de-Oxalá; Orobô ou falsa-noz-de-cola, 'Garcinea Guinetoides'; Pichurim; Dandá-da-Costa; todas as catalogadas como de uso litúrgico na seita, enfim."

— "E você crê terão uso válido?"

— "Sem dúvida!"

Já se elaboram 'florais' de Arruda, por exemplo, em diversos sistemas, obtendo-se, com eles, resultados espetaculares."

— "Mas no Candomblé tem essa coisa de oferendas, sacrifícios, todo um lado bárbaro e extremamente primitivo.

Como você encara isso?"

— "As oferendas não dependem, apenas, do que agrada a Entidade, mas, também, no que faz apelo ao sub-consciente do religioso.

Assim, há pessoas que crêem só estar fazendo uma oferenda quando sacrificam algum animal.

Outras substituem os animais por ovos crus ou por rodela de cebola com uma vela de cêra acêsa no centro,

sentindo-se plenamente satisfeitos com seu 'trabalho'.

Há gente que aprecia ter, junto de si, uma imagem da Entidade de sua fé.

Dentre essas pessoas, há as que fazem orações em frente dessa imagem, ofertando-as como sacrifício.

Outras, esfregam vigorosamente as palmas de ambas as mãos por alguns segundos, daí esticam as palmas das mãos na direção da imagem, ofertando, assim, seu 'prana' ou energia vital.

Há, ainda, quem, dotado de grande poder de imaginação e concentração, repita todo o ritual convencional apenas na sua mente, tirando do 'plano mental' tudo quanto precise para realizar seu 'sacrifício', consista isso no que for.

Compreendeu?

Primitivas podem ser as pessoas, não a religião!

Além disso, não julgue a forma pela qual as pessoas professam sua fé.

Todos os caminhos levam ao mesmo lugar!"

— "Iluminou-me, Mestre!"

Após uns cinco minutos de caminhada, no meio de várias espécies de vegetais utilizados nos cultos afro-brasileiros, atingimos uma área cercada de ciprestes e loureiros.

Havia, à sombra de um poderoso carvalho, uma casinha branca, simples, num estilo lembrando o colonial paulista, porém mais despojada.

Tinha um telhado em quatro águas, coberto de telhas tipo 'capa-e-canal'.

Sua porta e suas janelas, uma em cada lado da porta, eram pintadas de azul, como as daquele 'Ilê' mas, apesar de ser tudo novinho, não havia capricho com detalhes.

Era uma casinha comum, e nada mais.

— "Aqui está instalado nosso laboratório de ondas escalares, Beto.

Vamos entrar."

Frank tirou um molho de chaves do bolso.

Escolheu uma, entre várias chaves, introduzindo-a na fechadura.

Abriu a porta, procurando do lado de dentro o interruptor da luz.

Entrei logo depois dele.

A luz acendeu ao mesmo tempo em que eu adentrava naquele laboratório incrível.

— "Só havia visto esses engenhos em fotos", disse eu, tentando disfarçar a surpresa.

Pirâmides de vários tamanhos, e duas geometrias diferentes.

Muitos pêndulos, varinhas, forquilhas.

Além de máquinas. Dezenas de máquinas estranhas.

— "Beto, este é, com certeza, o maior e mais completo laboratório radiônico e de engenharia-escalar neste país, quiçá no mundo.

Temos engenhos de todas as procedências.

Máquinas DeLawarr, McFarland, McGurk, Peter Kelly, Tansley, Bahatacharya, Hyeronimus, Lakhovsky, Bruce Copen, Mindtron, Malcolm Rae, Abrams, Ruth Drown, Caradeau, Bertiaux, Cosimano, M.G.Smith, Calverly, Williams, Rife, além de engenhos emissores de ondas-de-forma, como a 'Bomba C-30', a 'Bomba Equatorial', o 'Canhão', entre outros inventos fabulosos, como duas "Máquinas Kirlian", produzidas por Newton Milhomem, e outra de Peter Mendel, destinadas a tirar fotografias da 'aura'.

Temos todos os modelos das máquinas Bruce Copen

e DeLawarr, além de engenhos exóticos como Calbro-Magnowave, Pathoclast, Radio-Vision Drown, MWO Lakhovsky, Electro-Biometer Hyeronimus, Reflexophone, Zodiac Rainbow Toner, Phoenix Radioclast, Ukako, Agrad, Vudutronics, Emissôres e Detectores Astrológicos e Geomânticos, Magnetizer, Helmholtz, máquinas para Tele-Gemoterapia, Tele-Acupuntura, Tele-Metaloterapia, Tele-Aurículoacupuntura, Tele-Cromopuntura, Tele-Cromoterapia e até mesmo um Tepaphon, só que destinado apenas a fins benéficos; o Tepaphon foi muito utilizado pela FOGC, mas com finalidades maléficas.

Hoje, nossa visita neste local será breve mas, em outra oportunidade mostrarei como utilizar estes aparelhos maravilhosos.

Naquela outra sala, temos um 'templo' para a emissão de energia à distância, fazendo uso da eletrônica; chamamos esse 'templo' de 'Prelúdio Eletrônico'; esse conceito foi também criado pela FOGC, mas eu o alterei para fazer uso benéfico de suas enormes potencialidades!

Um dos convidados desta noite, Antônio Rodrigues, é o único fabricante de máquinas radiônicas e psicotrônicas em todo o hemisfério sul.

Além disso, foi o introdutor, por aqui, da 'radiestesia cabalística', criada por Jean de La Foye e Jean-Gaston Bardet. Rebatizou-a de 'radiestesia icônica' ou 'iconográfica', uma terminologia, aliás, bem mais adequada.

Ele produz suas versões de máquinas famosas, como DeLawarr, Hyeronimus, Peter Kelly, Malcolm Rae, Lakhovsky, Violet e Rife.

Produz, inclusive, versões computadorizadas dessas máquinas, além de algumas criações suas, como o

Crystal Pulse Generator e o Holotron; temos todas por aqui, ao menos uma de cada.

Mas vamos indo, senão escurece e não veremos algumas outras coisas interessantes."

Saí na frente de Frank.

Ele saiu logo atrás de mim, fechando a porta.

Demos a volta, rumando por um caminho arborizado que ia no rumo oposto à aquele pelo qual viemos.

Andando por cerca de um minuto, notei que a casa havia sumido de nossas vistas.

Incrível, pensei, nesta propriedade o paisagismo encobre, oculta tudo; a gente só vê alguma construção quando chega a poucos passos dela!

A cada passo que dávamos, uma nova espécie de vegetal se vislumbrava.

— "Beto, aquela, ali adiante, é a minha casa", disse Frank, apontando para uma ampla construção no mais puro estilo colonial brasileiro.

— "Imponente!", exclamei.

— "Atrás daquelas palmeiras imperiais, que ladeiam a alameda que dá acesso à entrada principal da casa, há outras duas alamedas.

É por elas que se chega às casas dos meus filhos casados.

Cada um mora numa casa só sua, pois a privacidade é importante para a vida de um casal.

Adiante das casas deles existe a sede original desta, que fora uma fazenda enorme.

A sede ficou neste terreno que adquiri.

É uma construção majestosa, em estilo colonial português, que demorei quase uma década para restaurar com perfeição.

Gostaria de lhe mostrar todas elas mas, hoje, não há tempo.

Tenho mais algumas coisas para lhe dizer e mostrar; agora devo me trocar para o jantar."

— "Tudo bem, Frank."

Continuamos caminhando por aquelas trilhas entre plantas luxuriantes, até darmos numa clareira.

Cercada de árvores, arbustos e flores, estava ocupada apenas por um gramado, tendo uma casinha bem no centro.

Não havia o menor sinal de ligações da rede elétrica nessa construção.

— "Este é meu laboratório.



Meu 'oratório-laboratório'."

— "Laboratório alquímico?"

Mas isso não é fantasia?

Alquimia não é algo mental ou coisa assim?", indaguei, curioso.

— "Já vi que você andou lendo muitas bobagens do assunto, Beto."

Parou de falar, enquanto caminhava na direção da tal casinha branca.

— "Que belo gramado, Frank!"

— "São trezentos e tantos metros quadrados de jardins."

É o necessário para o trabalho alquímico."

— "Você destila ervas?"

Frank deu uma sonora gargalhada.

— "Não, eu colho orvalho fresco neste gramado."

Não entendi bem aquilo mas, enquanto ele caminhava, tive de segui-lo.

— "Você é um alquimista, Frank?"

— "Sim", respondeu ele, laconicamente.

— "Qual a sua idade?"

— "Você já percebeu que tenho um pouco mais do que aparento, não é, meu amigo?"

— "Suponho."

— "Seus pais não lhe ensinaram que é falta de educação perguntar a idade das pessoas?"

— "Sim, mas..."

— "Mas, nada."

Não é de sua conta.

Respeite minha intimidade, está bem?"

— "Claro! Me desculpe."

— "De nada."

Frank abriu a porta da casinha, acenando para que

eu o seguisse.

Entrei depois dele.

Era um laboratório comum, entulhado de coisas estranhas.

Havia uma estante com poucos livros, diversos bujões de gás, uma espécie de forno cônico, garrafas de álcool de cereais, tubos de ensaio, cadinhos, pedaços de minérios, rebarbas de metais, vidros de diversos tamanhos, uma máscara de soldador. Muitas bugigangas.

— "Para que tantos cacarecos, Frank?"

— "Cacarecos?"

Essas são as ferramentas da alquimia!"

— "Não consigo ver relação entre isso e tudo quanto li do assunto."

— "Ainda bem!"

Você só leu asneiras...

Nesta estante, há o que de melhor existe sobre o assunto!", disse ele, referindo-se à peça do canto da sala.

— "Mas Frank, o que é a alquimia, então?"

— "A missão do alquimista é a de completar a Obra Divina."

— "E daí?"

Por favor, seja mais claro."

— "A alquimia pertence aos domínios do Quinto Arcano.

Por isso, não poderei revelar agora seus mistérios.

O que posso fazer é dar-lhe um caminho, passar-lhe certas informações que o levarão ao caminho certo.

Além disso, você terá de estudar as obras que estão nas prateleiras da estante para compreender as quantidades e qualidades da alquimia."

— "Assim está bem."

— "Mas não hoje, amigo.

Vamos indo, que em outro dia eu lhe explicarei um pouco de alquimia.

Será pouco, mas muito mais do que você encontrará em dezenas de livros."

— "Só me responda uma coisa: você é um alquimista de verdade?"

— "Você quer saber se eu descobrí 'o mais vil dos metais', se conheço o 'dragão escamoso', se conseguí interpretar o 'leão vermelho'?

Para você, isso que é ser um alquimista?

Alguém que encontrou a 'pedra filosofal', que criou e utilizou o 'pó de projeção'?

Um alquimista é alguém que já viajou no 'carro triunfal do antimônio'?

Alquimista é aquele que conhece o 'filho de saturno'?

É isso?

Perturba você imaginar que alguém possa 'fazer voltar o relógio do tempo'?

E produzir quanta 'riqueza' quiser?

É intrigante saber que uma pessoa conhece o 'fogo do sol'?

Você quer saber se eu já 'transformei chumbo em ouro'?

E se eu adquirí o 'elixir da longa vida'?

A resposta, para tudo isso, é sim.

Se é isso que você considera ser um alquimista, eu sou essa pessoa.

Conheço, na teoria e na prática, o 'triplo apanágio' da alquimia."

Emudecí.

Frank deixou a casa.

Eu segui depois dele, fechando a porta.

Caminhando para longe do gramado, suas palavras ressoavam em minha cabeça.

Eu havia ficado atônito com a quantidade de informações que Frank havia me assegurado possuir.

Frank ficou em completo silêncio, enquanto caminhava, embrenhado por entre plantas e folhagens de colorido maravilhoso.

Alcansei-o, após acelerar um pouco meu passo.

Tentei reiniciar a conversa.

— "Você me ensinará alquimia?", perguntei.

— "Se você quiser, poderá aprendê-la comigo.

Mas, primeiro, vamos terminar o estudo do Quarto Arcano.

Daí, estudaremos o Primeiro, o Segundo e o Terceiro.

Depois, então, estudaremos o Quinto Arcano, a alquimia.

Caso você persevere, poderei lhe ensinar tudo quanto sei, dos cinco primeiros Arcanos do Tarô."

— "Eu quero aprender tudo!"

— "Caminhemos, então, para além daquele muro, pois desejo lhe mostrar algo muito interessante."

O muro, distante uns vinte passos, era de tijolos aparentes.

Um muro comum, com uma passagem em arco.

— "Veja meu sistema gerador de energia!

É aqui que reside nossa auto-suficiência energética!", disse Frank, assim que cruzamos o arco.

Era um complexo de equipamentos de tamanhos variáveis e formas variáveis.

— "Temos sistemas ativos e passivos de aquecimento solar, um sistema fotovoltaico sofisticado, coletores de água da chuva, biodigestores nos sistemas chinês e indiano, produção de carvão e de tijolos de solo-cimento, uma mini-usina-hidroelétrica, coletores eólicos, além de diversos arranjos experimentais.

Pretendo, sinceramente, escrever um livro sobre

auto-suficiência energética.

Pouca gente conhece o potencial destes sistemas.

Nós temos diversos computadores, fax, secretárias eletrônicas, televisores, rádios, videocassetes, equipamentos de som, geladeiras, freezer, muitos eletrodomésticos.

Só consumimos vinte por cento de energia pública.

O resto é produzido aqui mesmo!"

— "Isso é maravilhoso, Frank!"

— "Mas, vamos, que está ficando tarde e esfriando."

Caminhamos ao largo desse complexo energético, até que avistamos alguns viveiros, disfarçados no meio de muita vegetação.

— "O que você cria lá, Frank?"

— "Pássaros ornamentais, aves diversas, animais de pequeno porte, répteis; é um conjunto muito bonito de viveiros, terrários e construções anexas.

Mas, com este frio, e a esta hora, os animais devem estar encorujados.

Deixemo-los em paz que, num dia ensolarado, os apresentarei todos a você, um a um."

— "Será um imenso prazer!", disse eu, rindo.

Após aquele conjunto de viveiros haviam inúmeras árvores frutíferas.

— "É desse pomar que obtemos nossas frutas.

Você sentirá o sabor especial que as frutas daqui tem.

Saborearemos algumas no jantar", disse Frank, com nítido orgulho.

— "Eu admiro muito esse seu espírito de auto-suficiência.

Tudo o que vocês consomem é produzido aqui?", indaguei.

— "Conforme falei há alguns minutos, em termos energéticos nosso consumo é quase que totalmente suprido pela nossa produção.

Até o meio do ano que vem pretendo produzir toda a energia que necessitarmos.

Em termos alimentícios, nossa produção é o suficiente para quase tudo que precisamos:

Só compramos sal, açúcar, carne bovina, arroz, soja, óleos comestíveis e alguns outros sub-produtos.

Mas, como pretendo adquirir o terreno dos fundos desta propriedade, ali pretendo implantar os cultivos e criações que completarão nossa independência."

— "É realmente surpreendente como alguém de sua cultura e nível social se dedique a plantar e criar.

Se eu estivesse em seu lugar, acho que moraria num apartamento de cobertura, e compraria tudo nos supermercados.

Eu detesto até ir à feira, quanto mais mexer em esterco de bicho!"

— "Nossa formação é muito diferente.

Eu penso que a riqueza deve ser medida, não pelo



número de zeros à direita de um algarismo qualquer no seu saldo bancário, mas sim pelo tamanho e fartura de sua despesa."

— "Você é comunista?"

— "Comunista? Eu?"

Como poderia eu ser comunista?

Você viu como vivo, no que acredito...

Eu prezo a liberdade!

Nem comunismo, nem nazismo, nem fascismo.

Nenhuma ditadura serve.

O maior bem que um homem pode possuir é sua liberdade.

Como pode alguém, que crê firmemente na liberdade, ser comunista ou extremista em qualquer aspecto?"

Frank ficara indignado com minha pergunta.

— "Sinto muito, Frank.

Só perguntei por curiosidade.

Não me leve a mal."

— "Beto, somente o comunismo rivalizou-se com o nazismo em número e variedade de atrocidades cometidas contra seres humanos.

Franz Bardon foi perseguido pelos nazistas, na Alemanha, e pelos comunistas, em seu país.

Não há a menor diferença entre dois sistemas de extremos pois, em ambos, os líderes são sempre os privilegiados, e o povo o sacrificado.

Eu não o levo a mal, pois você não sabe o que é o radicalismo.

Mas, meu amigo, lute pela liberdade.

Nem que seja uma luta silenciosa, uma luta interna.

Mas, rejeite sempre os regimes tirânicos, os governantes ditadores.

Eu tive de sofrer muito para dar valor à democracia,

à liberdade.

Só num regime livre é que um homem pode escolher seu destino.

Apenas homens livres podem criar uma grande nação.

Minha casa, minha vida, são como que uma comemoração da liberdade."

— "Nunca imaginei que você se importasse tanto com a sociedade e seus rumos..."

— "Os rumos da sociedade são os nossos rumos!

Se a sociedade naufragar, nós todos ficaremos à deriva!

Quem não se importa com a sociedade, com seu destino, não merece viver nela.

Alguém que desrespeite a lei, que emporcalhe as vias públicas, que não se preocupe com seu semelhante, é um ser sub-humano.

Terá de retornar muitas e muitas vezes, encarnação após encarnação, até que compreenda que cada vida está tão ligada a todas as outras como uma engrenagem de um relógio está conectada às demais."

— "Compreendo, Frank."

— "Conversemos, mas continuemos a caminhar, meu amigo."

Retomei a caminhada, resolvendo mudar de assunto.

Essa coisa de política não me interessa nem um pouco.

— "Frank, você acredita em trabalhos de Magia natural?"

— "Tipo o quê?"

— "Banhos, defumadores, pós mágicos, essas bobagens."

— "Não são bobagens.

Há as que são elaboradas de acordo com ditames legais, do ponto de vista Universal, e muitas outras.

As primeiras funcionam; as outras são de resultado incerto.

Você precisa compreender a função dos elementos, seu trabalho, bem como quais elementos naturais 'materiais' são atribuídos a cada um dos elementos 'filosóficos'."

— "Mas, você conhece alguma fórmula de banho que funcione?"

— "Conheço muitas!

Você quer aprender alguma?

Para que finalidade?"

— "Para afastar energias nocivas, pode ser?"

— "Tome nota", disse Frank, aguardando que eu tirasse caneta e papel do bolso.

— "Pode prosseguir", falei.

— "Você precisará de cascas de carvalho, folhas de oliveira, além de ramos, cascas ou folhas de acácia.

Esses componentes poderão ser secos ou frescos, conforme forem encontrados no comércio especializado, pouco importa.

Ponha para ferver um litro de água, de preferência destilada ou então mineral, utilizando-se para isso de uma panela comum.

Quando a água estiver fervendo, jogue uma quantidade pequena de cada uma das ervas na panela.

O equivalente a uma xícara de café, de cada um dos componentes, basta.

Feito isso, tampe a panela, desligue o fogo e deixe assim, em infusão, por mais ou menos meia hora.

Passado esse tempo, a água estará com uma coloração de vinho tinto.

Coe, então, tudo, jogando os restos sólidos no lixo.

Transfira esse líquido para um reservatório de boca larga.

Muna-se de uma esponja de banho.

Dentro do box, banhe-se com esse líquido.

Faça uso somente da esponja, retirando o líquido do reservatório com a mesma, lavando todo o corpo. Da cabeça aos pés. Tudo.

Esse ritual deverá durar, no mínimo, uns cinco minutos.

Depois de ter lavado o corpo todo, não deixando nem uma parte do corpo sem ter sido molhado pelo líquido, você deverá tomar seu banho normal, com água e sabão.

Lave bem o chão aonde tomou esse banho.

Enxugue-se normalmente.

Mantenha a mente livre de qualquer pensamento nefasto.

Se você quiser maximizar os resultados desse banho, faça a impregnação de seu desejo nele, como, por exemplo, livrar-se de pensamentos desagradáveis.

Os resultados serão, certamente, surpreendentes."

— "Funciona rápido?"

— "No exato momento em que se está tomando o banho.

Esse banho é capaz de matar elementares artificiais, larvas, seres assim.

Bons videntes conseguem observar algumas coisas que caem ao chão, agonizando; são como bolinhas pretas, parecidas com tatuzinhos, das dimensões de uma bola de golfe.

Em outras ocasiões, se vê uma espécie de bicho alado, envolto numa mortalha poída, que se afasta urrando de dor, supomos."

— "Incrível!

E defumação, tem alguma assim boa?"

— "Verbena.

É o suficiente para as mesmas finalidades."

— "Maravilhoso!

Mas, como devo usar?"

— "Você acende o incenso, e deixa que ele queime.

Só isso."

— "Ótimo."

— "Quer saber de um 'pó mágico', também?

E que tal um 'breve' para proteção?"

— "Lógico!"

— "Então, tome nota:

Você deverá misturar, em partes iguais por volume, não por peso, três componentes – sal marinho, areia branca e enxofre em pó.

Esse pó resultante recebe, entre nós, o nome de 'poeira cósmica' e serve para ser espalhado em qualquer lugar aonde existam energias nocivas."

— "E o breve?"

— "O breve você confecciona com um tecido vermelho, de preferência algodão, e recheia com o pó que lhe descreví.

Use-o sempre, para manter afastadas as más influências."

— "Puxa, muito obrigado!"

— "De nada, ora.

Vamos até o nosso 'jardim de inverno', pois é lá que será servido o jantar."

Fomos juntos, lado a lado, rumando para o centro daqueles jardins ornamentais.

Eu já estava ficando com fome, pois nem havia almoçado.

Se bem que essas receitas de Magia natural já me satisfizeram por enquanto!

Avistávamos o tal 'jardim de inverno' quando resolvi perguntar a Frank:

— "O que foi que vocês almoçaram hoje?"

— "Ninguém almoçou nesta casa.

Se houvéssemos almoçado, não serviríamos um jantar tão elaborado.

Está ficando com fome, não?"

— "Sim.

Também não almocei."

— "Mas você não perde por esperar.

Nosso jantar merece um pouco de sacrifício!"

— "Acabe com minha curiosidade, Frank!

Por favor, conte-me qual será o cardápio desta noite!"

— "A descrição do jantar só irá aguçar seu apetite.

Nosso jantar será servido 'à francesa', isto é, será uma refeição formal."

— "E eu vim com roupa de briga!"

— "Mas ninguém veio trajado para cumprimentar algum 'V.I.P.'!

Formal deve ser o jantar, não nossa vestimenta!

Posso continuar?"

— "Claro!"

— "Quando nos sentarmos, nos servirão pãezinhos feitos em nosso novo forno; são de queijo, mini-croissant, grissinis fininhos e mini-torradinhas."

— "Deixe aproveitar para lhe fazer uma pergunta:

Qual o motivo desses pãezinhos tortos serem chamados de 'croissants'?"

— "Eles tem o formato de uma 'crescente', entende?"

— "Simples, não?"

— "Bem, com os pãezinhos serão servidos alguns patês, além, é claro, de manteiga com e sem sal.

Tanto os patês, quanto a manteiga, são elaborados por nós."

— "Patês do quê?", perguntei interessado, pois adoro patê de fígado.

— "Fígado com pistache, fígado ao conhaque, queijo, hortelã, queijo à moda italiana, abacate, pepino, milho, aioli, queijo roquefort, homus com tahine, misto de queijos cheddar e gorgonzola.

São patês que não se encontram à venda.

A seguir, serão servidas as primeiras bebidas."

— "Vinhos?"

— "Coquetéis ou outros aperitivos."

— "E depois?"

— "Depois começa o jantar, propriamente dito.

Primeiro, será servido o 'potage', que consiste em duas sopas, uma rala e uma cremosa.

A primeira será um 'consomé de agrião', e a segunda uma 'sopa creme de queijo'.

Logo em seguida, virão à mesa, em 'raviers', os 'hors d'oeuvre'."

— "O que são esses tais 'raviers' e os 'hors d'oeuvre'?"

— "Os 'hors d'oeuvre' são tira-gostos, servidos logo após o 'potage', ficando na mesa até à hora da sobremesa.

'Raviers' são as bandejas especiais para se servir os 'hors d'oeuvre'.

Alguns minutos depois será servido um 'relevé', que é um prato importante, relevante, adequado a preparar-nos para o prato principal."

— "Esse 'relevé' é um prato quente ou frio?"

— "Quente.

Todos os pratos, em um jantar, são quentes.

Só as saladas, como acompanhamento, e as



sobremesas, podem escapar dessa regra.

O 'relevé' será cordeiro, servido em bifés, com molho de tamarindo."

— "Deve ser uma delícia!"

— "Sim, é maravilhoso!"

Após o 'relevé', seremos servidos com as entradas, 'entrées'.

Serão apresentadas quatro entradas:

Mousse de abacate, rins de carneiro sautés, rocambole de macarrão e espinafre e omelete com fígado de galinha."

— "Comeremos tudo isso?"

— "Serão pequenas porções."

Cada pessoa tem um paladar, portanto, haverá opção.

Assim, todos podem variar os sabores, sem empanturrar o estômago.

Eu, por exemplo, irei nos 'rins de carneiro'.

Após a degustação das entradas, virá o tão esperado prato principal, o 'rôti', nosso assado.

Escolhi uma receita magnífica:

Peito de pato marinado, assado, acompanhado de 'confit' de pato.

Os peitos de pato são, primeiramente, marinados em vinho tinto seco com especiarias; o 'confit' é um tradicional método de elaboração e conservação de carnes, que aplicamos às coxas e antecoxas de pato, cujo preparo leva cerca de uma semana. É uma maravilha da culinária francesa.

Esse prato será guarnecido com uma salada verde mista, composta de duas variedades de alface, romana e crespa, além de endívia, escarola, espinafre, agrião, pepino, pimentão verde, tudo misturado e temperado na

hora, com alho, segurelha, cerefólio, estragão, cebolinha, vinagre de vinho, suco de limão, mostarda francesa de Dijon, azeite puro de oliva, e sal refinado."

— "Mas que salada fabulosa!"

— "É feita com os vegetais cultivados aqui!", disse Frank, com notável orgulho.

— "E depois?"

— "Virão os 'entremets', entremeios, um 'panaché' de legumes, na manteiga.

É um misto de couve-flor, brócolis, ervilhas, ervilhas-tortas, espinafres, vagem macarrão bem fininha, cubinhos de batata, além de cenouras belgas, que são mais finas do que uma caneta esferográfica.

À parte, serão servidos aspargos, de duas variedades – branco e verde. Aspargos tenros, deliciosos. E figos frescos, simplesmente assados no forno, que criarão um fantástico e saboroso contraste.

A seguir, virão os 'entreméts sucrée', entremeios doces, que serão pudim de limão azedo, creme rosa e compotas de frutas – pêssgo ao conhaque, morangos, laranjas recheadas, cerejas e uvas ao vinho do Porto.

Finalmente, virá o 'dessert', sobremesa, exclusivamente frutas.

O jantar termina com um conhaque, acompanhado de 'petit-fours', tira-gostos adocicados.

Daí vem o café, depois os licores."

— "Mais de um licor?"

— "Serão apresentados diversos, mas só se deve tomar um.

Misturar licores não faz bem à digestão."

— "E o que beberemos durante a refeição?"

— "Vinho, é claro!"

— "Vinho?"

De que tipo?"

— "Vinho é um assunto sério.

Com o cardápio imaginado, consultei diversos amigos enólogos, para obter o melhor de minha ampla adega.

Com o 'potage', será servido um Xerez seco, velho e fino, da marca 'Laina'.

É um dos melhores vinhos desse tipo.

O mesmo 'Laina' acompanhará os 'hors d'oeuvre'.

Com o 'relevé', será servido o fabuloso 'Chateau Montflaubert', que é o melhor dos raros Champanha tintos e não-espumosos; é uma raridade.

Com as entradas, degustaremos um incrível 'Chateau Carbonieux Rouge', que é o melhor dos Bordeaux tintos.

É um 'Clarete', de gosto delicado e fino bouquet.

Sua coloração é vermelha, sendo claro e brilhante como um rubi.

Com nosso assado, saborearemos um 'Gran Vin Romanée Conti', o melhor dos borgonha tinto, muito raro.

Da 'Cotê de Nuits', é um vinho da classe dos aristocratas.

É o maior dos vinhos franceses!

Com os entremeios, experimentaremos um ótimo Tokay italiano, o 'Zamò e Palazzolo'. O Tokay, que se escreve Tokaji, é um vinho branco, típico da Hungria.

Admirado há séculos, é um vinho único, branco e doce, da cor de ouro velho, com um aroma magnífico de passa de damasco e mel.

É aveludado, envolvente, especial.

Há diversos Tokay húngaros, como os inesquecíveis Szamorodni, Furmint, Hárslevelü, Aszu e Eszencia. Os dois últimos são realmente os melhores, seguidos de perto pelo primeiro. O meu preferido é o Eszencia,

considerado, pelos experts, o 'néctar dos néctares'.

Mas o Tokay italiano, que saborearemos nesta noite, é de um sabor especialíssimo, que vale a pena experimentar.

Não fica nada a dever aos húngaros, além de ter características próprias.

É, sem dúvida, um vinho nobre.

Com os entremeios doces, seremos brindados com o melhor Sauterne não-espumoso, o 'Chateau Yquem'.

Ele é o 'Rei dos Sauternes'; um Bordeaux branco, que é, por sinal, o melhor vinho branco doce do mundo.

Com sua cor ouro-pálido, tem um sabor peculiar, seco e doce ao mesmo tempo, forte e delicado simultaneamente, mas não tão intenso como outros vinhos brancos menos nobres.

Sobre os fascinantes vinhos brancos de Bordeaux, Biarnez dizia:

'un rayon de soleil concentré dans un verre'.

Um raio de sol concentrado numa garrafa... Que bonito!

Eu concordo!

Com os 'dessert', sobremesas, seremos brindados com o melhor champanha da casa 'Möet & Chandon': o 'Don Pérignon'.

Esse Champanha, especialíssimo, é considerado o melhor elaborado na atualidade.

Que tal?"

— "Não entendo nada de vinhos, mas parece impressionante!

Só creio que ficarei bêbado bebendo tanto!"

— "Mas só se toma um, no máximo dois cálices de cada bebida.

Não beberemos; regaremos nosso alimento com a

mais perfeita das bebidas!"

— "Você gosta mesmo de vinhos, não é?"

— "Gostar de vinhos é obrigação de toda pessoa de bom gosto!

Não há um bom gourmet que não aprecie grandes vinhos.

Omar Khayyam, grande literato, foi o autor de versos maravilhosos sobre essa bebida igualmente soberba:

'É uma alma delicada, a do vinho!  
Oleiro, para esta alma tão fina,  
Fazei urnas de paredes macias.  
Cinzeladores de taças, arredondai-as  
com amor para que o vinho se sinta  
docemente acariciado na sua alma  
voluptuosa'.

Não é lindo?", perguntou-me um Frank entusiasmado, quase comovido.

— "Sim, é muito bonito.

Também aprecio a obra do autor de 'Rubaiyat', disse eu, tentando sair fora desse assunto tão complexo – enologia, o estudo dos vinhos.

Ou, para alguns, enolatria...

— "Qual foi o presente seu para a doutora Francis?", perguntei, curioso.

— "Dei três presentes a ela:

Uma C-280 todinha branca, por dentro e por fora, um 'Portable Office', escritório portátil, da 'Systems Resource Group', além de uma caneta-tinteiro da marca 'Namiki', modelo 'Yukari'."

— "O que é uma C-280?"

— "É um automóvel da marca Mercedes-Benz, um modelo compacto mas maravilhosamente bem acabado."

— "Que belo presente!

Mas o que são os outros dois?"

— "O 'Portable Office' é um novo conceito em 'escritório':

trata-se de um escritório portátil."

— "Algo como um tipo de canivete-suiço, que ao invés de lâminas possui canetas, lupa e outras coisas, não é?"

— "Não é bem isso..."

O equipamento de que falo é diferente.

Dentro de uma valise 'Zero Halliburton', em alumínio escovado, está instalado um computador portátil, com tela colorida de matriz ativa em cristal líquido, dotado de um 'chip' 486 de 66 Mhz.

À esse computador estão conectados diversos periféricos, como uma impressora laser colorida, um telefone celular, agenda eletrônica comandada pela voz, modem de alta-velocidade, fax com alta-resolução, drive de CD-ROM, scanner colorido de mão com resolução de quatrocentos pontos por polegada, câmera fotográfica digital, trackball e alarme contra roubos.

É uma verdadeira jóia da tecnologia!"

— "Concordo.

Você deu dois presentes fantásticos e valiosíssimos, e também uma simples caneta-tinteiro?"

— "Uma 'Namiki' não é uma simples caneta!

É uma obra de arte, elaborada, no Japão, pelos mesmos processos, desde o século VII.

Arte em laca, recobrando um instrumento de escrita com excepcionais qualidades.

Esse modelo, 'Yukari', é valioso e raro, com todas as suas partes metálicas em ouro 18 quilates.

Sua embalagem é em madeira oriental, de nobres características.

Creio que é tão fantástica quanto os outros dois presentes, apenas representando uma forma distinta de manifestação artística e tecnológica.

Afinal, você não pode assinar seu nome com um automóvel, nem viajar montado numa caneta!

Cada coisa com sua serventia."

— "Como sempre, você está certo, Frank."

— "Meu amigo, vou acompanhá-lo até o 'jardim de inverno'.

Depois, trocarei de roupa e retorno para o jantar."

Frank fez sinal para que eu passasse à sua frente.

Mal cheguei diante da porta de vidro daquela estrutura, no centro de um jardim ornamental, um porteiro abriu-a para que eu entrasse.

— "Fique à vontade, Beto.

Eu volto já!", disse Frank, tomando o rumo de sua casa.

Entrei, enquanto o porteiro fechava a porta.

Dentro do 'jardim de inverno', senti-me como se estivesse em outro mundo.

O contato com a natureza era total, tanto direto, com as plantas em vasos, quanto visual, com toda aquela maravilhosa paisagem do lado de fora.

Mas bom mesmo era que, lá dentro, a temperatura era agradável, amena. Um friosinho gostoso.

Bem depois da entrada o caminho era delineado por plantas em vasos, cada um mais lindo do que o outro.

Alguns metros à frente, um belo bar, todo em mármore negro, contrastando com o mármore branco do chão.

A estrutura dessa construção era toda em metal, pintada de branco, envidraçada do chão ao teto. Era como uma grande estufa, porém alta, larga e espaçosa.

Um maitre elegantemente trajado veio ao meu encontro, pedindo que eu o acompanhasse até o bar, para que me juntasse aos outros.

Eu o segui, por entre rosas, antúrios e tulipas.

Chegando ao bar, fui logo abordado por Virgínia, uma das filhas de Frank.

— "Olá, Beto!

Venha conhecer mais alguns amigos!", disse-me ela, animada.

— "Está bem, Virgínia", respondi, observando seu olhar interessado, daqueles que não nos deixam dúvidas sobre as intenções de quem os lança.

— "Amigos, este é o Beto, amigo de papai.

Este é o Maurício Rodrigues, nosso amigo de muitos anos."

— "Muito prazer, Beto!", disse aquele senhor moreno, bronzeado e de porte atlético.



— "Muito prazer!", respondi.

— "Beto, este é o Arsênio Hypolito Júnior, e esta é sua esposa, Zelinda.

Eles são os diretores do 'Imagick', um grupo de estudos mágicos avançados.

São ocultistas do mais elevado gabarito.

Tem um interesse em comum comigo e com você:

Raul Seixas, sua obra e filosofia.

Zelinda é, inclusive, autora de um livro sobre ele."

— "Muito prazer!", falou aquele simpático senhor, dono de um ar decididamente intelectual.

— "O prazer é meu!", disse.

— "Prazer em conhecê-lo!", cumprimentou-me sua sorridente esposa.

— "É um grande prazer conhecer admiradores da obra de Raul Seixas.

Virgínia, eu não sabia que você também gostava de Raul Seixas!"

— "Adoro!

Tenho todos os seus discos."

Mas que coisa interessante...

A garota, além de fã de Raul Seixas... Também é bem bonitinha!

Virgínia interrompeu meus pensamentos:

— "Este é o Antônio Rodrigues.

Toninho, este é Beto, amigo de papai."

— "Prazer", disse laconicamente aquele senhor magro, de sotaque e aparência nitidamente lusitanos.

— "Muito prazer!

Vi algumas das máquinas radiônicas de sua fabricação.

Fiquei muito impressionado!"

— "Eis meu cartão.

Quando quiser, apareça, que lhe mostrarei alguns de nossos produtos.

Orgulho-me de produzir esses equipamentos por aqui.

Além disso, produzo gráficos compensadores e emissores de ondas-de-forma, assim como apostilas sobre radiestesia e geobiologia.

Faça-me uma visita, quando quiser."

— "Irei sim.

Obrigado pelo convite."

— "Este é o Ademar, Beto", disse Virgínia.

— "Já o conheço, Ademar.

Está lembrado?"

— "É claro!

Na casa do Panisha!

Prazer em revê-lo!"

— "É bom vê-lo novamente!

Tem visto o Panisha?", perguntei-lhe.

— "Ele está ali"; Ademar apontou para um pequeno grupo, formado em torno de um imenso relógio 'cuco' do tamanho de um carrilhão.

— "Lá, perto do 'cuco'?"

— "Sim."

— "Vou lá!"

— "Você gosta de 'cucos', Beto?", perguntou-me Virgínia, puxando assunto.

— "Acho bonitos."

— "Esse 'cuco' é da marca 'Dold', todo feito artesanalmente, e é conhecido como 'relógio cuco musical do vovô'.

O som dele é muito bonito!", falou Virgínia.

— "Mais bonito do que sua voz?

Duvido..."

Quem diria... Eu, fazendo galanteios...

— "Olá, Panisha!

Há quanto tempo!"

— "Oh!

Prazer em revê-lo!"

Panisha não mudara nada nesses anos.

Continuava rijo, corado e sorridente.

Ele era o centro do grupo formado pelos familiares de Frank e pelo Flávio.

Perguntei ao médico e ufólogo:

— "Aonde estão seus filhos, Flávio?"

— "Já jantaram, junto com os netos do Frank.

Agora estão todos no 'home theater' do Frank, assistindo uma 'sessão' com dois desenhos animados clássicos: 'Mowgli, o menino lobo' e 'Fantasia', ambos dos estúdios Walt Disney.

Não sentem a menor falta de nossa companhia!"

Panisha dissertava sobre a filosofia que embasa 'seu' sistema de astrologia.

Ele era o centro das atenções, e eu resolvi ficar calado, escutando o que esse homem brilhante dizia.

Mas, fomos interrompidos pela entrada de Frank e Francis.

Ambos estavam vestidos informalmente, mas de forma muito elegante.

Não entendo muito de roupas, mas os sapatos de Frank, mocassins da marca 'Bally', da Suíça, eu conheço. Isso é que é bom gosto!

— "Parabéns p'rá você, nesta data querida..."

Começaram a cantar o 'parabéns' assim que Francis entrou no 'jardim de inverno'.

— "Obrigada, obrigada!", Francis dizia, alegre e comovida.

— "Vamos jantar, meus amigos!

Hoje, festejaremos a vida, nossa amizade, e o aniversário desta grande mulher!", disse Frank, com alegria.

O maitre conduziu-nos, todos, aos nossos lugares.

Frank sentado numa das cabeceiras da mesa; Francis sentou-se na outra.

Sentei-me, ladeado por Flávio e Virgínia, tendo Panisha à minha frente.

Os pratos, copos e talheres, todos belíssimos, já estavam colocados à nossa frente.

Esses pratos... Eu já vira igual num antiquário famoso...

Eram 'Nevada Sol', de 'J. & G. Meakin', ingleses.

Pratos com o centro branco, as bordas em diversos tons de rosa, com delicados filetes de ouro.

Deviam ter bem mais de cem anos!

Que beleza!

A toalha, branca, de um linho legítimo, adamascado, ressaltava o belo serviço de mesa, a coberta.

No centro da mesa, um artístico arranjo de flores.

Eram anêmonas, colocadas flutuando dentro de uma enorme taça de cristal, incolor e reluzente.

Anêmonas cor-de-rosa, anêmonas violeta, anêmonas beges, entremeadas por pequenos buquês de 'Viburnum tinus'.

Ladeando esse arranjo genial, dois belíssimos candelabros de prata e cristal, cada um com sua vela branca, torcida, tal qual se fora trabalhada por um torneiro caprichoso.

Os candelabros, em prata maciça e cristal, eram finamente trabalhados, embora demonstrando leveza em suas linhas, mostrando serem fruto do trabalho de

artefícios geniais.

Distanciados desse arranjo central, colocados de forma diametralmente oposta, dois outros arranjos idênticos, mas de menores dimensões, completavam o enfeite da mesa.

Bem à minha frente havia um prato raso tendo, sobre o mesmo, um guardanapo, em tecido idêntico ao da toalha, dobrado com simplicidade.

À direita desse prato, uma faca, de dimensões normais, com o fio cortante virado para o prato.

À direita dessa faca, uma colher das de sopa.

Curiosamente, ela estava colocada apoiada sobre um porta-talheres, com sua parte côncava para baixo.

À esquerda do prato, um garfo comum.

De comum, aliás, esse faqueiro não tinha nada, pois os talheres eram de prata finíssima, apurados, de aparência clássica e maciça.

Mais à esquerda desse garfo, um outro garfo.

Não era, certamente, um garfo para peixes, pois era idêntico ao outro.

À frente do prato, dispostos horizontalmente, três talheres:

primeiro, um garfo pequeno, com a ponta virada para a direita; acima dele, uma colher de tamanho similar, mas com a ponta na direção oposta. Essa colher também estava apoiada num porta-talheres, tendo sua parte côncava voltada para baixo.

Sobre os dois primeiros, uma faca pequena, com o gume cortante voltado em direção do prato, apontando para a esquerda, como a colher.

À esquerda desses pequenos talheres, nitidamente de sobremesa, havia uma manteigueira individual, contendo duas 'conchas' de manteiga – provavelmente,

uma com sal, outra sem –, com uma pequenina faca sobre o mesmo. Deve ser a faquinha para passar manteiga no pão, pensei.

À direita daqueles talheres de sobremesa, um copo de cristal incolor, muito brilhante, dotado de razoável capacidade.

Bem ao seu lado direito, havia um copo, com pé, do mesmo fino cristal do copo anterior.

Mais à sua direita um outro copo, quase idêntico ao anterior, somente ligeiramente menor.

À direita desse, mais um copo, com pé, também, mas bem menor.

Terminando essa fila de copos, um bem pequenino, que identifiquei como sendo para licor, seguindo o mesmo estilo e confeccionado com o mesmo material dos outros.

Acima deles, uma taça típica das de champanha, rasa e larga, do mesmo material dos copos.

Barbaridade, como é que eu vou fazer para utilizar todas essas 'tralhas', sem cometer nenhuma gafe?

Eu quase nunca bebo; só tomo alguma coisa raramente, em alguma festa... Sei não, acho que vou ficar bêbado...

Como agir? Quanto deverei tomar da cada bebida?

Já sei, vou observar a Virgínia.

Afinal, assim, unirei o útil ao agradável...

— "Que aperitivo o senhor deseja?", perguntou-me um garçom.

— "Tem suco de tomates?"

— "Tudo o que o senhor desejar!"

— "Suco de tomates temperado, com duas pedrinhas de gelo."

— "Sim senhor", disse o garçom.

— "O que você vai tomar, Virgínia?"

— "Um 'Bloody Mary'."

— "Legal."

— "E você, Flávio?"

— "Um 'Daiquiri'."

— "E você, Panisha?"

— "Não bebo álcool, nunca."

Vou tomar um suco de laranjas, natural."

À esquerda de Panisha, Maurício Rodrigues havia pedido um 'Whiskey Cowboy', 'Chivas Regal'.

Como será esse tal?

Imaginei um copo com chapéu de abas largas...

Nossos aperitivos chegaram

O do Maurício Rodrigues, que decepção, era só um copo de Whiskey sem gelo...

O tal 'Bloody Mary', de Virgínia, era tão somente um suco de tomates com a adição de alguma bebida alcoólica. Wódka, se não me engano.

Meu suco de tomates veio num copo baixo e largo, enfeitado com um talinho de salsa.

Humm, está muito bom, pensei.

Enquanto eu me distraía com a chegada dos coquetéis, eram colocadas várias porções de patês, os mais variados. Cada uma dessas porções eram servidas sobre uma folha de alface lisa, bem verdinha e livre de manchas ou imperfeições.

Junto, os pãezinhos.

Foi colocado, ao lado de cada manteigueira, um pratinho para os pães, sendo dispostos, sobre o mesmo, um pequeno 'croissant', quatro 'grissinis' bem fininhos, quatro pequeninas torradas de formato quadrado, além de um pãozinho de queijo, fumegante.

Atenção, Beto.

É hora de observar os outros, para não fazer uma 'batatada'...

Como o espaço entre cada um de nós era de mais de meio metro, dava para ver bem o que os outros faziam.

Estavam todos aguardando.

Mas, aguardando o quê?

Ah, o Frank estava sendo o último a ser servido.

Deviam estar esperando o nosso anfitrião ser servido, para começarmos todos a comer.

Curioso, a primeira pessoa a ser servida foi Francis, depois dela, todas as mulheres, daí os homens, e o dono da casa por último.

Apesar de Francis estar ladeada pelos dois filhos, e Frank pelas duas noras, não havia outro sinal de 'ordem' nessa mesa.

Apesar de não haverem esses sinais, sentia que tudo ali havia sido estudado com minúcias.

Talvez até o fato de me terem colocado ao lado de Virgínia...

Interessante essa tal de 'etiqueta'.

Gente fina é outra coisa, pensei.



Após degustarmos deliciosos pãezinhos com os mais variados patês e a manteiga fresquinha, acompanhados de excelente aperitivo, serviram-nos o consommé de agrião, que veio servido numa daquelas xícaras enormes, de duas asas, uma de cada lado.

Pelo meu lado direito, o garçom colocou essa sopa rala sobre o meu prato.

Apesar de ralinha, era uma sopa de belo colorido.

Da cor do Sol no fim da tarde, era de um tom alaranjado forte, enfeitada com algumas folhas de agrião, flutuando em sua superfície.

Com um sabor pronunciado de agrião, o consommé estava bem quente.

Saboroso.

O jantar havia começado bem!

Quase que simultaneamente, fomos servidos com o vinho 'Xerez Laina', num dos muitos copos.

Que vinho perfumado!

Assim que todos terminaram o consommé de agrião, uma sopa cremosa foi servida num prato fundo.

Sopa creme de queijo.

Sua cor, amarelo-ouro, lembrava mesmo aqueles queijos saborosos.

Em sua superfície, boiavam alguns croutons cobertos com salsinha picada.

Apetitosa, com um gosto que lembrava o queijo Camembert e coalhada fresca. Uma sopa amanteigada. Fabulosa!

Nossos copos foram, uma vez mais, completados com o 'Laina'.

Fiquei fã desse vinho!

Assim que tomamos esse prato de sopa cremosa,

foram servidos os 'hors d'oeuvre', em bandejas diferentes: as tais de 'rapiers'.

São iguarias como tâmaras frescas recheadas com gengibre, figos secos recheados com queijo Camembert, ameixas recheadas com nozes, triângulos de queijo Camembert fritos e cobertos com sementes de gergelim, biscoitinhos assados de queijos Roquefort e Cheddar seco também salpicados com sementes de gergelim, bolinhos fritos de ricota, rolinhos fritos de filé de peito de frango sem pele com alho-poró.

Provei ao menos um de cada. Inolvidáveis, para dizer o mínimo.

Nossos copos eram, ininterruptamente, mantidos cheios com esse marcante 'Lain'.

Nesse momento, passou uma idéia pela minha cabeça:

Frank havia me revelado o segredo da Eucaristia...

E se começasse agora meus 'trabalhos mágicos'?

Preciso de 'sucesso'.

Sim, vou impregnar todo o vinho que me for servido com esse desejo – 'sucesso'!

Comecei meu trabalho.

Segurei o copo com a minha mão direita, olhando fixamente o vinho em seu interior.

Com o pensamento, permeei o líquido com meu desejo – 'sucesso'!

O vinho, uma bebida viva, passou a ser a encarnação do 'sucesso', especialmente para mim.

Consumi o vinho desse copo, lentamente, concentrado no meu desejo.

Incrível, seu gosto estava diferente.

Para melhor.

Assim que terminei essa dose de vinho, recoloquei

meu copo sobre a mesa.

Vi que Frank me observava, atentamente.

Será que me precipitei?

Qual a reação de Frank à minha ousadia?

Bem, agora, o negócio é ir em frente.

Se ele não aprovar, terá de me dizer.

O garçom encheu, novamente, meu copo.

Ora, já comecei, então vou em frente!

Repetí, passo a passo, o que havia feito com a dose anterior de vinho.

Procurei não me deixar perturbar por Frank, desejando não imaginar o que se passava em sua mente.

O vinho parecia, cada vez, mais saboroso.

Era como se eu estivesse absorvendo algo que havia sido elaborado especialmente para mim.

Após alguns minutos, chegaram os 'relevé'.

Eram delicados bifes de cordeiro, fatiados, tostados por fora e levemente rosados por dentro, com um especial molho de tamarindos, guarnecidos por fatias de laranja e finíssimas tirinhas da mesma fruta.

Em cada prato, um enfeite – uma 'rosa', elaborada com gengibre, creio.

Esplendoroso!

Ao mesmo tempo, serviram nossas taças com o tal 'Chateau Montflaubert'.

Tinto e não-espumoso mas, ainda assim, com gosto de Champanha.

Repetí, com esse Champanha peculiar, o 'ritual' da Eucaristia.

Foram, também, servidas as entradas, 'entrée'.

Optei pelos 'rins de carneiro sautés', fritos na manteiga e perfumados com vinho Marsala, seguindo a sugestão de Frank. Boa escolha. Uma delicadeza, esse

prato!

Panisha preferiu o 'mousse de abacate', assim como Flávio e Virgínia.

Maurício Rodrigues acompanhou minha sugestão.

A aniversariante preferiu o macarrão, o prato menos solicitado.

Arsênio optou pelo omelete, assim como Jamil e Marcia.

Veio, então, o 'Chateau Carbonnieux Rouge'.

Desta feita, noutro copo.

Que complicada essa tal de 'etiqueta', pensei.

Novamente fiz minha 'Magia'.

Sentia-me cada vez mais confiante.

A insegurança já não mais habitava meu ser.

Um milagre!

Sim, decididamente, um milagre.

Ou seria somente efeito do vinho?

Melhor que não...

Intrigante; após comermos o 'relevé', o prato foi trocado para que comessemos o 'entrée'.

Após saborearmos essas iguarias sem par, novamente retiraram nossos pratos...

Puxa, quanta frescura!

E que trabalho deve dar para lavar toda a louça!

O grande momento do jantar havia chegado:

Era hora do 'rôti', do assado, o tal 'peito de pato marinado e confit de coxa e sobrecoxa de pato'.

Que coisa linda!

Que aroma!

Fatias grossas, bastante tostadas por fora, claramente róseas dentro, abertas como um leque quando montadas no prato.

O 'confit' é algo deliciosamente saboroso, assim como o peito fatiado.

No prato, duas vagens de ervilha, preparadas na manteiga; um pouco de cenouras, raladas e carameladas. E um figo, assado no forno, partido em dois. Uma festa para os olhos!

Para acompanhar esse prato, que é uma festa por si só, foi temperada e servida, na hora, uma salada preparada com todos os verdes, representados por folhas tenras e mimosas.

Temperada com especiarias raras, seu gosto era acentuadamente de alho.

Ainda assim, muito agradável.

Após servida no prato, outro garçom vinha, munido de uma garrafa de 'aceto balsamico', pingando algumas poucas gotas por sobre a salada.

Manjar dos Deuses!

E o vinho?

Estávamos sendo servidos com o ansiosamente aguardado 'Gran Vin Romanée Conti'.

Alguns dos presentes diziam ser esse o 'melhor vinho do mundo'!

Bem, se é assim, infundirei nele meu desejo, para

comungar do sucesso 'dele'.

Além de ser um vinho realmente especialíssimo, meu desejo estava, também, fortalecido.

Ao consumir tão nobre vinho, encarnando meu desejo de 'sucesso', entrei quase que em 'estado de graça'!

Como me sinto bem, assim!

Há quanto tempo não me sentia assim – imagem e semelhança do Criador!

Todos nos deliciamos com esse par sem igual de maravilhas da boa mesa – a comida e a bebida, especiais!

Assim que nos saciamos com nosso assado, nossos pratos foram substituídos por outros, levemente menores.

Hora dos 'entreméts'.

Chegou o 'panaché' de legumes.

Legumes na manteiga.

Mas, que delícia!

Desta vez, resolvi impregnar também minha comida com meu desejo.

Fixei meus olhos em cada vegetal que estava em meu prato.

Olhei com firmeza cada ervilha, cada cubinho de batata.

Nada escapou de minha observação.

Fiz o mesmo que estava fazendo com todas as bebidas.

Assim que terminei essa impregnação, veio o tal vinho Tokaji italiano: 'Zamò e Palazzolo'.

Vou impregnar o vinho, também.

Não vou mais dar bobeira.

Aproveitarei todas as oportunidades para mudar

minha vida, resgatar minh'alma do abismo.

Repetí o ritual com o vinho.

Fui, então, comendo e bebendo, comungando, com a comida e a bebida, o sucesso que tanto desejava e procurava.



Todos elogiaram o vinho Tokaji italiano, comparando-o aos melhores vinhos Húngaros desse tipo.

Foram retirados os pratos e os copos usados, ficando somente um copo limpo.

Foi colocada uma nova taça de Champanha, bem como um prato de sobremesa.

Os 'hors d'oeuvre' que sobraram foram retirados da mesa.

Chegou a hora dos 'entremêts sucrée'.

Eu preferí o pudim de limão azedo.

Flávio, Virgínia e Panisha quiseram compotas; só Frank pediu o mesmo que eu.

O pudinzinho era lindo, branquinho, banhado com uma calda translúcida, dourada, de limão.

No prato, enfeitando esse doce tão bonitinho, uma finíssima rodela de limão, torcida.

O vinho, servido no copo que sobrara, era o 'Chateau Yquem'.

Realizei meu trabalho de impregnação, tanto na bebida como na comida.

Consumí corpo e espírito dessas duas expressões magníficas da gastronomia.

Sentia-me forte, reconstituído.

Finda essa etapa, pratos trocados para o 'dessert', sobremesa.

Só frutas para a sobremesa:

Kiwí, lichia, manga-Aden, figo-da-Índia, nectarina, figo e caqui-chocolate.

Escolhi o tal 'figo da Índia', pois nunca tinha provado tal fruta.

O garçom descascou-a, colocando-a num pratinho, que veio para substituir o meu.

Puxa, pensei, p'rá que tirar um prato limpo?

Frescura, com certeza...

Após ter sido servido com essa frutinha, de casca verde e interior dourado, encheram minha taça com o tal 'melhor Champanha do mundo':

'Don Pérignon'.

Lá vou eu, de novo, infundindo meu desejo no que consumirei.

Fiz tudo como da primeira vez, mas estava ficando cada vez mais fácil.

Fruta deliciosa; Champanha soberba.

Após a sobremesa, todos os copos foram retirados, assim como as taças, os pratos e os talheres.

Foram servidos, em pratos de prata colocados à frente de cada dois convidados, os 'petit-fours', docinhos pequeninos e delicados.

Eram folhas de hortelã e tirinhas de cascas de laranja cobertas com chocolate, pedacinhos de casca de grapefruit cristalizadas, trufas de gengibre e laranja, trufas brancas, palitos de avelãs, minúsculos docinhos de côco, waffers de gengibre e de pistache, orelhinhas minúsculas de massa folhada, além de frutas carameladas – morangos, uvas, cerejas, uvas, gomos de mandarina, nozes.

Para acompanhar, Conhaque 'Remy Martin'.

Novamente, vou impregnar, com meu desejo de sucesso, tudo quanto for consumir.

Forte esse Conhaque!

Mas, muito bom.

Ah! Que docinhos!

Adorei os waffers de gengibre.

Bem que poderiam sobrar alguns, para que eu pudesse levar aos meus pais... Eles não iriam acreditar!

Aliás, eles não vão acreditar quando eu lhes contar sobre o jantar!

Assim que terminamos o Conhaque, um aromático café foi trazido.

Café à moda árabe, com certeza.

Forte, aromático.

Junto de cada xícara havia um pratinho com 4 torrões de açúcar.

Será que devo impregnar o café com meu desejo?

Olhei para Frank, que me acenou com a cabeça, como a dizer que 'sim'.

Fui em frente, 'tratando' do café da mesma maneira que fizera com as outras bebidas no jantar.

Após o café, um garçom um carrinho repleto de garrafas de licor.

Bénédictine, Drambuie, Grand Marnier, Peach Tree, Creme de Menta, Frangelico, Mandarinetto, Cheri-Suisse, e vários outros.

'Peach tree – Árvore de Pêssego' – esse deve ser bom, pensei.

— "Peach Tree, por favor", eu pedi.

— "Pois não, doutor."

Com o licor no copinho menor que ficara na mesa, resolvi realizar, uma vez mais, meu 'trabalho'.

Que licor delicioso!

Bem, terminei.

Terminei meu primeiro 'trabalho mágico' em minha nova fase.

Espero alcançar meus intentos.

Assim que todos terminamos o jantar, alguns dos convidados resolveram que já era hora de se despedirem.

O primeiro foi Panisha.

Assim que manifestou sua intenção, Ademar disse que iria levá-lo.

Flávio disse que também precisava ir, pois tinha compromissos no dia seguinte.

Afinal, já eram quase onze e meia da noite.

Frank insistiu para que ficassem mais um pouco, para que todos pudessem conversar mais alguns minutos.

Todos nos levantamos, dirigindo-nos para um grupo de muitas cadeiras, em meio a arranjos belíssimos de plantas com um colorido notável.

Todos sentaram-se nessas cadeiras de ferro, pintadas de branco, formando um magnífico contraste com o mármore negro do chão e com o colorido das flores.

— "Amigos, estou desenvolvendo um projeto inovador, que desejo mostrar a todos", disse Frank, com um brilho nos olhos.

Herbert, seu secretário, trouxe uma caixa de madeira de lei, extremamente polida, com as partes metálicas em prata, muito trabalhada. Objeto antigo, com certeza.

— "Esta é a primeira arma de defesa não letal, porém eficiente.

Na verdade, é muito mais eficiente que qualquer arma portátil."

Todos, creio, ficaram espantados com as afirmações de Frank.

Afinal, Frank não era o tipo de pessoa capaz de se preocupar com um assunto desses.

— "Como funciona, Frank?", perguntou Flávio.

— "Sua alimentação é feita por meio de baterias recarregáveis.

Ao premer-se o gatilho, atinge-se o agressor com um choque de ondas sônicas, ao mesmo tempo em que se projeta sobre o indivíduo uma poderosa luz.

Outra versão conjuga os dois princípios anteriores com a projeção de um agente químico agressivo.

Eu financiei esse projeto, de um amigo.

Foram construídos cerca de uma dúzia de protótipos, em versões e de dimensões variadas.

Na próxima semana, poderei demonstrar-lhes como essas armas funcionam."

— "Mas, para que mais uma arma no mundo, Frank?

Não bastam os revólveres e pistolas que tantos males causam?

Quantos inocentes mortos e feridos, gente aleijada, cega, inutilizada, tanta desgraça!", disse Panisha.

— "Meu estimado colega e amigo, esta arma é a solução para esse problema!

Nunca mais alguém precisará de um objeto tão perigoso como uma arma convencional, de fogo ou de outro tipo, letal, para se defender!

Com esta arma, qualquer pessoa poderá neutralizar, instantânea e imediatamente, um atacante, homem ou fera.

Instantaneamente, é algo que com arma convencional alguma se consegue.

Mas, muito importante:

seus efeitos, embora terríveis, são passageiros, não deixando seqüelas.

Eu acredito, firmemente, no direito de nos defendermos contra qualquer agressão.

Também não creio que qualquer ferramenta,

inclusive uma arma, seja responsável por qualquer mal; revólveres, pistolas ou facas não são capazes de causar mal algum por conta própria.

São as pessoas que causam esses males.

Hoje há uma tendência, em alguns países, para banir determinado tipo de armas, quiçá todas – isso, para mim, é pura balela!

É como proibir que tenhamos carros, pois pessoas são atropeladas por esse tipo de veículo!

Não posso admitir uma sociedade livre, sem que seus cidadãos tenham o direito de se defenderem, inclusive com o uso de armas de qualquer tipo.

Num Estado aonde só o governo tenha acesso às armas, têm-se um Estado Policial!

Como podem pretensos democratas proporem o banimento das armas das mãos de cidadãos comuns?

Portanto, creio que todos temos o direito e o dever de nos defendermos, bem como aos nossos entes queridos e aos nossos bens.

Aliás, a própria Igreja Católica têm esse mesmo ponto de vista, divulgado durante o ano de 1994.

Portanto, ter um meio de se defender, não representa estar predisposto a cometer atos violentos; muito ao contrário, aliás, pois mostra a disposição firme de impedir que a violência se perpetue!

Assim, só nos resta estar preparados para evitar que atos violentos sejam perpetrados contra nós, de qualquer maneira!

E, se o único meio de se conseguir isso é estando armado, que seja assim!

Mas, com esta arma, o indivíduo poderá até errar no seu julgamento. E pedir desculpas, depois, à uma vítima atordoada, porém viva e saudável.

Imagine quanto mal poderá ser evitado no mundo todo!"

— "Mas, funciona mesmo, Frank?", indagou Flávio.

— "Muito mais do que imagina, querido colega.

Além disso, estão sendo desenvolvidos modelos que dão um choque elétrico à distância, sem o contato da arma com o sujeito.

Armas capazes de narcotizar de chofre, fazendo até a maior das bestas adormecer prontamente.

Muitas idéias magníficas foram captadas por esse meu amigo, que recebeu, certamente, inspiração Divina em suas invenções."

— "Quem é ele, Frank?", perguntou Zelinda.

— "Vocês vão conhecê-lo, muito em breve.

O Beto já o conhece."

— "Eu conheço, Frank?"

— "Sim, conhece, mas não vê há algum tempo."

— "Quem é?"

— "Você vai saber em alguns dias!"

Quanto mistério!

Mas que essas armas são uma grande invenção, isso é verdade.

Todos manusearam os protótipos das armas, conversando muito sobre esse interessante conceito.

Já era quase uma da madrugada quando Panisha levantou-se, dizendo que, apesar da conversa estar ótima, desejava ir para sua casa.

Ele havia se levantado, como todos os dias, às cinco horas da manhã e, a essa hora, já deveria estar dormindo.

Frank concordou, lamentando que o amigo não pudesse ficar mais tempo.

Ademar levaria Panisha à sua casa, rumando, posteriormente, para a própria residência.

— "Frank, vou deixar os meus filhos dormirem aqui hoje.

Amanhã à noite virei buscá-los", disse Flávio.

— "Será um prazer hospedá-los, Flávio!

Meus netinhos gostam muito de seus filhos."

— "Antônio, quer carona?", perguntou Flávio ao Antônio Rodrigues.

— "Eu aceito.

Muito obrigado."

— "Maurício, meu motorista vai levá-lo à sua casa", disse Frank ao Maurício Rodrigues.

— "Muito obrigado, Frank!"

Dancei!

Se o motorista vai levar o Maurício Rodrigues, como é que eu vou sair deste fim-de-mundo?

Acho que o negócio é ver se consigo uma carona com o Arsênio e a Zelinda – eles também gostam de Raul Seixas, quem sabe a gente vai conversando sobre o assunto no caminho...



— "Vou mandar levá-lo também, Beto, quando você desejar ir!"

Frank interrompeu meus pensamentos.

Será que ele os estava lendo?

É bem provável!

— "Eu vou agora, Frank", disse.

— "Está bem, meu amigo.

Herbert vai acompanhá-lo até o carro.

Aguardo sua visita no próximo sábado, às quinze horas.

De acordo?"

— "Certamente!

Estarei aqui no próximo sábado.

Adeus!"

— "Adeus!", disse ele, despedindo-se.

Despedi-me de todos, dando, mais uma vez, meus parabéns à Francis.

Ela agradeceu minha presença, dizendo que deseja ver-me novamente em sua casa.

Todos foram muito gentis comigo.

Creio que fiz novos amigos.

Herbert me acompanhou até o carro, um Opala Diplomata, cinza-chumbo, de quatro portas.

O motorista abriu a porta de trás para que eu entrasse.

Entrei e ele fechou a porta.

Abrí o vidro, com comando elétrico, e despedi-me de Herbert.

— "Doutor, há uma caixinha no banco, ao seu lado.

Nela tem alguns 'petit-fours' para os senhores seus pais.

Tenha uma boa noite!"

— "Muito obrigado, Herbert!"

Boa noite!"

Levantei o vidro, acomodando-me no banco.

O motorista deu a partida no carro, dizendo:

— "Podemos ir, doutor?"

— "Sim.

O senhor conhece o bairro de..."

Sem me deixar terminar, o motorista foi logo dizendo:

— "Sei o endereço e o trajeto, doutor.

Meu patrão já me deu todas as instruções."

— "Se é assim, vamos embora, então!"

Saímos pelo mesmo portão da entrada.

Fora da residência de Frank, o lugar era lúgubre.

A noite estava escura como breu.

Tenebrosa.

O motorista perguntou se eu gostava de música.

— "Sim, de qualquer tipo", respondi.

Ele colocou uma fita K-7 dentro do toca-fitas.

Era uma gravação de músicas de Verdi.

Resolvi relaxar e curtir a música, já que o motorista não era de muito papo.

Enquanto isso, os últimos convivas retiravam-se da festa.

Os filhos, as noras, as filhas e o genro de Frank ficaram, ainda, conversando por mais alguns minutos.

Um a um, foram todos se levantando, expressando o desejo de se recolherem.

No final, ficaram somente Frank, Francis e Virgínia, que ainda morava na mesma casa dos pais.

— "O Beto é muito simpático, Papai!

Posso convidá-lo para alguma coisa?", perguntou Virgínia.

— "Filha, você já tem idade para escolher o que deseja.

Faça o que achar bom.

Afinal, Beto é um bom rapaz."

Virgínia sorriu.

Deu um beijo na mãe e outro no pai.

— "Bem, eu vou dormir", disse Virgínia.

Ela caminhou para fora do 'jardim de inverno', não sem antes, sorrindo, dar uma olhada para os pais.

Frank olhou para Francis e disse:

— "Querida, acho que Virgínia encontrou quem ela procurava."

— "Espero que sim.

Será um sossego para nós se ela se der bem com seu amigo."

Frank se levantou, apanhando uma garrafa de 'Don Pérignon'.

Pegou, também duas taças, dando uma delas à Francis.

— "Vamos?", perguntou Frank.

— "Vamos!", respondeu Francis.

Saíram, ambos, de braços dados, pela porta do 'jardim de inverno'.

Caminharam rumo à alameda que os levaria de volta ao 'lar'.

Numa propriedade tão grande, as pessoas só se sentem em casa quando estão dentro de seus aposentos.

Enquanto caminhavam, Frank abriu o Champanha, enchendo sua taça e a de Francis.

Chegando em casa, Frank abriu a porta para que Francis entrasse.

Ela entrou, acendeu a luz do corredor e subiu a escada.

Frank foi até seu escritório.

Lá, ligou os circuitos de alarme.

Pelo interfone, falou com um dos seguranças, confirmando que estava tudo certo.

Mandou, então, que soltassem os cães.

Saiu do escritório, apagou a luz e dirigiu-se ao seu dormitório.

Francis já estava deitada.

— "Querido, eu estou com muito sono.

Acho que bebi um pouco demais; devo ter passado da conta!

Obrigada pela noite maravilhosa que você me proporcionou!"

— "Obrigado você, pela vida maravilhosa que tem me proporcionado!"

Frank trocou-se, colocando um pijama comprido, em flanela.

No quarto do casal, uma televisão Mitsubishi de setenta polegadas.

Frank inseriu uma fita de vídeo no vídeo-cassete.

'Napoleon', de Abel Gance, filme francês da década de 1920.

Frank apanhou o controle remoto, deitando-se a seguir.

O frio estava forte, levando-o a cobrir-se logo.

Francis estava acordada, porém sonolenta.

Ele ligou o vídeo, aconchegando-se no leito.

Enquanto a fita avançava até o início do filme, Frank pensava nos acontecimentos relacionados com Beto.

Questionava-se com respeito à sua maneira de agir.

Estaria atuando de forma adequada?

Nesse momento, uma luz intensa brilhou sobre a tela da TV, eclipsando-a.

Frank despertou de seus pensamentos.

Da luz branca, brotou a imagem de uma Inteligência extremamente poderosa, da Esfera Planetária da Terra.

Era ASCHMUNADAI, verdadeiro monarca da Esfera.

— "Frank, Urgaia está muito satisfeito com seu trabalho.

A Providência Divina, manifestada naquele Mestre dos Iluminados, manda dizer-lhe que continue da maneira como vem agindo.

Possa, a Providência Divina, cobrí-lo, cada vez mais, com o Manto da Elevação Espiritual!"

A poderosa Inteligência sumiu, rapidamente.

Não é comum uma Entidade de tal importância e envergadura de poder manifestar-se neste planeta, fisicamente.

Frank ficou surpreso e satisfeito com tal deferência, extremamente singular.

Olhou para o lado e percebeu que Francis nada vira.

O filme estava começando.

Frank, contente, relaxou e se acomodou na cama.

Seu trabalho estava sendo observado e assistido pelo  
que de mais elevado pudesse existir no Universo.

O carro que transportava Beto acabara de dobrar a esquina da quadra de sua residência.

Mais alguns metros e chegaram em sua residência.

O carro parou bem na porta.

O motorista saltou do carro, dando a volta para abrir a porta, a fim de que Beto descesse.

Beto apanhou a caixa com os docinhos, saindo do carro.

Pegou alguns trocados para dar ao motorista; este sorriu, mas não aceitou.

Agradeceu a gentileza, dizendo que iria esperar Beto entrar em sua moradia.

Beto despediu-se do motorista, entrando pelo jardim.

Abriu a porta de casa, acenando para o motorista que, rapidamente, deixou o local.

Beto trancou a porta, fazendo o mínimo possível de barulho.

A essa hora, seus pais já estariam, certamente, dormindo.

Foi até a cozinha, para verificar qual o tipo de docinhos que Frank havia mandado, visando saber se esses deveriam ser colocados em geladeira para se conservarem.

Abriu a caixa e verificou que, na parte de dentro da tampa, havia um envelope, grudado na tampa com fita adesiva.

Destacou o envelope da caixa, retirando a fita adesiva, deitando-a fora.

No envelope estava escrito:

'PARA O BETO – DO FRANK'

Beto abriu o envelope, retirando dele um cartão de

dimensões aproximadas de um cartão postal.

Nele estava manuscrita uma mensagem:

'Beto, cada Mestre recorre a determinado ritual iniciático.

Eu faço uso de jantares, como o de hoje.

Parabéns, você foi aceito.

Seja bem vindo!'

Estava assinado 'Frank Kaiser'.

No anverso desse cartão, havia a ilustração de um Arcano do Tarô – o Quarto Arcano, o Imperador.

Ao redor da figura da carta, que era uma linda ilustração em estilo parecido com o dos vitrais das igrejas, o nome desse Arcano estava inscrito, em quatro idiomas:

inglês, francês, italiano e alemão.

À saber: Emperor, Empereur, Imperatore, Kaiser.

Kaiser.

KAISER.

KAISER... O IMPERADOR! O QUARTO ARCANO!

Por isso, Frank havia dito chamar-se Frank KAISER!

Kaiser é Imperador, em alemão!

Frank é O Imperador!

Ele é a encarnação do Arcano IV do Tarô!

Beto ficou atônito ao se dar conta de que tantas coisas pequenas e aparentemente sem importância se encaixavam com tal perfeição.

Fechou a caixinha, colocando-a na geladeira, sem nem mesmo ter visto quais docinhos haviam vindo.

Foi, em silêncio, para seu quarto.

Leu, uma vez mais, a mensagem contida no cartão.

Finalmente, havia encontrado o caminho.

Nessa noite Beto poderia dormir tranquilo.



Já deitado e enrolado nas cobertas, Beto deu-se conta de que, de alguma forma, seu 'trabalho' de impregnação de desejo em alimentos, a 'Eucaristia', estava funcionando.

Daqui para frente, pensou: só sucesso.

O passado é página virada.

O que Beto não via, nem percebia, era que estava sendo observado pela mesma poderosa Entidade que fizera contato com Frank.

Sim, os desejos de Beto se tornariam realidade.

Num dia longínquo, Beto desejara tornar-se um Grande Iniciado.

O caminho a percorrer ainda seria longo, mas o destino já estava traçado:

Beto será um Grande Iniciado.

Escolhera seu destino, e o destino o escolhera.

## **FIM DA PRIMEIRA PARTE**

# **SEGUNDA PARTE**

Beto quase não dormiu naquela noite.

Estava tão agitado com os acontecimentos, absorto em pensamentos de recordação de sua trajetória pelo esoterismo, que cochilou apenas poucos instantes pela madrugada inteira.

Mal percebeu o raiar do dia.

Ao dar-se conta de que já eram quase sete horas da manhã, resolveu levantar-se.

Pouco importava não ter repousado o necessário.

Ele estava contente.

Consigo mesmo.

E com o mundo.

Sim, Beto voltava a ter confiança, alegria e esperança.

Confiança em si mesmo e no ser humano.

Alegria de estar vivo e são.

Esperança por dias melhores.

O túnel havia sido atravessado.

Beto levantou-se da cama, deu uma espreguiçada felina, abrindo a janela, em seguida.

Respirou, profundamente, o ar da manhã.

— "Bom dia, dia!"

Beto havia retornado ao lugar de onde jamais deveria ter saído.

Ele retomara a trilha a partir do mesmo ponto de onde houvera se desviado.

Um homem renovado havia despertado naquela manhã.

Beto foi até seu guarda-roupa, escolhendo o que iria colocar naquele dia.

Nada mais de ficar o dia inteiro de pijamas.

Não deixaria de trocar de roupa todos os dias.

Desse dia em diante, pensou, passaria a fazer a barba todas as manhãs, tomar banho, lavar os cabelos.

Decidiu-se a engraxar os calçados, manter as roupas bem dobradas, manter-se asseado.

Após o banho, barbeado e penteado, Beto revirou seu armário em busca de um vidro de perfume, que jazia esquecido em algum canto.

Achou o tal perfume, 'Drakar Noir', além de um tubo de spray-desodorante e uma loção pós-barba, todos da mesma marca.

Alinhou-os todos num cantinho do armário do banheiro, junto de outros produtos de higiene pessoal.

Ele fez uso do desodorante, depois colocou perfume.

Quando chegou na copa, para tomar seu desjejum, seus pais se surpreenderam.

Eles já haviam se resignado a ter um filho 'de mal com a vida'.

Quando viram Beto chegar, sorridente e arrumado, perceberam que algo de bom estava acontecendo.

— "Bom dia, papai!

Bom dia, mamãe!"

Ambos responderam com entusiasmo à saudação do filho.

— "Trouxe uns docinhos para vocês.

Foi o Frank quem os enviou, por meu intermédio.

Estão numa caixa de papel, na geladeira."

Sua mãe apanhou a dita caixa, levando-a para a mesa.

Ao abrí-la, sua genitora se surpreendeu:  
nunca havia visto aquele tipo de docinhos.

— "Mas que bonitos, filho!

Foi a esposa do seu amigo quem fez?", indagou sua mãe.

— "Não sei, mamãe.

Acho que sim."

Pois sim, se eu contar como foi a noite, e o fausto em que vivem Frank e os seus, meus pais pensarão que estou mentindo.

Melhor preservar a inocência dos 'velhos'...

— "Como foi o dia de ontem, filho?", perguntou papai.

— "Foi muito interessante.

Conhecí a família do Frank, além de alguns de seus amigos.

Jantei com eles, depois Frank mandou seu motorista me trazer."

— "Então esse Frank é rico?

Bem que ele poderia lhe arrumar um bom emprego!"

— "Frank é médico, mamãe.

Médico psiquiatra.

Sabe o que um médico psiquiatra faz?

Ele trata de loucos!

Loucos são aquelas pessoas que vem gritando palavrões, babando nas pessoas, esperneando dentro de uma camisa de força.

Você sabe que emprego ele poderia me dar?

Num hospício, imagine que emprego:

'babá de malucos'!

É isso que você quer que eu faça?"

— "Não, filho.

Deus me livre!"

— "Então, por favor, pare de ficar imaginando que alguém, só por ter dinheiro, tem que ficar arrumando emprego para todo mundo que precisa.

Assim não poderei trazer o Frank aqui, pois vocês vão ficar 'enchendo o saco' dele para que me arrume um emprego, e aí eu perco outro amigo!"

— "Não, Beto!

Pode trazer seu amigo, que não tocaremos nesse assunto!

Eu prometo!", disse meu pai, olhando 'de esguelha' para mamãe.

— "Além disso, eu sou um advogado.

Acho que preciso trabalhar como advogado, não como 'quebra-galhos' para qualquer firminha de fundo-de-quintal."

Putz, eu não devia ser tão grosseiro com meus pais.

Mas eles são fogo...

Qualquer amigo que eu traga em casa, começa uma verdadeira 'inquisição':

quem é seu pai, sua mãe, é casado, tem filhos, faz o quê, quanto ganha, tem carro, casa própria, uma aporrinhção!

Depois, o veredicto:

'É paupérrimo, não serve para ser seu amigo, vai ter inveja do que nós temos', ou 'é um vagabundo, tem a faca e o queijo na mão, mas não come nem deixa ninguém comer, tal qual o cachorro do açougueiro'; raras vezes, a terceira alternativa é a que vale: 'é podre-de-rico, filho! Aproveite o que puder! Vê se ele te arruma uma emprego!'.  
É mole?

Resolvi quebrar o gelo, contando sobre as pessoas que conheci.

Falei de todos, menos da Virgínia...

Vai que meus 'velhos' botam 'olho gordo' e 'secam' uma florzinha que estava nascendo!

Melhor me cuidar!

Afinal, a mentalidade deles é pequenininha...

Parece que eles tem, na cabeça, 'miolo de pardal'.

— "O que vocês jantaram?", perguntou minha mãe.

— "Pato assado.

Para acompanhar, salada."

— "E de sobremesa?"

— "Figo-da-Índia."

— "Você conseguiu tirar os espinhos?"

São tantos!

Se aquilo entra na mão, é terrível!", disse papai.

— "Nem sabia que tinha espinhos!

Foram servidos já descascados."

— "E a mulher desse 'seu' Frank, cozinha bem?"

— "Sim, mãe.

Cozinha direitinho.

Mas não como a minha mamãe querida!"

Minha mãe ficou alegre e encabulada.

Como sou mentiroso!

Imagine se a doutora Francis iria fazer aquele banquete!

A mulher é médica, pô.

O negócio dela é outro!

Mas deixa p'rá lá...

Com essa mentirinha, mamãe fica contente, e tudo está bem.



Depois do nosso café, 'exterminamos' os docinhos.

Meus pais elogiaram demais.

Levantei-me, dizendo:

— "Vou dar uma arrumada no meu quarto!"

Meus pais se entreolharam.

Creio que estavam pensando ser brincadeira minha.

— "Você vai querer ajuda?"

— "Obrigado, pai.

Não."

Fui para o meu quarto, misto de brechó e moquifo, decidido a 'por um fim' na bagunça que armei durante mais de uma década.

Meu armário.

Quantos mistérios.

Aliás, quanta quinquilharia.

Bugangas, porcarias, tem de tudo misturado com alguma coisa valiosa.

Munido de alguns sacos para lixo, resolví jogar fora tudo quanto não tivesse serventia.

Cadernos velhos, até dos tempos do cursinho... Lixo!

'Códigos' legais, repletos de 'colas'... Lixo!

E assim por diante.

Pilhas velhas, todas babando ácido... Quanta sujeira!

Encontrei chicletes melados, balas mofadas... O que será que tem dentro deste saquinho de papel?

Um revólver!

Mas que coisa, nem me lembrava de ter esse revólver!

Eu pensei que alguém o havia roubado!

Puxa, esse revólver eu comprei assim que completei vinte e um anos de idade!

É um revólver Rossi, calibre .38 Special, cano de duas polegadas, capacidade para cinco cartuchos, oxidado, enferrujado...

Preciso levá-lo num armeiro, antes que a ferrugem o coma vivo!

Lembro que ele era pretinho, pretinho.

Agora está todo amarronzado, feio, apesar de ser novinho!

Quanto desleixo!

Ah! O registro dele está aqui, junto.

E as balas?

Será que ainda tenho balas?

Vou achar.

Mas, que desordem!

Há uns cinco ou seis anos pensei que alguém havia me roubado essa arma.

Não a achava de jeito nenhum.

Resolvi, então, comprar uma pistolinha, uma Taurus calibre 6,35mm. Browning.

Eu a comprei, pois sempre achei necessário a gente ter meios de se defender.

Desde que adquiri a pistola, com dois carregadores e uma caixa com vinte e cinco cartuchos da CBC, mantive a mesma na gaveta do criado-mudo.

A pistolinha continua lá, municiada, acompanhada de outro magazine 'cheinho'. Em cada 'pente' cabem oito cartuchos... Dezesseis cartuchos e uma arma, ao meu lado, sempre me ajudaram a dormir sossegado.

Cheguei até a tirar 'porte' da pistolinha, mas percebi que não sou o tipo de pessoa capaz de reagir satisfatoriamente numa situação de perigo.

Em casa é uma coisa, basta dar alguns tiros no chão, que o 'vagabundo' vai embora.

Na rua, 'a porca torce o rabo'!

Nunca me imaginei atirando em alguém.

Muito menos matando outra pessoa!

Só de pensar nisso, fico arrepiado!

Mas, também, não dá para se dormir tranqüilo sem ter como se defender dos fascínoras que andam à solta.

Meu pai tem um velho revólver Caramuru, calibre .32 Smith & Wesson curto.

Não é lá grande coisa, mas é uma arma.

Ele sempre gostou de armas, eu não.

Não chego a detestá-las, mas não as aprecio.

Quando era pequeno, desejava ser caçador.

Olhava para as fotografias daqueles homens intrépidos, portando fuzis e espingardas belíssimas,

desejando, até invejando, a posição deles.

Depois, bombardeado pelos 'eco-chatos', acabei achando que caçar os bichos era uma covardia.

Paradoxalmente, é só no Brasil que a caça é proibida completamente.

Mesmo assim, milhares de animais são sacrificados nas queimadas, chacinados pelos coureiros, destinados à morte pela fome por legisladores burocratas.

Ou então esses bichos invadem plantações e criações, dando prejuízos incalculáveis aos proprietários.

No fim, ninguém se beneficia com essas leis.

No resto do mundo, a caça é permitida.

E as espécies proliferam, a natureza prospera, os bichos não são condenados a morrerem de frio ou fome.

Aqui, se protege com leis inócuas... Mas a natureza é destruída a olhos vistos... Qual será o motivo disso?

Será que os chamados 'caçadores esportivos' fiscalizariam a natureza, tornando difícil a destruição implacável da nossa fauna e nossa flora?

Quem sabe...

Agora, dar um tiro em alguém é algo de muito sério.

Bem que o Frank poderia estar certo...

Quem sabe aquela tal arma esquisita dele pode mesmo deixar que as armas de fogo sejam usadas apenas esportivamente, no tiro-ao-alvo e coisa-e-tal...

Creio que este seria um lugar melhor para se viver...  
Este Planeta!

Bem, enquanto a tal arma não fica pronta, só podemos nos amparar nessas ferramentas antiquadas e cruéis.

Estes são tempos perigosos.

Dentro do meu armário encontrei roupas que não uso desde os meus primeiros anos de faculdade.

Sapatos com salto 'carrapeta', que eram moda na década de 1970.

Uma correntinha de ouro, um baralho de 'Tarot Egípcios Kier', alguns anéis com caveiras e outros sinais de gosto duvidoso. 'Achei' até um carrinho de autorama, de meus tempos de menino. Fiquei 'catando' as coisas até às onze horas da manhã.

Resolvi parar, pois estava cansado.

Além do mais, já havia tirado muitas bugigangas enfiadas dando, assim, um começo de ordem nesse armário que mais parecia uma lixeira, tanta porcaria havia dentro.

Fui lavar as mãos, quando ouvi minha mãe chamando:

— "O almoço está pronto, filho!"

— "Já vou, mamãe!"

Lavei as mãos e seguí para a sala.

Como sempre, nosso almoço seria 'regado' pelo sangue dos noticiários de algum telejornal.

Não, hoje é domingo!

Graças a Deus não há noticiário neste horário, no domingo!

Na televisão passava um filme, reprisado pela enésima vez.

Até que essas reprises tem sua serventia, pensei:

Depois de assistirmos ao mesmo filme por uma dúzia de vezes, conhecemos tão bem o mesmo, a ponto de montarmos uma 'mesa redonda' para discutí-lo...

Almoçamos macarronada.

Espaghetti ao 'sugo', molho de tomates.

Queijo ralado, por cima.

Até que mamãe cozinha bem, coitada.

Quem sabe se ela tivesse acesso às receitas do jantar do Frank, faria até melhor...

Agora, tem uma coisa:

Apesar da falta de sofisticação, a 'comida da mãe' tem um gosto especial, um 'não-sei-o-quê' diferente.

Acho que é o amor que dá esse gostinho peculiar...

Depois do almoço, resolvi descansar um pouco, antes de terminar a arrumação do armário.

Deitei um pouco, só para relaxar.

Minha mãe foi me acordar... Para o jantar!

Eu havia dormido a tarde toda!

Como não dormira bem na noite anterior, creio que meu corpo exigiu maior repouso.

Jantamos polenta ao forno, com o mesmo tipo de molho da macarronada do almoço.

Conversamos sobre minha iniciativa de arrumar meu quarto.

Repentinamente, essas banalidades não se mostravam tão chatas como eu sempre as considerara.

Dei-me conta de que a vida é composta desses pequenos detalhes, dessas coisas aparentemente sem importância.

Depois do jantar, resolvi ficar assistindo televisão.

Aqueles programas dominicais, seguidos de um filme qualquer.

Mas, eu estava me sentindo bem.

A sensação de mediocridade, de um estilo de vida suburbana, não me causava mais mal-estar.

Curiosamente, eu estava até 'curtindo' essa coisa de conversar com meus pais.

Acho que conviver por algumas horas com uma família, como a de Frank, renovou meu instinto de animal gregário, despertou minha necessidade de estar entre os meus.

Afinal, se 'quebrei a cara' no passado, a culpa disso não era desses dois 'coroas' sentados no sofá.



Com o fim do filme, todos resolvemos dormir.

Naquela noite, dormi bem.

Na segunda-feira, acordei cedo.

Recomecei a 'limpeza' do armário.

Fiquei arrumando aquela bagunça até à noitinha, recomeçando na terça-feira.

Na quarta-feira, decidi arrumar meu quarto inteiro.

A baderna era menor do que a do armário, mas havia muito lixo.

Fora com ele!

Passei a quarta, a quinta e a sexta-feiras arrumando o quarto.

Na sexta-feira à noite, ele estava um brinco!

E eu que havia me lamentado por não ter trabalho a fazer nessa semana!

Nunca uma semana passou tão rápido quanto essa!

Sábado.

Acordei antes das oito da manhã, sem ter colocado o despertador.

Como já se tornara um hábito, fiz a barba, tomei banho e me arrumei direitinho.

Parece que a 'ordem' voltara a habitar meu ser.

Eu estava pronto antes das dez horas.

Conforme já avisara meus pais, não almoçaria em casa naquele sábado.

Estava pronto para sair, quando resolvi dar uma espiada no tempo, para saber se estava frio.

Frio.

Bem frio.

Melhor ir agasalhado.

Afinal, voltaria tarde, com certeza.

Seria bom estar prevenido.

— "Mamãe, vou sair.

Cadê o papai?"

— "Foi até a banca, comprar jornal.

Volta já!

Você não vai esperá-lo?"

— "Vou sim, mamãe."

Dei um beijo no rosto de minha mãe, sentando-me no sofá para aguardar o retorno do 'velho'.

Enquanto aguardava, lembrei-me que deveria encontrar algum armeiro para 'limpar' o meu revólver.

Nisso, meu pai entrou, trazendo dois jornais consigo.

Sei que ambos, papai e mamãe, teriam muito entretenimento com aquelas páginas...

Notícias, classificados, entrevistas, o mundo nas mãos deles!

Será que eles eram felizes?

Não sei.

Só sei que vou fazer de tudo para que eles se orgulhem do filho.

Eles não tem muito, e não é justo que o pouco que tem não lhes dê algum motivo para que se alegrem.

— "Pai, vou sair."

— "Está bem, filho.

Vá com cuidado!"

— "Claro, pai."

— "Deus o acompanhe, filho!"

— "Deus fique com vocês."

Abrí a porta e fui surpreendido por uma lufada de vento.

O inverno chegara, certamente.

As plantinhas de nosso jardim balançavam com o vento frio.

O portão, em metal, estava gelado.

Apesar do céu azul, o frio e o vento eram intensos.

O caminho para a casa do Frank eu já conhecia.

Desta vez eu estava mais preparado, pois conhecia o trajeto.

Caminhei até o ponto de ônibus, aguardando o coletivo chegar.

O itinerário foi o mesmo, mas eu perdera aquela ansiedade brutal que tirava a alegria das coisas.

O tempo gasto foi o mesmo, mas pareceu passar muito mais rápido.

Cheguei à casa de Frank pouco depois das treze horas.

Um pouco antes da hora marcada, mas creio que não vou incomodar.

Toquei a campainha.

A mesma voz do outro lado perguntou quem era.

Identifiquei-me.

Poucos instantes depois, o portão se abriu.

Fui recebido pelo Herbert, secretário de Frank.

— "Seja bem vindo, doutor Roberto!"

— "Olá, Herbert!"

Como tem passado?"

— "Bem, obrigado.

Acompanhe-me, por favor, que o doutor Frank está no estúdio."

Acompanhei Herbert até o local onde estava Frank.

Era aquele estúdio em que havíamos ficado conversando no sábado passado.

— "Entre, Beto!

Como está?"

— "Com licença, Frank.

Vou bem, e você?"

— "Tudo bem."

— "Como está a doutora Francis?"

— "Está bem.

Hoje estão todos reunidos num sarauzinho familiar.

Mais tarde, teremos alguns queijos e frios para degustar.

Com bons vinhos, lógico!"

Eu sorri.

Frank parecia, às vezes, só pensar na 'boa mesa'.

— "Sente-se, Beto.

Vamos conversar um pouco."

— "Estou ansioso para saber mais sobre o significado daquele cartão, Frank Kaiser!"

— "Ora, você entendeu tudo!"

— "Tudo o quê?"

— "Você foi aceito para ser Iniciado nos mistérios do Arcano IV.

Não são todas as pessoas que podem receber essa Iniciação.

Normalmente, o indivíduo deve passar, antes, pelas iniciações dos Arcanos anteriores.

Como você sabe, o conhecimento do Arcano IV favorece, e muito, o aprendizado hermético como um todo.

Está claro?"

— "Sim.

Mas, algumas coisas me intrigam:

Alguns conceitos herméticos ainda me parecem obscuros.

A diversidade de religiões, os sistemas astrológicos, as artes divinatórias, cada qual tem uma explicação distinta para os acontecimentos daqui e do além.

Bardon afirma, e você reitera, que um Mago pode ter qualquer religião que desejar.

Mas, um Mago deve ter uma religião?

São coisas que me intrigam.

Eu devo acreditar nos 'Deuses' das diversas religiões?

Crer em astrologia é condenável, ou é a mesma coisa que ser crente em alguma religião?

Essas coisas ainda me deixam confuso.

Diferenciar religião, esoterismo e superstição não é tão fácil quanto parece."

— "Percebo que preciso lhe esclarecer algumas coisas.

Talvez eu deva enfocar alguns pontos obscuros de todo o conhecimento oculto."

— "Acho ótimo.

Muitas dúvidas ocupam minha mente há anos."

— "Vamos falar sobre Deus, as egrégoras coletivas e a hierarquia dos Deuses internos do homem.

Que tal?"

— "Perfeito!"

— "Do ponto de vista do hermetismo, há apenas um único Deus, que não tem forma nem atributos singulares, que não possui nome nem face, que é o princípio e o fim, que é o primeiro e será o último, que foi, é e sempre será. Que está onipresente, é onisciente, onipotente, a expressão pura do amor caridoso. Imortal.

Os Deuses Menores, da mitologia ou das lendas, são emanções limitadas da única e verdadeira Divindade, a

Divina Providência.

Por esta razão, eles, os Deuses Menores, são tratados com respeito, mas nunca com maior reverência ou louvação.

Os Deuses são ferramentas que devem ser utilizadas pelo mago com a autoridade da Luz, sendo que a Luz é a emanção primária; todas as coisas lhe são subservientes.

O homem não precisa curvar-se a ser algum, não importando quão terrível possa ser sua aparência.

Essas formas horripilantes derretem-se, como cera quente, quando atingidas pela luz.

Suas essências são os sonhos do imanifesto, suas formas são os sonhos da humanidade.

Deuses não são jamais criações individuais; são, sempre, o trabalho da mente coletiva de uma sociedade.

Eis porque nenhuma mente solitária pode compreendê-los ou defini-los completamente.

Apesar de terem suas formas criadas pelo desejo das pessoas, consciente ou inconscientemente, os Deuses não são uma mera ilusão, mas aspectos da manifestação da criação coletiva de que falamos acima, que a sociedade em questão reconheceu e magicamente cercou, cristalizando-a em formas distintas com motivos compreensíveis.

Consideremos o Deus pagão Thor.

Alguns indivíduos crêem que Thor é um fragmento da imaginação nórdica, uma entidade imaginária, sem qualquer traço de existência real. Outros dirão que, enquanto é verdade que Thor foi criado pela concentração da vontade das pessoas, ele agora existe em algum nível sutil, porém real, da existência, e continuará existindo enquanto a mente das pessoas

concebê-lo. Terceiros acreditam que a mente humana nada tem a ver com a criação e existência de Thor, que existe independentemente da humanidade, de qualquer forma.

Todos esses pontos-de-vista mostram um fraco conhecimento da natureza do imanifesto.

Os seres humanos não criam, são criações de Deus.

O que a humanidade chama de suas obras são, na verdade, criações da Luz do Imanifesto agindo através dos seres humanos, da mesma forma que a luz física brilha e atravessa um prisma de material transparente no universo manifesto.

Quando os homens e as mulheres começaram sua louvação a Thor, eles não inventaram os atributos da entidade – o trovão e o relâmpago, força, coragem, fúria, destruição – mas reconheceram o princípio comum atrás dessas qualidades e 'focaram' isso numa forma, com nome e aparência humana.

Sendo assim, Thor já existia antes dos seres humanos aparecerem, não sendo, porém, simbolizado como um guerreiro com os cabelos negros, olhos firmes, musculatura hercúlea, portando um machado com dois gumes, por vezes um martelo com duas pontas.

Pelo poder da divina providência que estava com eles, os indivíduos tomaram esse simbolismo do imanifesto, de forma a compreender e controlar as forças desse Deus.

Os humanos não criaram a realidade subjetiva.

O que fizeram foi prover um veículo através do qual as forças existentes subjetivamente pudessem expressar-se para a raça humana.

Dando a Thor uma forma humana, os nórdicos de outrora deram qualidades às forças existentes, as quais,



de outro modo, não possuíam.

O Thor anterior à criação do homem, não tinha nada em comum com os afazeres humanos, seus prazeres ou sofrimentos.

Não era um ser com memórias de um passado ou esperanças pelo futuro.

Era um Princípio da Natureza, um concurso natural de forças que, quando moldado numa forma humana, poderia ser acessível em linguagem humana e responder a nível inteligível por quem o questionasse.

Os numerosos Deuses que estão presentes em praticamente todas as culturas antigas e em algumas contemporâneas, como o Candomblé e o Vudú, são todos Deuses com nomes e formas pelos quais são reconhecidos, louvados, limitados e definidos por essas culturas.

Eles são, simultaneamente, menos e mais que os seres humanos.

São menos pois não possuem livre arbítrio, além de não poderem jamais evoluir ou tornarem-se algo diferente do que são, exceto se seus 'crentes' evoluírem, carregando-os em seu bojo.

Só assim eles podem crescer, 'para cima e para o alto', por assim dizer.

Qualitativa e quantitativamente, para ser mais claro.

São mais, porém, por deterem incomensurável poder natural, são eternos e indestrutíveis, ao menos em termos humanos.

Mesmo que toda a humanidade pare de pensar nos Deuses, aquele concurso de forças que proveu o foco para o Deus permanecerá, pronto a receber um novo nome e novo simbolismo, de alguma outra cultura futura.

Homens não criam Deuses, apenas dão-lhes nomes – mas é através desses nomes que ganhamos influência sobre os Deuses.

O complexo nome de um Deus engloba sua forma, seus desejos, seus atributos, suas habilidades e limitações; é um tipo de magia que circunda e vincula o Deus à vontade do grupo que lhe deu expressão.

Inclusive, os nomes de certos Deuses são verdadeiros 'mantras', palavras de poder.

Eis o motivo pelo qual é dito freqüentemente que os Deuses dependem da devoção e sacrifícios de seus seguidores, sem o que eles desvaneceriam.

As pessoas que dão nomes aos Deuses são, ao mesmo tempo, servidores e mestres desses Deuses pois, pela negação, esses Deuses seriam enviados para o domínio das forças-cegas da natureza, das quais a energia em questão brotou.

O relacionamento entre os homens e mulheres com seus Deuses e Deusas é simbiótico e mutuamente dependente.

O princípio da formação dos Deuses, nas sociedades primitivas, é sub-consciente.

É frequente que, mesmo no mais rico e variado panteão de Deuses – Menores, encontremos uma Divindade superior, quase ou completamente indefinível, que foi relegada a um segundo plano, isto é, o da religiosidade.

Os homens e as mulheres deveriam se penitenciar quando idolatram e louvam imagens ou símbolos, bem como quando se curvam diante de Deuses com nome e forma.

Na realidade, não há diferença alguma entre as duas atitudes citadas acima.

Ambas ofendem a Providência Divina de forma idêntica.

Mas, esse caminho de mentirinha, que afasta o ser humano da estrada da evolução cósmica, não se limita aos que louvam 'Deuses', mas a todos os que louvam qualquer outra egrégora.

Você sabe definir o que é uma egrégora?"

— "Na verdade, não sei."

— "É a mesmíssima coisa que 'Deuses-Menores', apenas não possuindo forma humanóide nem nome. Como exemplo, temos as egrégoras formadas em torno de todas as artes divinatórias.

Em algumas formas de divinação, como a Geomancia, o Jogo-dos-Búzios, o Opelê-Ifá, etc., há uma 'convenção mental', da mesma forma que há em algumas das 'Ciências Experimentais', como a Radiestesia, a Radiônica, e assim por diante.

Essas 'convenções mentais' permitem que o praticante alcance o nível de sua percepção extra-sensorial.

É dessa forma que o indivíduo atinge a Egrégora do sistema em questão.

Um campo, aonde as 'convenções mentais' tem papel preponderante no tocante a contactar a egrégora, é a Radiônica.

A Radiônica é uma 'ciência experimental' muito interessante, que faz uso de uma interação da mente do operador com um equipamento físico.

Podemos até dizer que as 'máquinas radiônicas' tem um corpo físico, que é justamente aquilo que se manuseia.

Essas 'máquinas' são uma criação de pesquisadores do início do Século XX.

A idéia por trás desses inventos é uma forma de terapia conhecida como 'tele-terapia', ou seja, terapia à distância.

Esse princípio consiste numa tentativa de prover-nos com uma forma de diagnóstico e terapia eficiente, além de auto-suficiente.

Isto é, a idéia básica se resume em diagnosticar estados patológicos, doenças, sem a necessidade de equipamentos caríssimos ou de produtos químicos.

Da mesma forma, tratar dos enfermos sem ter de recorrer à energia nuclear, aos preparados fármacos ou às formas de terapias físicas.

A teoria por trás da Radiônica é vasta e complexa.

Portanto, espero que você tenha paciência para, caso não compreenda o sentido do que estamos falando hoje, aguardar um momento propício, quando discutiremos o assunto em profundidade.

É difícil compreender a teoria e a prática da Radiônica, uma ciência do futuro.

Procurarei ser o mais claro possível.

Tomemos, agora, o rumo da prática da Radiônica.

Como já lhe disse, a Radiônica é um sistema de detecção de enfermidades e tratamento das mesmas, feitos à distância, com o uso de um 'testemunho radiestésico' que consiste numa foto, ou numa gota de sangue ou, ainda, numa mecha de cabelos, ou de um pouquinho de saliva, da assinatura, ou de outro 'sinal' do enfermo.

A convenção mental é ir passando ou esfregando os dedos de uma das mãos numa placa, inclusa na máquina, até sentir, em um dos dedos utilizados, uma sensação de travamento ao movimento imprimido.

É dessa forma que o radionicista, como é chamado o

praticante da Radiônica, atinge seu nível de percepção extra-sensorial.

E é através desse mecanismo, dessa técnica, que o sujeito penetra na egrégora do equipamento radiônico que esteja utilizando, descobrindo os índices correspondentes à enfermidade pesquisada.

Os índices, isto é, números que correspondem, no caso da radiônica, a enfermidades e tratamentos, formam, no seu todo, a egrégora do dito sistema.

A Egrégora atingida serve para informar sobre a existência e a essência da enfermidade, bem como sobre a forma de combatê-la, de restabelecer a saúde do enfermo.

De que serviria conhecer só a parte nefasta?

A egrégora só tem função como ferramenta, neste caso, da busca da harmonia, do equilíbrio perdido.

Cabe ao mago utilizar corretamente as ferramentas de que dispõe.

Devemos utilizar a egrégora como uma ferramenta, sem que a ela nos submetamos, quer objetiva ou subjetivamente.

Nos cultos aos Deuses, os praticantes submetem-se às egrégoras de forma objetiva.

Mas, na astrologia, os praticantes e consulentes submetem-se a ela de maneira subjetiva, e ambas as situações são identicamente nefastas.

A astrologia está muito distante da realidade astronômica, pois o que atua nos seres vivos e coisas inanimadas não são as influências planetárias e estelares, mas as influências de uma poderosa e complexa egrégora que atua conforme foi, e constantemente é, programada.

Basta que se observe as efemérides astronômicas

simultaneamente às astrológicas para se notar que, sendo as primeiras heliocêntricas e as últimas geocêntricas, as distinções são mais numerosas do que as semelhanças!"

— "O quê significa 'heliocêntrica' e 'geocêntrica'?"

— "Heliocêntrico é o conceito de que o Sol é o centro do Universo; geocêntrico é o conceito que considera a Terra o centro do Universo.

Compreendeu essa distinção fundamental?"

— "Sim, é muito óbvio."

— "Daí alguns astrônomos ridicularizarem a astrologia.

Ridículo é comparar as duas coisas, pois a astronomia estuda as posições dos astros celestes enquanto a astrologia estuda a movimentação e minúcias complexas de uma egrégora caprichosa e multifacetada, que se move e interage a todo instante.

Mas, o mais importante, é saber que, se fossem as influências dos astros celestes as emanações com que lidássemos em astrologia, seria algo mais complexo para mudar, se isso fosse possível.

Como, porém, trata-se de uma egrégora, tudo é mutável através de práticas mágicas.

É como no jogo-de-búzios: uma tragédia preconizada pode ser evitada por procedimentos mágicos.

Na astrologia, geomancia, tarologia, I-Ching, qualquer das artes divinatórias, tudo é semelhante, tudo pode ser alterado.

As artes divinatórias exprimem, objetivamente, aspectos de diversas egrégoras criadas para facilitar a passagem do homem pela terra, dando parâmetros para a magia agir, suprimindo influências, atuando em bradigênese, freando o ritmo dos acontecimentos, ou em

taquigênese, acelerando o ritmo dos acontecimentos, fazendo com que possamos controlar nosso destino, dando sentido à expressão: livre-arbítrio!

É por isso que se compreende o motivo pelo qual as previsões feitas, dentro de uma egrégora de qualquer ciência experimental, tem maior precisão e envergadura mais abrangente do que aquelas feitas dentro das chamadas artes divinatórias pois, nas primeiras, fica em realce o enfoque científico e, nas últimas, o místico; além disso, previsões realizadas dentro de uma egrégora de artes divinatórias tem maior precisão com indivíduos vinculados àquela egrégora, consciente ou inconscientemente, e também com os que não tem vínculo a egrégora alguma, do que com pessoas ligadas a outras egrégoras."

— "É muito complexo!"

— "Ora, Beto, mas o Universo é complexo!"

Mas tenha em mente que todas as entidades espirituais emanam da Providência Divina.

Portanto, toda entidade espiritual é semelhante.

Sua unidade é básica, suas diferenças são superficiais, como diz Donald Tyson numa de suas obras."

— "E o que são as tais 'máquinas radiônicas', das quais você falou?"

Meus conceitos sobre o assunto parecem estar equivocados."

— "Máquinas Radiônicas são um tipo de sintonizadores de frequências, frequências das ondas biológicas, para a recepção ou detecção e transmissão ou emissão, à distância, isto é, sem um contato físico com o sujeito passivo, o paciente.

Desta forma, detectam vibrações, ondas biológicas,

emitindo ondas e vibrações, identicamente biológicas, permitindo um diagnóstico e posterior terapia, tudo à distância, mediante apenas uma 'amostra', no sentido radiestésico do termo, do paciente, como foto, cabelo, sangue, saliva, assinatura, digital, aparas de unha, etc.

As Máquinas Radiônicas são, em sua aparência, caixas com montagens eletro-eletrônicas e em alguns casos eletro-mecânicas dentro delas, com diversos botões de sintonia e chaves de seleções, uma placa de fricção para o uso do praticante, e um ou mais poços à vista do operador, aonde se introduz o testemunho do paciente.

As Máquinas Radiônicas foram batizadas, nos países de língua inglesa, de 'Black Box', 'caixa preta', pois, no início deste século, eram montadas em caixas de madeira forradas de couro granulado preto; no painel superior onde eram montados os controles de material isolante também preto, ebonite.

A Radiônica é uma forma de magia cerimonial, opinião compartilhada por inúmeros praticantes de Radiônica.

A Máquina Radiônica, também chamada 'Sintonizador Biológico' ou 'Sintonizador Radiônico', é apenas uma 'forma pensamento solidificada' e as 'frequências-índices' utilizadas na Radiônica são apenas um acordo com a egrégora em questão, pois o conjunto de índices é a parte intelectualmente inteligível da egrégora da Máquina Radiônica que se utiliza.

Com essa definição, muitos praticantes de radiônica concordam, mas alguns discordam de forma inflamada.

Com uma coisa, porém, todos concordam:

Quanto maior o número de praticantes de um sistema particular, melhor o dito sistema funcionará



para todos.

Os radionicistas Marty Martin e Peter A. Lindermann, em 1978, no Estado do Havai, Estados Unidos, concluíram, após muitas pesquisas, qual o mecanismo operacional da radiônica.

Quando, por qualquer razão, a função do RNA num organismo está inibida, os tratamentos radiônicos tornam-se quase que totalmente ineficientes.

Mas, quando o RNA é estimulado por um tratamento específico para o mesmo RNA, então todos os outros tratamentos radiônicos tornam-se eficientes.

Com a repetição deste fenômeno inúmeras vezes, os dois pesquisadores chegaram a uma conclusão – todos os remédios são elaborados no corpo pelo DNA!

O sistema radiônico de terapia é apenas uma forma de conversar com o DNA.

Se o DNA não conseguir enviar sua mensagem às células através do RNA, o tratamento parece não funcionar.

Isto talvez auxilie os praticantes da radiônica a obter resultados mais consistentes.

Para os dois pesquisadores citados, esse procedimento eliminou quase que totalmente os insucessos.

Os tipos de fenômenos que emitem à distância são quatro:

Pulsos eletro-magnéticos, luz polarizada, ondas de forma e relação espacial.

Portanto, um equipamento radiônico precisa enquadrar seu sistema de emissão de energia num desses quatro; caso contrário, teremos um equipamento psicotrônico, e não radiônico.

Isto é, teremos um equipamento que só emitirá

enquanto o operador estiver concentrado no aparelho, bem como na qualidade da energia desejada, e no paciente.

Basta que o operador 'vire-se de costas' para a 'operação' que a mesma cessará, isto é, a máquina deixará de emitir.

Nas Máquinas Radiônicas a emissão é autônoma e independe da vontade ou atenção do operador.

Assim, ao se projetar um equipamento Radiônico, deve-se levar em conta esses parâmetros, pois são a única forma de emitir qualquer tipo de energia à distância, seja a energia de números, sigilos, desenhos influentes, côres, remédios, substâncias esotéricas, ou de qualquer outra 'coisa'.

Outras formas quaisquer de emitir dependerão da força da mente do sujeito ativo do experimento, o Mago-Emissor, ou de alguma Entidade."

— "É fascinante!"

— "Está satisfeito, Beto?"

— "Mais que isso: Esclarecido!"

— "Agora eu gostaria de lhe explicar mais alguns conceitos complexos, porém importantes.

Trata-se dos mistérios da anatomia Hermética.

Posso continuar?"

— "Claro!

Sou 'todo-ouvidos'!"

— "Você, que já leu de tudo um pouco, no campo esotérico, deve ter observado que inexiste, nessa literatura, uma grande preocupação com a 'anatomia oculta' do ser humano, do ponto de vista prático.

Muitas escolas de ocultismo tem divulgado seus pontos de vista sobre a 'anatomia oculta' do homem.

Belas teorias tem chegado ao público, mas faltam ensinamentos práticos.

Concorda?"

— "Sim, é verdade.

Li, nesses anos, muita teoria sobre o assunto.

De prática, porém, muito pouco.

Talvez as 'escolas' que se dedicam ao lado mais 'oriental' do esoterismo tenham maior inclinação para o assunto."

— "Bem observado.

O 'pranayama', ciência da respiração, é um dos pontos principais de estudo por parte desses grupos.

Você deve ter notado que as 'ordens' que praticam Magia-Sexual tem maior inclinação às práticas desse tipo.

Talvez por isso tenha se convencido chamar de 'Tantra' toda e qualquer forma de Magia e Misticismo ligada à sexualidade humana.

'Tantra' é, no Oriente, o equivalente à 'Cabala', no Ocidente."

— "Entendo."

— "Só a partir de Aleister Crowley é que o mundo ocidental travou conhecimento com esse tipo de enfoque 'prático' do lado oculto da anatomia humana."

— "Mas então Crowley tem seus pontos positivos?"

— "Lógico!

Aleister Crowley foi um grande Mestre do esoterismo, assim como Pascal Beverly Randolph e Austin Osman Spare.

Independentemente disso, tiveram muitos problemas em suas vidas, sofreram perseguições de inimigos poderosos, precisaram lutar contra muita coisa.

Crowley morreu muito doente, tendo perdido, ao longo da vida, toda a fortuna que possuía; viveu seus últimos dias de forma muito modesta, abandonado por quase todos seus antigos seguidores.

Spare, um talentoso artista plástico, viveu quase na miséria, terminando seus dias em completo esquecimento.

Randolph, que era médico, político liberal e libertino, foi muito perseguido, por causa de suas idéias e de sua cor – não era nada fácil ser mulato nos Estados Unidos do Século XIX!

Em 1875, ele pôs fim à própria vida.

Três histórias tristes que, porém, não invalidam a importância da obra desses Mestres do ocultismo.

Eles eram, acima de tudo, homens comuns, como todos nós.

Tiveram muitos erros e muitos acertos.

Creio que devemos estudar suas obras, aprender com seus erros, sem repeti-los!"

— "Então você crê na validade dos ensinamentos ocultos desses três?"

— "Sem sombra de dúvida.

Apenas, considero o trabalho de Bardonn o melhor, mais abrangente e claro.

Mas isso não significa virar as costas para todo o resto.

Hoje, líderes de 'Ordens Herméticas' como Frank G.

Ripel, da 'Ordo Rosae Mysticae', Peter James Carroll, Adrian Savage e Isaac Bonewitz, dos 'Illuminates of Thanateros' e 'Circle of Chaos', além de autores de peso como Frater U:. D:., Roberth North, Donald Tyson, entre muitos, que abraçam outras doutrinas esotéricas, consideram a obra de Bardon como o que há de melhor.

E, excetuando-se Tyson e North, todos os outros seguem, mais ou menos, a filosofia mágica de Crowley."

— "Mas eu estudei muita coisa, colocando em prática ensinamentos que me levaram para o 'buraco'!"

— "Por isso foi que afirmei serem os ensinamentos de Bardon superiores a todo o resto.

Obviamente, ele não escreveu detalhadamente sobre cada mínima nuance da ciência hermética.

Quem já tiver completado o curso dele, na teoria e na prática, poderá se aventurar, sem receio, por qualquer método ou escola.

Mas, aí, terá sobrado muito pouco a se desvendar..."

— "Quer dizer que o trabalho dele basta?"

— "Não o trabalho dele, mas seus ensinamentos.

Com o que estou lhe dizendo, sobre o Arcano IV, você terá condições de meditar sobre todos os temas, encontrando uma resposta para toda e qualquer dúvida!"

— "Você estava começando a me contar algumas coisas sobre a 'anatomia hermética' do homem.

Continue de onde parou, por favor."

— "Como estava dizendo, o conhecimento da 'anatomia hermética' do homem é essencial para a Iniciação.

A quarta lâmina do Tarô simboliza a sabedoria do homem e é, portanto, importante que o indivíduo conheça a si mesmo, de um ponto de vista Mágico-Místico.

A natureza do homem, assim como tudo quanto ele faz, suas funções e atividades, tudo deve ser entendido e compreendido desde o ponto de vista 'oculto'.

'Aprenda a conhecer a si mesmo!', é um importante ditado hermético, que nos estimula a penetrar nas profundas conexões do homem, falando do ponto de vista Mágico-Místico.

Cada minúsculo detalhe será entendido, como resultado do conhecimento das funções e princípios que regem nossa existência oculta."

— "Como assim?

Ainda não está claro para mim..."

— "Beto, então me diga:

como você faz para manter seu corpo físico vivo?

De que seu corpo precisa para manter-se saudável, para que você continue atuando neste plano da existência?"

— "Muitas coisas."

— "Diga uma."

— "Comida."

— "Certo!

Comida, em suas formas sólida e líquida.

Portanto, comida e bebida.

Além de comida, ar!

Sem o ar para respirar, não podemos nos manter vivos.

E para que seu 'corpo astral' permaneça conectado ao seu corpo físico, o que é necessário?"

— "Não sei."

— "O mesmo ar!

O ar nutre, com sua parte física, nosso corpo físico; com sua parte sutil, cuja natureza é eletro-magnética, nosso 'corpo astral' é nutrido.

Portanto, além de sua parcela física, o ar tem seu lado de densidade mais fina, composto de um fluido eletro-magnético.

Até aí tudo bem?"

— "Sim, estou entendendo."

— "O 'corpo mental' é composto da mais sutil substância conhecida pelos Hermetistas.

Essa matéria é também chamada 'matéria mental'.

Ele, o 'corpo mental', está conectado ao elemento terra, isto é, ao corpo físico, devido à sua força coesiva.

O 'corpo mental' é imortal, não estando, portanto, sujeito a tempo ou espaço.

Suas características básicas permitem a ele se adaptar a qualquer forma, quer dizer, tomar qualquer formato.

O 'corpo mental' é, algumas vezes, chamado de 'matéria original', consistindo-se em duas forças básicas: os fluidos elétrico e magnético, ambos adaptados ao grau de densidade do dito 'corpo'.

A influência correlativa entre os fluidos elétrico e magnético, no 'corpo mental', é o que chamamos de 'imortalidade'.

No 'corpo mental' encontramos a consciência do ser, que é a conexão do poder da vontade, em conjunto com o intelecto e com os sentimentos.

Caso qualquer desses três princípios básicos estiver faltando no indivíduo, não haverá consciência de si, pois essa é a trindade do 'corpo mental' que, quando em conjunto, resulta na auto-consciência do espírito humano.

Se um desses três aspectos estiver, digamos, 'desligado', a consciência do ser humano não funciona.

O desenvolvimento desses três princípios essenciais

depende, obviamente, do desenvolvimento geral e grau de maturidade individual.

Está entendendo?"

— "Sim, compreendí que existe um lado 'oculto' do nosso ser, o qual deve ser entendido perfeitamente.

Mas, ainda está difícil de compreender como esse conhecimento pode ter algum uso prático."

— "Deixe-me continuar, pois chegaremos lá.

Do ponto de vista do Hermetismo, quantidade e qualidade também devem ser consideradas neste caso.

A quantidade da vontade é a questão do 'poder da vontade'; sua qualidade depende do que se necessita ou deseja.

Essa mesma lei que é efetiva no intelecto tem também duas faces:

'poder quantitativo' e 'forma qualitativa'.

O lado quantitativo de um intelecto depende da perseverança com a qual as faculdades intelectuais são usadas, e o lado qualitativo depende do tipo de pensamentos e da maturidade do espírito.

O terceiro princípio é o da vida emocional do indivíduo que, igualmente, está sujeito às mesmas leis.

A parte quantitativa é expressada pela profundidade e pela intensidade dos sentimentos.

O lado qualitativo diz respeito ao motivo desses sentimentos.

A intensidade dos sentimentos depende do grau de desenvolvimento da pessoa, e é de importância decisiva."

— "Que interessante!

Eu nunca li ou ouvi nada parecido!"

— "O motivo disto é simples:

o 'quarto segredo', o Arcano IV, só foi revelado a uns poucos Iniciados, ao longo dos tempos.



No livro 'Frabato' você poderá obter mais algumas informações a esse respeito.

Mas, foi Mestre Bardon o primeiro a publicar tais 'segredos', sublimes e profundos.

Beto, meu amigo, seja digno desta revelação.

Durante nossas conversas, o que estou lhe 'passando' são os 'segredos' do Arcano IV, O Imperador.

Mas, esteja certo, o 'quarto segredo' está encerrado dentro de você, e dentro de cada ser humano.

Somente se você permitir, essa verdade de incomensurável sabedoria transformará sua vida.

Sabedoria, meu filho, não se aprende em livros ou conversas.

Só vivendo a verdade mais profunda alguém poderá tornar-se sábio.

Eu creio que poucas pessoas alcançarão esse nível na presente encarnação mas, mesmo que somente os mais talentosos e abnegados cheguem nesse patamar, nosso planeta será um lugar muito melhor para se viver."

— "Você me deixa comovido quando fala assim.

Será que eu alcançarei essa verdade profunda?

Tornar-me-ei um sábio?"

— "Você tem tudo para isso, Beto.

Eu estou lhe revelando, sem reservas, os maiores mistérios.

Basta que tenha a coragem de viver por esses caminhos para atingir esse estágio.

Há algum 'ponto obscuro' no que lhe revelei?"

— "Nenhum."

— "Posso prosseguir?"

— "Por favor!"

— "Os fluidos elétrico e magnético possuem, também, outras funções, além das que eu já lhe falei.

Assim como tudo quanto vive só pode manter-se vivo por meio de uma alimentação adequada, o 'corpo mental' também deve receber seu alimento apropriado.

Como já disse antes, os fluidos elétrico e magnético estão sempre ativos, por causa das fontes correlativas que eles representam no 'corpo mental'.

Essa é a razão pela qual esses fluidos fluem para fora do 'corpo mental' constantemente.

Recebendo novas impressões, quer sejam do plano mental, do astral ou do material, esse consumo é novamente equilibrado.

Porém, se os nossos sentidos forem extremamente exigidos, um enfraquecimento anormal ou a perda do poder mental será o resultado, não importando qual parte do corpo possa ser afetada por isso.

Devemos nos lembrar que o uso normal desses sentidos resulta numa perda normal dos fluidos elétricos e magnéticos, mas isso é equilibrado novamente por suas faculdades indutivas, isto é, o 'corpo mental' recebe novas substâncias espirituais por meio de seus sentidos, quando então o 'corpo mental' recebe seu alimento.

Logicamente, não existe um tipo específico de alimento para o 'corpo mental'.

Os fluidos elétrico e magnético do 'corpo mental' são constantemente recarregados pelos cinco sentidos.

Também os lados qualitativo e quantitativo são de grande importância nessa conexão, pois o 'corpo mental' recebe sua 'carga' quantitativa através dos sentidos, quer dizer, recebe dessa forma o 'combustível' que, posteriormente, tomará certas formas, as das qualidades.

As qualidades que o 'corpo mental' recebe através dos sentidos dependem, a princípio, dos pensamentos do ser

humano e, além disso, das situações em que tal 'corpo mental' vive.

Compreendeu?"

— "Hum, hum."

— "Eu recomendo a todos os meus discípulos que aumentem seu conhecimento sobre o assunto por meio da meditação exaustiva pois, agindo assim, o Hermetista descobrirá muitos mistérios do espírito que não podem ser ditos pela linguagem intelectual.

O Hermetista deve ter um profundo conhecimento da constituição de seu 'corpo mental', com suas diversas funções, para estar apto a analisar o Microcosmo.

Seu amplo conhecimento do 'corpo mental' lhe permitirá fazer uso de uma ou de outra de suas múltiplas funções, restabelecendo seu equilíbrio, caso necessário, com um treinamento especial.

Ainda pensando nos fluidos elétrico e magnético, tenho mais algumas revelações a lhe fazer.

Os fluidos elétrico e magnético não são apenas bipolares.

Seu uso pode ser construtivo ou destrutivo.

E isso ocorre nos planos físico, astral e mental, de forma semelhante.

Os efeitos construtivos de ambos os fluidos consistem no princípio do desenvolvimento do espírito, pois representam tudo quanto seja bom e nobre.

Pelo lado destrutivo, ocorre justamente o contrário.

Ambos esses princípios e seus efeitos devem ser bem compreendidos pelo Hermetista, pois ele deverá operar com os dois, o construtivo e o destrutivo, por meio da meditação, pois eles representam tudo quanto os sistemas religiosos e também os místicos chamam de

'bem' e 'mal' no homem.

As forças construtivas e destrutivas tem muitas funções, alcançáveis e compreensíveis, por meio de meditação honesta.

Você deverá devotar agora sua atenção para o seu espírito, a sua consciência do ser, sua verdadeira personalidade.

Já lhe disse que não há qualidade sem poder e, vice-versa, não há poder sem qualidade.

Um Hermetista deve saber que vontade, inteligência e sentimentos formam, em sua cooperação correlativa, a consciência do homem.

Se alguém refletir exaustivamente no aspecto 'consciência', essa pessoa descobrirá que, o que é geralmente chamado de consciência é, na realidade, a personalidade do ser humano, no seu mais profundo e verdadeiro aspecto.

Você entendeu?"

— "A chave de todos os mistérios está na meditação?

É isso?"

— "Exatamente!

A meditação abre todas as portas!

O processo é simples:

Primeiramente, você deve se concentrar, ficando imune a influências externas que possam lhe perturbar.

Deve se concentrar até que consiga ficar imperturbável.

Daí, o próximo passo é a meditação no assunto que temos em mente, seja ele qual for.

Com a capacidade de concentração, aliada à meditação séria, podemos desvendar todos os segredos do Universo.

Afinal, não é exatamente isso que os cientistas vêm

fazendo através dos tempos?

O laboratório é seu meio artificial de obter concentração.

As ferramentas e utensílios de pesquisa são os acessórios da meditação.

Mas, o poder verdadeiro, reside dentro deles mesmos.

Veja que, quanto mais intelectualizada é a pessoa, maior será sua capacidade de concentração e meditação.

Lembra-se que o intelecto faz parte da trindade da consciência?

Então, perceba que a revelação do segredo do quarto Arcano é útil, não só para os Hermetistas, mas para todas as pessoas.

Não há problema que não possa ser solucionado, pergunta que fique sem resposta, para quem possuir essa 'chave'."

— "É fantástico!

Pela primeira vez, em todos os anos que tenho estudado ocultismo, aprendo alguma coisa que tem uso prático no dia-a-dia!"

— "Mas, não é só isso.

Com essa 'chave', você poderá expandir incomensuravelmente suas faculdades Mágicas e Místicas.

E mais, compreenderá o motivo pelo qual todo desenvolvimento mágico deve ser realizado, levando-se em conta os três planos da existência e os três 'corpos' do homem, quais sejam:

Físico, astral e mental.

Pois, se assim não for feito, ocorrerá um desenvolvimento irregular, o que poderá acarretar desequilíbrio num dos três planos:

Físico, astral ou mental.

Esse desequilíbrio acabará por acarretar distúrbios, mais cedo ou mais tarde, numa das três esferas:

física, emocional ou psíquica.

O caminho Hermético requer dedicação, perseverança e abnegação.

Não é uma senda para pessoas imaturas ou levianas.

É uma estrada para os fortes e nobres de espírito.

A Lei Universal é a harmonia que não deve ser quebrada sob nenhuma hipótese.

Atue, sempre, de acordo com as Leis Cósmicas, para completar a Obra da Providência Divina."

— "Puxa, Frank, essa é a 'chave dos maiores poderes."

— "Mais do que isso, meu amigo.

É a 'chave da mais profunda sabedoria'."

Nesse instante, o interfone tocou.

— "Doutor Frank, o lanche está pronto."

— "Obrigado, Herbert."

Frank desligou o interfone.

Levantou-se, dizendo-me:

— "Beto, vamos até o gazebo, saborear alguns frios, queijos e vinhos."

— "Com prazer!"

Foi embora o Mago.

Frank voltara a ser o mesmo homem comum.

Incrível quanta coisa boa pode habitar dentro de um só ser humano!, pensei.

Sáimos do estúdio, rumando para o gazebo, aquele quiosque no meio do jardim.

Enquanto caminhávamos, resolvi esclarecer minhas dúvidas sobre 'meditação'.

— "Frank, gostaria que você desse uma definição mais prática de 'meditação'.

É viável?"

— "Serei o mais claro possível.

Meditar é, simplesmente, pensar, concentrando-se num só assunto ou tema.

Com isso, quero dizer que, para meditar, basta 'varrer' da mente quaisquer pensamentos ou imagens alheios ao objeto de nossa meditação.

Daí, devemos concentrar nossos pensamentos no tema escolhido.

Entendeu?"

— "Sim.

Você tem algum tipo de exercício que sirva de treino para meditação?"

— "Não se trata de um 'exercício', mas de meditação num tema.

Apanhe uma bola de qualquer tipo.

De preferência, uma bola que caiba na palma de uma de suas mãos.

Examine-a minuciosamente.

Apalpe-a, sentindo sua textura, observe o material do qual ela é construída, sinta sua temperatura, verifique se ela tem algum cheiro, identifique a tonalidade de sua cor, enfim, observe-a sob todos os pontos de vista.

Permita que ela deslize sobre uma superfície qualquer, depois faça-a quicar sobre a mesa ou no chão.

Deixe-a, então, de lado.

Assuma uma posição confortável, preferencialmente sentado numa cadeira ou poltrona confortável.

Procure uma posição aonde não haja necessidade de manter-se tenso.

Feche os olhos.

Respire várias vezes, de forma ritmada, alternadamente em cada uma das narinas.

Quer dizer, pressione, com o dedo polegar ou com o indicador, de uma das mãos, pelo lado externo, uma das narinas, inspirando e expirando pela outra.

Repita a operação, utilizando-se do dedo escolhido da outra mão, respirando pela outra narina, a que foi mantida fechada no movimento anterior.

Faça isso ao menos cinco vezes, com cada uma das narinas.

Mantenha os olhos fechados.

Comece a pensar na bolinha.

Rejeite qualquer pensamento alheio ao assunto.

Em sua mente, 'veja' somente a tal bolinha.

Procure mantê-la flutuando, no ar, à sua frente.

Faça-a 'girar' na sua visão.

Veja-a flutuando de um lado para outro do cômodo.

Sinta sua textura, seu aroma, seu peso e temperatura.

Procure recriar, em sua mente, a bolinha, como um todo, isto é, sob todos os pontos de vista.

Ouçá, em sua mente, o ruído que ela fez ao deslizar, depois procure escutar o barulho da bolinha quicando na mesa ou no solo.

Tente lembrar-se do impacto dela no chão e na palma de sua mão.

Lembre-se de sua cor, do tom exato.

Tudo é importante.

No início, será difícil.

Em alguns dias, você manterá seu pensamento



concentrado por alguns segundos.

Em duas, talvez três semanas, conseguirá manter-se meditando sobre tal bolinha por trinta minutos.

O importante é conseguir realizar esse exercício sem adormecer.

Não desista sem conseguir realizar uma meditação de, ao menos, cinco minutos.

Você entendeu?"

— "Enquanto eu ouvia suas explicações, fui imaginando a tal bolinha!

Creio que será fácil!"

— "Beto, você é talentoso.

Quando conseguir, ao menos por uma semana, manter-se meditando nesse tema por um período superior a cinco minutos, duas vezes ao dia, poderá passar para uma meditação mais complicada.

Quer aprender?"

— "Mas é claro!"

— "Da mesma forma como agiu com a bolinha, repita tudo com uma vela comum.

Sinta-a com seus sentidos.

Agora, acenda o pavio da vela.

Examine o fogo com a mesma atenção dispensada à vela.

Mantenha, porém, a unidade do objeto examinado, isto é, não desvincule a chama da vela.

Aproxime sua mão do fogo, sentindo o calor emanado.

Sobre, de leve, a chama, para vê-la tremular.

Incline a vela em todas as direções.

Deixe-a pingar a cera quente, observando as formas delineadas na substância que escorre e se solidifica.

Ouçá o ruído que ela faz.

Com dois dedos, apague a vela, rapidamente.

Sinta o cheiro que ela emana, comparando-o com o que a mesma expelia, antes de ser acesa, e durante a combustão.

Examine sua temperatura agora, e a velocidade de sua alteração.

Agora, coloque-a de lado.

Parta para a posição de meditação, fazendo o exercício preliminar de respiração.

Esse exercício, aliás, deverá ser feito de forma suave, sem estressar os pulmões.

A ciência da respiração consiste em acumulação de poder, não de ar!

Repita todo o processo de meditação com a vela.

Recrie todas as situações, examine o tema escolhido sob todas as nuances.

O tempo de execução é o mesmo que o dedicado à bolinha.

Simples, não?"

— "Sim, é bem simples.

Da mesma forma que ocorreu com a bolinha, também comecei a 'ver' a vela."

— "É bem fácil, para quem tem talento.

Você poderá repetir esse experimento com velas de outras cores e formas elaboradas, com objetos mais complexos, flores, enfim, com qualquer tema desejado.

Além de ser um excelente treino para a meditação avançada, este tipo de 'exercício' lhe será de valia quando, no futuro, estudarmos os 'espelhos mágicos' e sua utilização."

— "Espelhos mágicos?"

— "São as mais importantes e avançadas ferramentas da Magia.

Nos livros de Bardon há muitas instruções sobre sua construção e utilização.

Como consiste, porém, num assunto complexo, vou ajudá-lo nesse mister."

— "Muito obrigado, Frank!"

Havíamos chegado ao gazebo.

Lá estavam seus familiares:

a doutora Francis, Virgínia, Marcia, Cláudia, Jamil, Arnaldo, além de alguns amigos, Flávio, Antonio, Panisha e Ademar.

Cumprimentei todos, sentando-me ao lado de Virgínia.

Frank disse:

— "Alguns amigos estiveram aqui ontem, para se despedir.

Hoje virá também o Sylvio Passos.

Você o conhece, não é, Beto?"

— "Sim é claro.

É o fundador do 'Raul Rock Clube', da 'Fundação Raul Seixas' e do 'Museu Raul Seixas'.

Certo?"

— "Isso mesmo.

Ele deverá chegar a qualquer instante."

— "Você falou em despedida, Frank?

De quem?"

— "Eu, Francis, nossos filhos e netos, viajaremos amanhã à noite."

— "Para onde irão?"

— "Visitar diversos países.

Desejo reencontrar velhos amigos, além de precisar comprar alguns equipamentos de pesquisa."

— "Quanto tempo ficarão fora?"

— "Poucos meses."

— "Não deixe de me escrever!"

— "Lógico, Beto.

Aliás, estou terminando a lista de amigos para remeter cartões postais.

Gostaria que você conferísse para ver se os seus dados estão corretos."

Frank pediu a Herbert, que estava por perto, para que pegasse a tal lista.

Enquanto isso, Virgínia disse, baixinho:

— "Beto, me dê seu endereço, que eu quero mandar um cartão especial para você."

— "Aqui está", respondi, dando meu cartão à Virgínia – eu já tinha cartão de visitas!

— "Pode esperar que eu vou escrever.

Tenho pensado em você todas as noites.

Seria bom ter você comigo, o tempo todo.

Não é bom estar só nesse inverno!"

Mas que mocinha assanhada!

A menina está mal-intencionada...

Essa nova geração...

No 'meu tempo', eram os homens que 'cantavam' as mulheres!

— "Eu também tenho pensado muito em você, Virgínia!", falei, assim que me recuperei do 'choque' de ter sido 'cantado' tão diretamente...

Frank interrompeu meus pensamentos:

— "Eis a lista de amigos, Beto.

Verifique seus dados, por favor."

Apanhei a lista de suas mãos.

Puxa, quantos amigos ele tem!

A lista está dividida por profissões...

Deixe-me ver... Advogados...

Ah!, estou aqui.

Deixe-me ver... endereço... CEP...

Tudo certo.

Puxa... que lista!

Quanta gente famosa...

O Frank é mesmo um homem que escolhe, e bem, seus amigos!

— "Frank, aqui estou!", era Sylvio Passos quem chegara.

— "Seja bem vindo, Sylvio!

Você conhece todos, não?"

— "Olá todo mundo!"

Todos responderam em uníssono: – "Olá!"

Foi quando Sylvio me viu.

— "Você não é o Beto?"

— "Eu mesmo, Sylvio!

Há quanto tempo!"

Conversamos uns vinte minutos sobre Raul Seixas, sua obra e filosofia.

Virgínia acompanhava atenta nossa conversa.

Fiquei emocionado ao lembrar alguns momentos compartilhados com esse artista genial: Raul Seixas.

Virgínia, que assistiu a alguns de seus shows, também ficara sensibilizada com nossa conversa.

— "Sylvio, você trabalha por uma boa causa:

preservar a memória desse gênio da arte contemporânea que foi Raul Seixas!", foi o que pude dizer, antes que as lágrimas contidas embaçassem minha voz.

Nesse instante, chegaram três garçons trazendo pães, frios, patês, queijos e vinhos.

Pronto, a 'festa' ia começar.

Eu já havia participado de algumas reuniões 'animadas' com queijos e vinhos mas, algo preparado sob orientação de Frank, merece respeito!

Foram colocados sobre o centro de uma mesa de tampo redondo, em jacarandá extremamente reluzente, os alimentos e bebidas.

Diversos tipos de pães, vários de cada espécie:

de torresmo, baguete francesa, sovado, de cerveja, de azeitonas verdes, de azeitonas pretas, de lingüiça calabresa, de cebola, de alho e italiano redondo.

Um garçom parecia ser o responsável por fatiar os pães, pois foi fazendo isso com o pão italiano, daí com a baguete francesa.

Creio que ele iria repetir esse ritual com todos os outros tipos de pães.

Circundando a parte central da mesa, bandejas de prata repletas de frios sortidos fatiados.

Havia presunto de Parma, salame hamburguês, salame italiano, copa, chouriço provençal, mortadela, morcela espanhola, rosbife, peito de peru defumado, presunto de peru, salame felino, bresaola e presunto cozido.

Entre essa parte mais externa, e a mais interna da mesa, foram colocados pratos de prata, no mesmo estilo das bandejas de frios, contendo diversos tipos de queijos.

Queijo prato em fatias, mozzarella fatiada, dolcelatte, gorgonzola, catupiry, provolone, pecorino sardo, ricota seca condimentada, parmesão, brie, mineiro, cheddar, cammenbert e reino.

Para servir de acompanhamento, alguns pratinhos com azeitonas pretas graúdas, chilenas, temperadas,

além de sardella e dois tipos de patês de fígado: um com ervas, outro com pistache.

— "O que vamos beber para acompanhar essa maravilha?", indagou Flávio ao Frank.

— "Vinho, meu amigo.

O mesmo fabuloso 'Romanée Conti' que degustamos em nosso jantar de sábado passado!

É o melhor dos vinhos 'Borgonha', da 'Côte de Nuits', um 'aristocrata'."

— "O ideal não seria tomarmos vinho do Porto, com queijos?", perguntei.

— "Não, exceto se estivéssemos nos servindo de queijo após as refeições."

— "O Frank, entre as pessoas que conheço, é a que mais entende de vinhos!", disse-me Flávio.

— "Não é que eu entenda, minha gente.

Eu amo o vinho!

Talvez eu seja um pouco como Omar Khayyam que, há mais de novecentos anos, cantou liricamente o vinho.

Ele disse:

'Vinho com perfume almiscarado,

Dá-me vinho para apagar o incêndio da minha tristeza'.

'Quando bebo, ouço o que dizem as rosas, as tulipas e os jasmins'.

'O vinho queima como uma torrente de fogo mas, às vezes, tem sobre as nossas mágoas o efeito da água pura e fresca'.

Não é magnífico?"

— "Belíssimo!", exclamei.

— "Sabe, Beto, o vinho não é apenas uma bebida.

É um organismo vivo, 'pois é sangue da vinha e tem gosto da vida', parodiando o mesmo poeta árabe."

Fomos todos nos servindo, enquanto Frank e Flávio iniciavam uma conversa sobre ufologia.

O assunto central eram as tais 'abduções', que eu não sei bem do que se trata.

Melhor ouvir, pois parecia que todos, ali, conheciam mais o assunto do que eu.

Sentei-me perto da entrada do gazebo, enquanto os outros ficavam em pé, discutindo a tal 'abdução'.

Pelo que ouvi, coisa parecida com implantes que seres extra-terrestres fazem em pessoas 'escolhidas' por eles, o assunto não combinava com o vinho servido.

Essas coisas de E.T.'s não me despertam o menor interesse.

Em alguns instantes, Virgínia veio sentar-se ao meu lado.

Ficou alguns instantes em silêncio, depois convidou-me a dar uma volta pelo jardim.

Levantei-me, após terminar de tomar meu copo de vinho, acompanhando-a na caminhada.

Como ela deixava transparecer seu interesse por mim, peguei em sua mão.

Sua pele era macia; seus dedos longos e esguios sugeriam que aquela era a mão de uma pianista.

Seu toque era suave, leve como uma pluma, morno como uma maçã dourando ao sol.

Fitei-a, observando que seus olhos verdes brilhavam como esmeraldas raras.

Senti que, talvez, o bandeirante Fernão Dias tivesse, por toda a vida, buscado as esmeraldas erradas.

Quem sabe eu encontrara essas pedras preciosas, colocadas pela natureza no belo rosto de uma mulher, para que meus dias se enriquecessem, de amor e felicidade.



Ela caminhou rumo a uma bela e frondosa árvore, puxando-me, suavemente, pela mão.

Deixei-me conduzir por aquela alma doce, qual barquinho em alto mar.

Ela recostou-se na figueira, abraçando-me.

Assim, enlaçado, sentí que sucumbira aos encantos dela.

Nossos rostos se aproximaram; meus lábios entreabertos buscaram os dela.

Beijamo-nos, ternamente, como que vivendo, por um momento, uma canção italiana.

— "Serei sua.

E você será meu.

Assim está escrito."

Fiz que sim com a cabeça.

— "Maktub!", respondi.

Caminhamos de volta ao convívio dos outros, sem trocarmos uma palavra.

Nossas almas, contudo, permaneciam entrelaçadas uma com a outra.

Eu, que pensara nunca poder me apaixonar, havia encontrado alguém que despertara, em mim, algo de realmente novo.

Sabíamos que, com a viagem que ela e os pais iriam empreender, ficaríamos separados por alguns meses.

Mas isso não importava.

Teremos todo o tempo do mundo para viver esse amor.

Adentrando no quiosque, percebi que todos discutiam, ainda, o mesmo assunto, para mim indigesto.

Sorri, pois parece que não haviam sentido nossa falta.

Virgínia sentou-se ao meu lado.

Ficamos assim, observando a algazarra ufológica, tão animada quanto uma discussão sobre futebol.

Perguntei se ela desejava algo mais para degustar, e ela disse que não, agradecendo.

Levantei-me, apanhando mais um copo de vinho.

Sentei-me, novamente, junto a ela.

Naquele momento, ao lado de Virgínia, no meio daquele imenso jardim, todas as minhas preocupações se desvaneceram.

Minha mente estava leve, meu coração alegre.

Conhecer Frank havia mudado minha vida, muito mais do que eu poderia ter imaginado.

Escureceu.

Eu e Virgínia, sentados e de mãos dadas, estávamos alheios a tudo.

Frank dirigiu-se à nós, dizendo:

— "Vocês não comeram nada!

Façam o favor de se alimentarem direitinho.

Senão, seus filhos nascerão fracos como ratinhos!"

Olhei espantado para Frank.

Ele colocou a mão, ternamente, sobre minha cabeça, dizendo:

— "Eu sei o que está escrito.

E fico muito feliz por vocês dois.

Ambos tem minha bênção!"

Virou-se de costas, reunindo-se, novamente, com o animado grupo.

Olhei para Virgínia, que sorria.

Eu sorri também, pois tudo estava bem.

— "Vamos comer alguma coisa, Beto, pois eu não quero ter filhos fracos como ratinhos!", disse ela sorrindo, levantando-se em seguida.

Seguí-a.

Aproximamo-nos da mesa, passando a nos servir de um pouco de cada especiaria.

Como diziam numa propaganda, 'hora de comer, comer'!

Ficamos ali, beliscando os frios, conversando sobre o futuro, caminhando pela Via Láctea sem tirar os pés do chão.

Falamos sobre nossas músicas preferidas de Raul Seixas, encontrando mais um ponto em comum:

ambos apreciamos seu último disco solo, 'A Pedra do Gêneses'.

Na verdade, gostamos de todos.  
Mas pouca gente gosta desse disco, pouco divulgado.  
Para mim, sua fase mais criativa foi junto de Marcelo Nova.

Já Virgínia acha que foi em parceria com Paulo Coelho.

Arnaldo se aproximou nesse instante, dizendo:

— "As melhores músicas do Raul Seixas foram as compostas em colaboração com o Claudio Roberto."

— "E você, Sylvio, o que acha?", perguntei eu, ao ver que Sylvio Passos só escutava, sem dizer nada.

— "A melhor fase do Raul, para mim, foi entre o primeiro e o último discos.

Tudo na carreira dele foi admirável."

Concordamos todos.

Nesse momento, Flávio propôs um brinde aos anfitriões, desejando-lhes uma boa viagem.

Os garçons abriram algumas garrafas do Champanha 'Don Pérignon', enchendo diversas taças.

Todos brindamos, fazendo nossos melhores votos.

Frank e Francis agradeceram, comovidos.

Eu olhei para Frank, que compreendeu que eu desejava alguma coisa.

— "Beto, venha comigo até o portão, pois preciso falar com o pessoal da segurança.

Acompanhei Frank para fora do gazebo.

— "Diga, meu amigo.

O que você deseja de mim?"

— "Frank, você sabe sobre eu e Virgínia."

— "Sim.

E estou plenamente de acordo."

— "Fico grato."

— "Você é um bom rapaz.

Será bom para ela ficar com você."

— "Mestre, antes de você viajar, eu gostaria de aprender mais alguma coisa consigo.

Há algo que possa ser feito?"

— "Eu esperava você pedir.

Vou lhe ensinar três operações mágicas distintas:

'impregnação do ar', 'criação de mantras' e 'elaboração de palavras de poder'.

Vamos nos sentar num dos bancos do jardim, que eu lhe explicarei tudo, detalhadamente."

— "Obrigado, Frank."

Ele balançou a mão, como a dizer 'por nada'.

Caminhamos alguns metros, até um banco de pedra.

O local era clareado por duas luminárias alimentadas pelo sistema de energia solar.

O caminho de pedras, que eu conhecera em dia claro, tinha uma iluminação de baixa-voltagem, circundando, rasteiramente, cada pedra do caminho.

Frank sentou-se no banco; fiz o mesmo.

— "Beto, eu lhe ensinei os mistérios da 'eucaristia', que consiste na impregnação de alimentos sólidos e líquidos.

Agora irei lhe revelar o segredo da 'respiração consciente', do 'pranayama'.

O que você entende por 'ciência da respiração'?"

— "Penso ser uma técnica de controle da respiração, aquilo de respirar compassadamente, contando 'tempos' para inalar, manter o ar retido, expirar e manter os pulmões vazios."

— "Isso é o que tem sido ensinado por muitas escolas.

Vou lhe mostrar a técnica secreta do 'pranayama', pouco conhecida."

— "Estou ansioso!"

— "Se nós 'colocarmos', por assim dizer, uma idéia ou imagem, seja concreta ou abstrata, no ar a ser inalado, essa mentalização permeará a parte 'akashica' ou 'etérica' desse mesmo ar.

A partir dessa parte 'etérica' impregnada, nosso desejo penetrará na substância que compõe o ar, graças aos fluidos elétrico e magnético de que falamos outro dia.

Quando inspirarmos esse ar, assim impregnado por nossa idéia, pelas vias respiratórias externas, daí até os

pulmões, ele cumprirá uma dupla função.

Primeiramente, a parte puramente física desse ar servirá para preservar nossa vida, ao ser absorvido pelos nossos pulmões, indo em seguida para o nosso sangue, circulando por todo o corpo.

Depois, o fluido eletro-magnético, infiltrado com a idéia ou imagem de que falamos, 'colorido' por ela, digamos, será transportado, da corrente sanguínea, até a 'matriz astral' de nosso corpo, daí ao nosso 'corpo astral', indo de lá ao nosso 'espírito imortal', através da reflexiva 'matriz mental'.

Está entendendo?"

— "Totalmente."

— "Essa é a solução do 'segredo da respiração', do ponto de vista do Hermetismo.

Basta que você impregne o ar que irá respirar com o que lhe aprouver.

Assim, o 'pranayama' é 'acumulação de poder', não de ar.

O que importa não é a quantidade de ar, mas a qualidade da idéia nele impregnada.

Compreendeu?"

— "Sim, cada detalhe."

— "Atente para a maneira de fazer uso prático dessa técnica:

Sente-se numa cadeira ou poltrona confortável.

Relaxe o corpo todo.

Imagine que, com o ar inalado, você estará inspirando, ao mesmo tempo, seu desejo."

— "O que eu posso desejar?"

— "Paz, tranqüilidade, saúde, sucesso, coisas assim.

Claro, uma de cada vez.

Nunca tente realizar esse tipo de exercício fazendo

uso de idéias egoístas ou que dependam de outros para serem realizadas.

Será perda de tempo, acompanhada de decepção.

Voltando à idéia, essa deve ser tão intensa, tão vívida, que o ar com ela imbuído possa ser 'sentido', que seja diferente do ar 'comum'.

Assim, sua idéia terá se tornado efetiva.

Você não poderá ter a menor sombra de dúvida sobre isso.

Da sua convicção, da sua fé, dependerá o sucesso dessa operação.

Tudo bem?"

— "Lógico!"

— "Não tenha pressa; tudo leva tempo.

Comece por realizar esse exercício de manhã e à noite.

No princípio, inicie com sete inalações.

Aumente, a cada dia, uma inalação.

É de suma importância que você mantenha sempre o mesmo desejo em mente, ao menos até sua completa realização.

Nunca exceda trinta minutos de prática desse exercício.

Creio que dez minutos serão a duração ideal dessas operações.

Tenha sempre em mente, porém, que o resultado dependerá muito de você.

Se seu desejo for complexo, o tempo para obter o resultado desejado poderá ser de algumas semanas, talvez meses.

Por isso eu lhe sugiro que, no início, escolha temas simples, pois assim você verá seu desejo realizado em poucos dias.



Adeptos de elevada estirpe obtêm, por esse método, os resultados desejados em poucas horas!"

— "Fantástico!"

Posso 'impregnar' o ar com o mesmo desejo que estou mentalizando ao realizar minhas operações mágicas com comida e bebida?"

— "Não só pode, como deve.

É a melhor maneira de obter os resultados desejados em um período de tempo mais breve."

— "Posso começar agora?"

— "Vá em frente!"

Procurei me acomodar no banco de pedra.

Fechei os olhos, tentando concentrar-me na idéia de 'sucesso'.

Imaginei que, ao inspirar, meu desejo, 'sucesso', seria absorvido por todo o meu corpo.

O 'sucesso' entraria pelas minhas narinas, desceria pela minha garganta, indo até meus pulmões.

Meus pulmões estariam repletos de 'sucesso'.

Dali, meu sangue seria 'impregnado' pelo 'sucesso', levando-o, através da corrente sanguínea, para todo o meu organismo.

Meu ser tomaria consciência de que 'sucesso' é o meu lema!

Fiz isso inspirando uma, duas, três vezes.

Repetí tudo até a sétima vez.

Sentí um bem estar especial, algo indescritível

Abrí os olhos.

Frank permanecia ao meu lado, estático.

— "Como fui, Frank?"

— "Muito bem.

Você só cometeu um pequeno erro:

Inspirou e expirou profundamente.

Não há necessidade de estressar seus pulmões.  
Respire moderadamente, sem pressa nem esforço.  
Está certo?"

— "Compreendí.

O que importa não é a quantidade de ar, mas a  
qualidade que nele colocamos."

— "Exato.

Você entendeu muito bem.

Caminhemos um pouco, para facilitar a entrada  
numa outra 'sintonia', antes de passarmos ao próximo  
exercício."

Frank levantou-se.

Caminhei junto dele.

Andamos até uma clareira, aonde estava situado um  
pequeno jardim japonês.

Engraçado, não tinha visto esse jardinzinho antes.

Estava iluminado por poucas luzes, emanadas de  
quatro luminárias construídas em pedra, imitando, em  
escala reduzida, residências orientais.

O jardim era do tipo 'zen', daqueles que não contém  
plantas, mas areia e pedras.

É algo diferente o que se passa com a gente, ao nos  
defrontarmos com esses estranhos jardins:

Mesmo sem plantas ou flores, há vida nele.

As pedras parecem ter um brilho próprio; a areia  
transmite uma paz difícil de se encontrar no mundo  
moderno.

Frank caminhou até uma pedra escura, circular, com  
um diâmetro de cerca de meio metro.

A parte superior dessa rocha era como uma mesa:

Lisa e plana.

Tinha uns setenta centímetros de altura, calculei.

Frank encarapitou-se sobre ela, dizendo:

— "Beto, sente naquela pedra", apontando para uma rocha muito semelhante à qual ele sentara, somente um pouco menor e mais baixa.

Sentei-me nela.

A pedra parecia pulsar, como tudo naquele jardim, aliás.

Deve ser em pedras como estas que Raul Seixas se inspirou ao compor os versos da música 'Medo da Chuva':

...'Como as pedras imóveis na praia,  
eu fico ao seu lado, sem saber...'

...'Como as pedras,  
que choram sozinhas,  
no mesmo lugar'...

...'Como as pedras,  
que sonham sozinhas,  
no mesmo lugar'.

Em minha mente brotou um pensamento:

Será que essas pedras tinham algo de especial?

Ou será que todas as pedras, todas as coisas são especiais?

Acho que nós deveríamos tomar mais atenção com o mundo que nos cerca, pois tudo nele é especial!

— "O que você achou do meu jardim 'zen'?"

— "Sublime."

— "Eu o escolhi para nossos próximos exercícios, pois eles tem origem no Oriente."

— "Mesmo que não o fosse, este lugar merece ser visitado."

— "Bom você ter gostado.

Passemos, agora, ao próximo exercício."

— "Estou pronto!"

— "Trata-se da 'criação de mantras' ou 'sentenças de

poder'.

Você sabe o que são 'mantras'?"

— "Sei pelo que li:

Frases expressando idéias mágicas que, repetidas incessantemente por um longo período de tempo, são capazes de produzir milagres.

Certo?"

— "Em parte.

A conceituação clássica de 'mantra' só interessa aos estudiosos do Ocultismo Oriental.

Para nós, o que interessa é obter resultados práticos em nossos experimentos.

Isto é, realizar nossos desejos."

— "Então, há outro tipo de 'mantra'?"

— "Lógico!

Do tipo que nós mesmos construímos."

Fiquei em silêncio, olhando Frank.

Ele continuou:

— "Você deseja aprender a construir seus próprios 'mantras'?"

— "Muito!"

— "Vou ensinar-lhe o método.

Antes, porém, há uma orientação geral com relação ao que pode ser obtido por esse método.

Primeiro, sempre procure operar magicamente visando conseguir resultados agradáveis.

Além do aspecto ético, moral, interferir no livre-arbítrio alheio, ou causar algum efeito desagradável de qualquer forma, só levará o Mago ao domínio das forças-cegas da natureza.

O método que vou lhe ensinar é muito semelhante ao sistema da 'sigilização mágica', criado por Austin Osman Spare.

Esse sistema, atualmente usado principalmente pelo 'Circle of Chaos', 'Círculo do Caos', de Peter James Carroll, faz uso não do consciente, mas do lado inconsciente das pessoas.

O objetivo é a ressurgência atávica que, no contexto, é a emanção mais profunda e 'animal' que está no seu 'servo criador':

O inconsciente.

Spare chamava esses seres de 'autômatos do subconsciente', designação oficial dentro de sua filosofia pessoal, que ele mesmo batizou de 'Zos Kia Cultus'.

Cada Mago que trabalhou com esse sistema foi colocando uma nova terminologia e acrescentando algo de novo ao método.

Dessa forma, Frater U:. D:., Kenneth Grant, Marcus Jungkurth, Ray Sherwin, Adrian Savage, Su'a'No-ta e o próprio Carroll, contribuíram muito para difundir esse poderoso sistema.

Hoje ele é conhecido por 'Magia Pragmática', termo cunhado por Frater U:. D:..

Isto significa que nesse sistema se trabalha com o simbolismo pessoal individual, o oposto do que ocorre na Magia convencional, denominada 'Dogmática'.

No Brasil, pouco se sabe desse método.

Jean de Blanchefort tem em seu livro 'Guia da Magia', editado pela 'Maltese', algumas páginas dedicadas ao assunto.

Tenho um amigo, com quem não falo há anos, que conhece tudo desse sistema.

É o 'Frater Sekhem', e ocupa o mais elevado grau mágico da Ordo Templi Orientis, 'IXº O.T.O.'; reside no Rio de Janeiro.

Ele também foi amigo do Raul Seixas.

Foi ele quem me mostrou a força desse tipo de Magia.  
Que, aliás, não tem nada de novo.

Feiticeiros africanos, sacerdotes e sacerdotisas do Vudú e do Candomblé de outrora, além de shamans de todo o mundo, conheciam esse tipo de Magia, passado sempre de geração em geração.

Spare denominou seu método de 'sigilização mágica', um conceito um tanto complexo.

Eu pretendo lhe ensinar todos os métodos dessa disciplina, mas isso demanda tempo.

Hoje, vou lhe transmitir os ensinamentos relativos a dois métodos muito simples e eficientes desse sistema.

Esses métodos, aliás, são de resultados extremamente rápidos, dentro de um sistema que é conhecido por ser o mais eficiente e de maior rapidez de resultados, entre os tipos de Magia praticados no Ocidente.

Estou lhe contando algo que você já não sabia?"

— "Nunca havia ouvido falar nisso!"

Acho fantástico o 'leque' de ensinamentos que você possui."

— "Vamos aos ditames básicos, para que você obtenha sucesso em sua operação.

Quando eu retornar de minha viagem, vou lhe explicar tudo sobre esse método, teoria e prática, como e por que funciona.

Hoje, serei breve.

Está bem?"

— "Você manda, Mestre!"

— "O primeiro passo para construir seu 'mantra' pessoal é elaborar uma frase.

Escolha um tema e escreva tal frase.

Tomemos, como exemplo:

'É MEU DESEJO PERMANECER SAUDÁVEL'.

Nunca faça frases como 'É meu desejo não ficar doente', ou 'Desejo proteção contra todas as enfermidades'.

Nosso subconsciente parece não reconhecer as afirmações negativas, nem as palavras 'não', 'nunca', e assim por diante.

Procure, portanto, elaborar frases sempre positivas, afirmativas.

Evite, também, frases 'fracas', como 'É meu desejo sentir-me bem', ou do tipo 'Eu gostaria disso' ou 'Eu apreciaria aquilo' ou ainda 'Eu creio que preciso de tal coisa'.

Seja, sempre, claro e afirmativo.

Jamais seja 'negativo' na elaboração de suas sentenças.

Outra coisa:

Evite frases complicadas, como 'Eu desejo encontrar um Guru verdadeiro na lanchonete da rua tal, número tal, as três da tarde de tal dia'.

Isso é muito complicado para se operar por esse método.

Nunca se esqueça:

Não interfira no livre-arbítrio alheio, na vontade dos outros, nem faça mal a ninguém.

Forçar alguém a fazer algo que não deseja, provocar uma união não-expontânea, causar danos físicos ou de outra espécie aos outros, além de anti-ético, fará com que os seres elementares, as criações artificiais da nossa mente para executar nosso desejo, se transformem em vampiros de nossas energias.

Para finalizar esses pontos principais, muito cuidado com o que for desejar.

Exemplo:

Uma pessoa desejou 'Eu quero pagar todas as minhas dívidas'.

Realizou o trabalho mágico nesse sistema.

Sem dúvida, uma nobre intenção.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, todos os seus credores foram à sua casa, querendo receber suas dívidas!

Em outra ocasião, um rapaz desejava romper seu namoro, com uma garota dominadora e difícil.

Ele desejou 'Eu quero me livrar de fulana.'

Em uma semana, o pobre homem sofreu um acidente automobilístico fatal.

Assim, cuidado com seus desejos, pois eles se tornarão realidade."

— "É muito interessante, Frank.

Estou ansioso por aprender!"

— "Bem, digamos que você escreveu a frase:

'É MEU DESEJO PERMANECER SAUDÁVEL'.

O próximo passo será 'cortar' todas as letras dobradas.

Isto é, elimine todas as letras na segunda ou terceira vez que aparecerem, mantendo somente uma letra de cada, das contidas na frase.

Faça assim:"

Frank muniu-se de um papel, que tirou do bolso.

Pegou, noutro bolso da jaqueta de couro, uma caneta.

Mont Blanc, que luxo...

Ele escreveu a frase que havia me sugerido:

É MEU DESEJO PERMANECER SAUDÁVEL

Logo abaixo, escreveu:



EMUDS JOPRANCVL

— "Você está entendendo?"

— "Sim, está bem claro."

— "Agora, você tentará formar uma sentença, com duas, três ou quatro palavras, foneticamente viáveis, mas sem sentido.

Quer dizer, a frase deverá ser pronunciável, mas nada nela deverá ter sentido, nem poderá fazer você se lembrar da frase que a originou.

Isso é extremamente importante:

Esquecer completamente a frase original, bem como nosso desejo.

Uma técnica seria elaborar diversas dessas frases, deixá-las escritas prontas na forma 'mantrica' durante alguns dias.

Findo esse período, você deverá ter esquecido a maior parte da operação inicial.

Assim, o 'mantra' está pronto para ser recitado.

Veja como montar um 'mantra':

Frank voltou ao papel, elaborando o seguinte 'mantra':

EMUDS JOPRANC

— "Eis nosso 'mantra' prontinho:

'Emuds Jopranc'.

Eliminamos o 'L' e o 'V' para facilitar a articulação da última palavra.

Ficou fácil de pronunciá-lo, mas não faz nenhum sentido, certo?"

— "Correto."

— "Agora, basta que você comece a recitar esse 'mantra', essa frase, por horas à fio, até a chamada 'exaustão mantrica'.

Pode ser que essa exaustão venha em alguns

minutos, ou após várias horas.

Não importa.

O que interessa é que você mantenha-se recitando esse 'mantra', na forma de um cantochão monótono, em voz audível.

Pode ser recitado em voz alta, baixinho ou até sussurrando.

O importante é que seja falado.

Enquanto isso, você poderá ocupar sua mente com outros pensamentos.

Aliás, é mesmo aconselhável não pensar no 'mantra'.

Recite-o até obter o resultado desejado, ou até achar que 'basta'.

É exatamente nesse momento que isso funciona.

Mas tenha sempre em mente que é necessário esquecer seu desejo, caso contrário você não obterá nenhum resultado."

— "É fabuloso!

Para que mais posso realizar esse tipo de trabalho?"

— "Para tudo quanto você desejar, desde que siga à risca minhas orientações."

— "E sobre o outro método, Frank?"

— "Ah! O das 'palavras de poder', não é?"

— "Esse mesmo!"

— "É quase a mesma coisa, mas com uma diferença fundamental:

Ao invés de uma 'frase', você elaborará uma única palavra.

Assim:"

Pegou no papel, novamente, escrevendo abaixo do 'mantra':

EMURANC

— "Viu?"

Temos, aqui, nossa 'palavra de poder':  
'Emuranc'.

Basta, agora, repetí-la da mesma forma que faríamos com a 'frase'.

É simples, não?"

— "Extremamente simples!

Poço tentar agora?"

— "Não.

Esse tipo de trabalho mágico, que 'mexe' com o atavismo, não deve ser realizado, sob nenhuma hipótese, após a ingestão de comida ou bebida.

Além disso, você não prestou atenção no que eu disse:

Elaborar cuidadosamente uma frase, fruto de seu desejo.

Depois, fazer o 'mantra'.

Daí, esquecer o desejo, bem como a frase.

Só então recitar o 'mantra', até a exaustão.

Quantas horas você pretende ficar sentado nessa pedra?

Meu traseiro já está frio e eu quero tomar mais um copo de vinho.

Vamos?"

Levantei-me da pedra, que era mesmo fria e dura.

Seguí Frank, que caminhava logo à minha frente.

— "Muito obrigado, Frank."

— "De quê?"

— "Por confiar em mim, ensinando-me maneiras de eu evoluir e melhorar a qualidade de minha vida."

— "Você é merecedor de minha amizade e consideração, Filho."

Fiquei feliz com suas palavras.

Frank era o Mestre que eu sempre desejara.

Bem que, naquele dia, no jardim perto de casa, ele me disse:

'Eu sou quem você procurava'.

Realmente.

Aliás, muito mais do que isso.

Meus pensamentos fizeram o trajeto parecer mais curto.

Havíamos retornado ao gazebo.

Estavam, todos, animados, ainda degustando aquelas delícias.

Ao retornarmos, Virgínia veio logo ao meu encontro.

— "Oi, Beto.

Onde vocês foram?"

— "Seu pai levou-me para conhecer o jardim japonês. Gostei muito!"

— "Ora, papai, deixe o Beto ficar perto de mim mais um pouco.

Afinal, ficaremos fora um bom tempo.

Sentirei saudades!"

— "Ele é todo seu, filha!", disse Frank, sorrindo.

Ficamos juntos, eu e Virgínia, tomando mais um copo de vinho.

Flávio se aproximou, dizendo:

— "Eu vou embora agora.

Você quer carona?"

— "Não irá lhe atrapalhar, Flávio?", perguntei.

— "Lógico que não!

Levarei o Sylvio Passos, também.

Vamos?"

— "Vamos, sim.

Muito obrigado!"

Olhei mais uma vez para Virgínia, que parecia mais corada.

Deve ser o vinho, pensei.

Nossos lábios se aproximaram uma vez mais, tocando-se num gesto rápido e fugidio.

Levantei-me, dizendo:

— "Eu te amo.

Não se esqueça de mim."

— "Você é quem eu procurava, Beto.

Eu também te amo!"

Beijei-a no rosto, afastando-me.

Ela relutou um pouco em soltar minha mão, até que, após um breve hiato de tempo, nossos dedos se separaram.

Pisquei para ela, que retribuiu com um sorriso.

Despedi-me, a seguir, de todos, desejando aos familiares de Frank que fizessem uma boa viagem.

— "Boa viagem, Virgínia!", falei, antes de sair do quiosque.

Frank acompanhou-me até o BMW 750 ia LHL do Flávio.

Chegando ao carro, ele me abraçou como um pai abraça seu filho.

— "Até breve, amigo.

Quando estiver para retornar, enviarei um cartão, informando-lhe a data de minha chegada."

— "Muito obrigado por tudo, Frank.

Você é mesmo quem eu procurava."

— "Há algo mais que você queira me perguntar, Beto?"

— "Sim, Mestre.

Nesses anos todos, procurei incessantemente por uma definição de Deus.

Nunca encontrei nada que me satisfizesse.

Sei que você é um Grande Iniciado.

Seria pedir demais, que você me desse tal definição?"

— "Beto, meu filho, cada Iniciado encontra uma definição para Deus.

O saudoso Raul Seixas encontrou-a, colocando numa música:

'Gíta'.

Mestre Franz Bardon nos deixou um belo e curto poema, transcrito no seu livro 'Frabato'.

Vou escrevê-lo para você.

Leia-o num momento especial, deixando-o, para sempre, gravado em letras indelévels no seu espírito imortal."

Frank apanhou um bloquinho de anotações do bolso da calça, retirando a caneta do bolso da jaqueta.

Escreveu alguma coisa, dobrando o papel em quatro partes.

Colocou o papel assim, dobrado, no bolso de minha camisa.

— "Deus o acompanhe, Beto.

Siga a Luz rumo ao caminho da Providência Divina!"

Sorri para Frank.

Aquele homem magnânimo era mesmo a personificação do Arcano IV.

Entrei no carro, no banco da frente.

Sylvio já havia se acomodado no banco traseiro.

Flávio deu a partida, inseriu um K7 no toca-fitas, partindo a seguir.

Saímos pelo mesmo portão alto e imponente, que parecia isolar o mundo profano da morada daquele homem especial, Frank Kaiser.

Ao longo do trajeto, ouvindo a fita de 'jazz', baixinho, Flávio e Sylvio conversaram sobre ufologia.

Eu me limitei a ouvir, dizendo um 'hum, hum' de vez

em quando...

Flávio perguntou qual o nome da minha rua.

Eu respondi, ao que ele retrucou com um – "Sei onde é!".

Ele resolveu deixar o Sylvio antes, pois esse morava mais próximo do que eu.

Deixando Sylvio em sua residência, tomamos o rumo de minha casa.

Flávio perguntou-me como eu conhecera Frank.

Contei-lhe, resumidamente minha história.

— "Frank é um grande amigo, Beto.

Você tem um Mestre ímpar!"

Fiquei feliz em ouvir isso, embora já tivesse certeza.

Chegamos na rua em que eu morava.

Flávio perguntou qual o numero de minha casa, ao que eu apontei dizendo:

— "Aquela!"

Ele dirigiu o carro até a porta de minha residência.

— "Muito obrigado, Flávio.

Você quer entrar?"

— "Obrigado, Beto, mas estou um pouco cansado."

— "Gostaria muito que você aparecesse aqui em casa!

Você poderá vir num dia desses?"

— "Virei, com certeza!

Telefone-me, que combinaremos!"

Desci do carro, fechando a porta do mesmo.

Flávio aguardou que eu entrasse.

Fiz um sinal de 'adeus' com a mão.

Ele retribuiu, saindo com cuidado.

Já dentro de casa, tranquei a porta.

Meus pais já dormiam.

Era mais de meia-noite e meia.

Dirigí-me direto para o meu quarto.

Troquei de roupa, colocando meu pijama de flanela.  
Fui ao banheiro, escovar os dentes.  
À seguir, voltei para meu quarto, deitando-me logo.  
Como o dia havia sido muito movimentado, eu estava  
ligeiramente cansado.  
Adormeci logo.



Acordei na manhã seguinte, pouco depois das oito horas.

Abrí a cortina, depois a veneziana.

O dia estava ensolarado, maravilhoso.

O céu azul, sem uma nuvem, era inspirador.

Lembrei-me de Virgínia.

Já estava sentindo saudades!

Quantas mudanças eu experimentara nos últimos meses!

Todas para melhor.

Nesse momento, lembrei-me do papelzinho aonde Frank havia atendido minha solicitação, definindo Deus.

Eu o esquecera no bolso da camisa, que jazia na cadeira, próxima da cama.

Apanhei o papel, desdobrando-o.

Antes de lê-lo, dei mais uma olhada para aquele céu esplendoroso.

Sim, este era o tal 'dia especial' a que Frank se referira, ao recomendar o momento certo para ler sua definição da Divindade.

Olhei para a folha de papel, aonde Frank havia escrito, em letras de forma:

'EU SOU A CHAMA QUE ARDE ETERNAMENTE,  
EU SOU A RESPIRAÇÃO QUE JAMAIS CESSARÁ,  
EU SOU A LUZ QUE SEMPRE BRILHOU  
DESDE O PRINCÍPIO,  
SAGRADO, SAGRADO É MEU NOME.'

— FIM —

**© 2000,2006 J. R. R. Abrahão**  
**supervirtual@supervirtual.com.br**

Uma publicação eletrônica da EDITORA SUPERVIRTUAL  
LTDA.

Colaborando com a preservação do Patrimônio  
Intelectual da Humanidade.

WebSite: <http://www.supervirtual.com.br>

E-Mail: [supervirtual@supervirtual.com.br](mailto:supervirtual@supervirtual.com.br)

(reprodução permitida para fins não-comerciais)

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

---

Novembro 2000

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

**VOCE FOI ROUBADO!**

Você tem este e muitos outros títulos

**GRÁTIS**

direto na fonte:  
[eBooksBrasil.org](http://eBooksBrasil.org)

Edição em pdf  
[eBooksBrasil.org](http://eBooksBrasil.org)

---

Março 2006